



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado
Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Aline Miranda Schwartz de Araújo

**Oficinas Itinerantes: uma ideia, um obstáculo, um movimento
constituente de subjetividades**

UBERLÂNDIA

2011

Alíne Miranda Schwartz de Araújo

**Oficinas Itinerantes: uma ideia, um obstáculo, um movimento
constituente de subjetividades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Maria Lúcia Castilho Romera

UBERLÂNDIA

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A663o Araújo, Aline Miranda Schwartz de, 1976-
 Oficinas itinerantes [manuscrito] : uma idéia, um obstáculo, um
 movimento constituinte de subjetividades / Aline Miranda Schwartz
 de Araújo. – 2011.
 170 f.

 Orientadora: Maria Lúcia Castilho Romera.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
 Inclui bibliografia.
 1. Psicologia aplicada - Teses. 2. Saúde mental - Teses. I. Rome-
 ra, Maria Lúcia Castilho. II. Universidade Federal de Uberlândia.
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.99

Alíne Miranda Schwartz de Araújo

**Oficinas Itinerantes: uma ideia, um obstáculo, um movimento
constituente de subjetividades**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado,
do Instituto de Psicologia da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito
parcial à obtenção do Título de Mestre em
Psicologia Aplicada.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera
Orientadora (UFU)

Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino Da Silva
Examinador (UFU)

Prof^a. Dra. Leda Maria Codeço Barone
Examinadora (UNIFIEO)

Uberlândia, 15 de Abril de 2011.

*Esse trabalho é dedicado à
três pais que viraram escrita
e deixaram seus traços
nesta dissertação
e em nossa itinerância.
Ruy, Ademir e João Francisco.
Nossa admiração e saudade.*

AGRADECIMENTOS

“A preferência por uma forma, ou mesmo a existência de uma preferência, dependem frequentemente de tendências gerais do pensamento, profundamente enraizadas”.

Ludwig Wittgenstein

Aos meus filhos Gabriela e Francisco pela vida, pelo amor e pelo tempo precioso que construímos juntos.

Ao meu marido Fernando Duarte pelos dias brancos.

Aos meus pais, Leila e Ruy Schwartz pelo amor e pela prática do cuidado.

Aos meus irmãos Walber, pelas palavras cheias de incentivo e, Wagner, pelo vigor crítico da intervenção.

À minha querida orientadora Maria Lúcia Romera, pela coreogeografia que construímos juntas.

Aos Miranda Schwartz pelas formas sensíveis de convívio.

Aos Duarte de Araújo, que também são Figoli e Sevilhano, pela família que se construiu. Em especial pelo olhar do cunhado, Prof. Dr. Fábio Duarte, no início deste trabalho.

Aos meus amigos e parceiros de trabalho, Christiane Nascimento e José Alberto Roza Júnior, pelo exercício da itinerância e pela experiência da fraternidade!

À Marcela e Mariana, pela metáfora de família.

Às amigas do mestrado que fizeram o Francisco dormir!

À Fernanda Nacam pelas histórias que construímos juntas por aqui e por ali.

À Fernanda Bevilaqua pelo corpo itinerante.

Aos professores Ricardo Wagner e Luís Avelino pelas contribuições preciosas na qualificação deste projeto.

Ao professor Luis Gonzaga Falcão Vasconcellos e ao amigo prof. Dr. Luciano Candioto por se disporem a me auxiliar no entendimento da complexidade de Milton Santos.

A Equipe TRILHAS pela Deriva.

Aos professores doutores Caio César Prochno, João Luíz Paravidini, Emerson Fernando Raser, pelas aulas que marcaram minha trajetória.

À querida Marineide, Secretária do Programa PGPSI, pela disponibilidade, competência e paciência.

Às amigas da Escola da Cidade, em especial a Liz Vitorino, Débora Mendonça e Esther Guimarães por torcerem e acreditarem nesse processo.

Aos amigos do SUPRA e grupo de Teoria dos Campos pelas considerações.

Aos alunos de Psicologia Institucional e Comunitária que possibilitaram o aprendizado da docência.

À Rita Mendes e a Priscila Rodrigues, pela disponibilidade em ajudar nas regras básicas deste trabalho.

A todos amigos da rede Facebook pelas as trocas em tempo real. Especialmente Mariana Pelizer e Gabriela Martins.

A todos osicineiros que passaram pela Oficina Clínica de Psicologia e pelo Espaço de Expressões.

E, por fim, aos protagonistas desta história. Aos pacientes e suas famílias que acreditaram nessas investigações. Para vocês, o meu agradecimento especial, pois esta pesquisa é a consolidação de seus conhecimentos itinerantes.

Eu acredito que a coisa mais importante
é ter uma vida satisfatória, isso é o bastante.
Estou convencida de que todos que creem
que podem completar
a outra pessoa se equivocam.
Porque esquecem que todo o mundo é e
sempre será incompleto,
e que seguirá sendo vulnerável a uma nova crise,
provocada pela experiência de novas percepções.

Lygia Clark

RESUMO

O Conceito de Oficina no âmbito da saúde e de educação vem sendo gradativamente elaborado e a ação a que dele se desdobra tem sido muito utilizada em centros de saúde – CAPS – escolas e outros dispositivos que estão postos. No presente trabalho, adjetivamos as oficinas com ITINERANTE. Trata-se de uma reflexão feita a partir de algumas perguntas que surgiram quando estávamos ministrando oficinas terapêuticas em um casarão antigo em um bairro da Cidade de Uberlândia/Minas Gerais (Brasil), onde havia um imenso quintal. Esse era um lugar protegido de muitos olhares estrangeiros ou de estranhamento. Talvez, ainda escondidos, mas ocupando um lugar intermediário entre o dentro e o fora. No entanto, “no meio do caminho havia uma pedra”, a clínica passou por uma crise e resolveu fechar as portas. E fomos para rua, dando início às oficinas em diversos pontos da cidade. Nossa vivência tem a sua ancoragem nos estudos de Fábio Herrmann, que nos apresenta a Clínica Extensa como uma extensão do método psicanalítico para o mundo, ou seja, para a produção de sentidos humanos e na Geografia de Milton Santos, que diz: “Tudo está sujeito a lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se”. Nosso questionamento é: depois de delimitado o espaço da loucura nos conceitos científicos, sociais e culturais, como pode ser reconstruído seu espaço particular e subjetivo na sociedade contemporânea? No campo da interlocução entre duas ciências, com dois autores brasileiros contemporâneos, engajados com as reflexões supracitadas, objetivamos acessar e construir saberes a partir das relações nas ruas de uma cidade que precisa ser reinventada para ousar recuperar sua humanidade.

Palavras-Chaves: Saúde Mental, Clínica Extensa, Território e Movimento

ABSTRACT

The Concept of Workshop on health and education has been gradually developed and the action that unfolds it has been widely used in health centers – CAPS – schools and other devices that are in place. In this paper, we added an adjective to 'Workshop' as TRAVELING. This is a reflection made from some questions that arose when we were ministering therapeutic workshops in an old house in a neighborhood of the city of Uberlandia/Minas Gerais (Brazil), in its huge backyard. This was a safe place saved from foreign or surprised outsiders-looks. Perhaps, it's still hidden, but occupying an intermediate place between the inside and outside. However, 'there was a stone in the middle of the path', the clinic has gone through a crisis and decided to close the doors. We decided to develop the workshops in various parts of the town. Our experience has its anchorage in Fabio Herrmann's studies, which introduces us to Extensive Clinic, which is the extension of the psychoanalytic method to the world, i.e., for the production of human senses. And the geography of Milton Santos said, 'everything is subject to the law of motion and renovation, including the sciences. The new is not invented, it is discovered'. Our question is: after the limited space of the 'craziness' brought in the scientific, social and cultural concepts, how its private space and subjective elements can be re-built in a contemporary society? Entering the field of dialogue between two sciences, two Brazilian contemporary authors, engaged with both reflections, we aim to access and build knowledge from the relationships that arise from streets of a city that needs to be reinvented for daring to reclaim their humanity.

Key Words: Mental Health, Extensive Clinic, Planning and Movement

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo1 – Oficinas terapêuticas: Mapeando seu Caminho	17
1.1 Para quê? Para quem? Por quê?	24
Capítulo 2 – A prática insustentável: o início e o fim de uma pesquisa	31
2.1 (O.I.) Oficinas Itinerantes: a rua e o passeio	36
2.2 Um Espaço Expressões	49
2.3 A Grafia de um Traçado Interpretativo	57
Capítulo 3 – A olho nu: observando o outro lado da rua	72
3.1 Te Pago um café no seu Zé	76
3.2 Ele, Dom Quixote. Eu, Sancho Pança	93
3.3 Uma história com Vários Pés e Cabeças	121
3.4 Entrelaça-mentes: As possibilidades da rua	146
Capítulo 4 – Considerações Finais: Por um movimento Pós-Antimanicomial	150
5 – Referências	155
ANEXOS	166
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	167

INTRODUÇÃO

“O queres e o estares sempre a fim
 Do que em ti é em mim tão desigual
 Faz-me querer-te bem, querer-te mal
 Bem a ti, mal ao queres assim
 Infinitivamente impessoal
 E eu querendo querer-te sem ter fim
 E, querendo-te, aprender o total
 Do querer que há, e do que não há em mim”.
 (Caetano Veloso “O Queres”)

Recontar os muitos caminhos, estradas e lugares, concordâncias e dissonâncias, embriagados de “quereres”, é parte da construção desta dissertação, que versa uma história com a prática de Oficinas Terapêuticas. É um conto das várias vivências, encontros, desencontros e despedidas. E, se é verdade o dito popular que “quem conta um conto aumenta um ponto”, temos aqui alguns devaneios para nenhum Dom Quixote colocar defeito.

Sendo assim, pretende-se, inicialmente, tecer comentários sobre questões que norteiam este trabalho e sobre como surgiram as Oficinas Itinerantes. Toda esta história teve seu início com um convite para fazer um coro cênico em uma Oficina Terapêutica. Fazendo Surgir um pensamento: como interferir em um lugar ou espaço onde a arte é possível de ser redescoberta naqueles que parecem não apenas desprovidos dela, mas da própria vida?

Chico Buarque, na música “A cidade dos Artistas”¹ diz:

1 Faixa 4 do Álbum: “Saltimbancos Trapalhães”, 1981.

Ser artista
 Na cidade
 É comer um fiapo
 É vestir um farrapo
 É ficar à vontade
 É vagar pela noite
 É ser um vaga-lume
 É catar uma guimba
 É tomar uma pinga
 É pintar um tapume
 É não ser quase nada
 É não ter documento
 Até que o rapa te pega
 Te dobra, te amassa
 E te joga lá dentro

E a loucura possui também esta condição de “sem lenço e sem documento²”, de passear pelas margens das ruas, de atrair olhares de desconfiança. Mas como entrar nesta história de entrelaçamentos?

Sobre um movimento de construção desta nova clínica versará o 2º Capítulo desta dissertação e para traçar tal percurso, que é a investigação de uma nova clínica pensada a partir das Oficinas Itinerantes, advindas do fechamento de um espaço e revisitada pelos olhares de seus usuários, recorrer ao método psicanalítico se faz necessário, pois, longe de ser um procedimento, é muito mais um deixar e “fazer brotar, do estudo de algumas relações humanas, as estruturas profundas que as determinam” (Herrmann, 1993, p.134). O método é a interpretação de um ou vários campos – inconsciente. Nesse sentido, a Teoria dos Campos³ torna-se um terreno

² Verso da canção “Alegria, Alegria” de Caetano Veloso que fez parte do repertório do primeiro LP individual lançado em janeiro de 1968, intitulado “Caetano Veloso”.

³ “A Teoria dos Campos é um instrumento de comunicação. Ela visa desbanalizar o conhecimento psicanalítico e aumentar sua permeabilidade capilar ao real e às disciplinas do homem”. (HERRMANN, 2001a p.14) Fábio Herrmann após sua dedicação aos estudos psicanalíticos embasado em seu

fértil, aberto ao desabrochar do conhecimento, possibilitando seu desvelamento, seus possíveis. Aqui, o psicanalista também possui função de agente de transformação social e faz isto pela sua escuta, pela sua aposta no sujeito, redescobrendo novas formas de dialogar com a loucura e intermediando suas relações com a sociedade.

O método psicanalítico, ou seja, ruptura de campo, é um momento de desorganização do psiquismo na medida que se rompe com as regras da rotina ou senso comum, por ser um caminho de descobertas e surpresas é inerente à ele estar sempre à frente com algo novo, um porvir. Como afirma Romera, Cândido, Campos e Alvarenga (2008) “Podemos utilizá-lo nas Oficinas Terapêuticas, pois está comprometida em compreender e interpretar os fenômenos humanos agindo como potencializadora de ressignificações simbólicas”. (p. 217)

Ainda neste capítulo, iremos explorar questões sobre a rua e o passeio, fazendo uma articulação com a Psicanálise, na perspectiva de Fábio Herrmann, e a Geografia, pelo olhar de Milton Santos entrando no campo da interlocução entre duas ciências, com dois autores brasileiros contemporâneos, o que nos possibilita a pensar no divã a passeio, movimentando-se. Esperamos, nestas reflexões, acessar e construir saberes a partir das relações nas ruas de uma cidade que precisa ser reinventada para ousar recuperar sua humanidade.

As Oficinas Itinerantes têm o seu início revelando a Psicanálise e a Geografia em movimento. Esta oficina construída “ao acaso” mostra possibilidades de apropriação da cidade em que pacientes podem fazer aulas de dança e computação ou comprar suas próprias roupas, escolher o que querem comer, como também, ir ao museu, ao cinema, ao teatro, adquirir CDs e DVDs, andar de ônibus e mesmo a pé, dizer sim e não. Tais questões, tão cotidianas parecem tão simples para nós, mas são

referencial teórico nos mostra o caminho para romper fronteiras: podemos pensar a psicanálise em movimento, tanto no que se refere à comunicação entre as várias escolas psicanalíticas, quanto na articulação com o conhecimento para além da própria psicanálise. Como: dialogar com outros autores como Deleuze e Guattari, com a literatura de modo particular, com a música e, neste trabalho, especificamente, com a geografia de Milton Santos.

verdadeiras conquistas, para alguém que foi, durante anos, esquecido em quartos e jardins de instituições psiquiátricas.

Lima (2010) disserta que no Brasil, em 1830 aos loucos era permitida a circulação pela cidade. Até a diferença começar a incomodar, o que levaria a discussão sobre a situação da loucura na cidade. Segundo Machado (1978):

a crítica dos médicos era de que os loucos ou vagavam pelas ruas, ou ficavam isolados nas suas casas, ou eram encontrados em 'cárceres' de Hospitais que não ofereciam condições para abrigar medicamente e recuperá-los e, assim, lançaram uma nova palavra de ordem: aos loucos o hospício. (p. 376)

No momento em que a loucura passa a ser reconhecida como desordem, sujeira e obstáculo ao crescimento econômico, a cidade é tirada da loucura. "O isolamento da sociedade não visa uma simples exclusão de suas fronteiras, mas uma possibilidade de reinserção do alienado na sociedade depois de sua reabilitação através de um tratamento" (Machado, 1978, p.439). É de conhecimento, que esta inserção virou uma grande luta travada até os dias atuais com a Reforma Psiquiátrica sinalizando que o isolamento completo do louco apenas alimentou o descaso, reduzindo o sujeito à sua loucura. A sua livre circulação não foi indicada uma vez que o louco deveria ser submetido a um olhar vigia para conter quaisquer ameaças à ordem social. Como diz Santos (2001):

No meu modo de ver, a cidade é um campo de forças, como todo território ela é um campo de forças, é o lugar primordial da contradição com que o mundo se debate hoje.(...) O futuro é a escolha de caminhos para enfrentar as contradições⁴. (Comunicação pessoal)

⁴ Entrevista com Milton Santos por Carlos Tibúrcio e Silvio Caccia Bava. (<http://www.polis.org.br/publicacoes/artigos/entrevistamiltao.htm>)

A cidade é um espaço de luta, então, o lugar da loucura na cidade só poderia existir se a loucura sobrevivesse a esta guerra de forças. Mas, como se esta como minoria é isolada e excluída do campo social?

Encerrando-se a batalha entre a sociedade e a loucura, faz-se a reclusão de desordeiros, alcoólatras, mendigos ou indesejáveis aos asilos, inserindo-se uma normatividade em que afinal, todo aquele que perturbasse a tranquilidade pública poderia ser conduzido ao asilo. Foram muitos anos de silêncio. E, como desconstruir o asilo instaurado nos corpos e no espaço vital dos loucos? Se mesmo na atualidade a loucura sempre pediu, e ainda pede licença para entrar em qualquer lugar, seja o espaço público ou não?

No terceiro Capítulo, apresentamos o relato das vivências nas Oficinas Itinerantes, contada por Dasdores, Dom e Júnior e pela própria entrevistadora. Evocações eram feitas e produziam deslizos. Na transcrição das gravações novas lembranças, associações, constituíam uma narrativa que já não era nem do(s) entrevistado(s) nem da entrevistadora, mas do que advirá do(s) campo(s) que estruturaram aquelas relações. O olhar de três integrantes das Oficinas Itinerantes, na verdade, versa sobre o olhar da loucura, a cidade e a contemporaneidade.

A escolha do número de usuários segue o método psicanalítico em que, para Herrmann (1993) “é essencial que o candidato reconheça um problema real, sobre ele se debruce, deixe que esse problema fale de sua própria importância, exiba as estruturas geradoras de sua importância, de sua significação humana, forte.” (p.143) Em seguida, ao invés de partir para uma teoria, partir para outro caso, que também vai se revelar... E para um terceiro.

Depois usar o primeiro sobre o segundo. Calcar sobre o segundo . (...) Os dois juntos promovem uma espécie de matriz ou rede que determina certos pontos Então, no terceiro, aplica essa teoria para romper seu campo. Agindo assim, afasta-se a teoria psicanalítica como algo misterioso e sem sentido e passa a entender seu funcionamento,

dialogando com o referencial teórico, mas não adequando o caso pesquisado em uma teoria previamente estabelecida. (Ibid)

Finalmente o último capítulo leva a refletir alguns efeitos produzidos por tal práxis em todos aqueles que nela se implicaram. Desse modo, pretende-se que a pesquisa aqui proposta possa beneficiar a rede de saúde mental (usuários, familiares e comunidade), bem como pesquisadores; visto que, toda a produção de conhecimento na área de Oficinas Itinerantes sirva a fins acadêmicos e práticos gerando diálogo entre a Geografia e a Psicanálise, bem como a construção de uma nova forma de se conceber as Oficinas Terapêuticas.

Um parêntese na introdução para uma breve reflexão: Ao introduzir os dois autores, em que está embasada a teoria desta pesquisa, foram usadas entrevistas feitas a estes, transcritas e publicadas. Tais fontes, em geral, são pouco valorizadas no meio acadêmico. Um convite a refletir sobre este novo “acaso”, agora revelado pela escrita:

Barone (2006) diria:

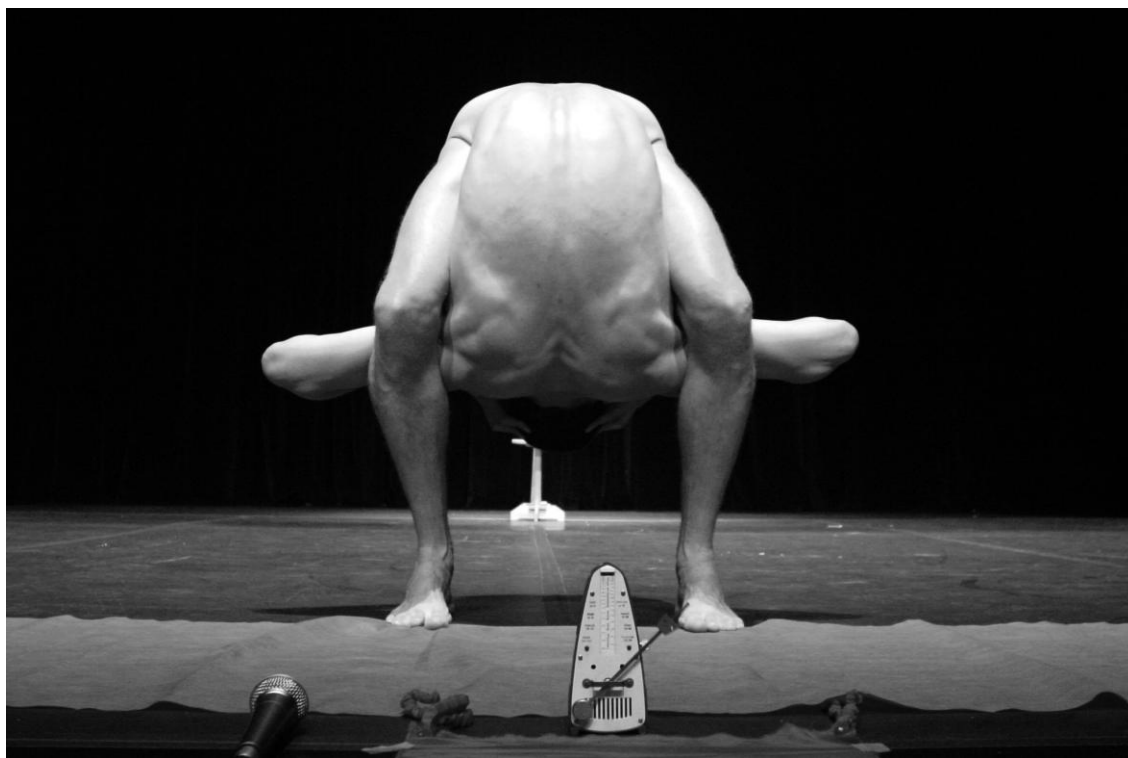
O analista, quando escreve, não é movido apenas por interesse científico. Algo mais lhe põe as mãos à pena exigindo seu trabalho de escrita. Sendo seu trabalho híbrido, de interpretação, o analista é movido tanto pelas inquietações que seu ofício lhe impõe quanto pela força criadora da palavra. A escrita do analista então é um momento teorizante da clínica – de consultório ou extensa – que conjuga verdade e poesia, ficção verdadeira. A escrita permite afastamento do jogo transferencial, vivo e turbulento, como paciente favorecendo ao analista recobrar a capacidade de pensar. Também permite a comunicação com seus pares, o confronto de ideias (p. 228 - 229).

Neste caso, revela-se o sentido do olhar e da escuta para o “marginal”. Tal relação recorda o quintal que escondia as práticas terapêuticas descritas neste trabalho e, talvez, as entrevistas fiquem empilhadas e empoeiradas nos quintais acadêmicos. Assim sendo, esta relação revela a sua potencialidade de prestar-se a

apresentar Herrmann e Santos com suas próprias vozes. A entrevista é olho no olho, fala por fala, menos elaborada, mais direta, uma conexão mais forte entre o pensador e o leitor. E a fala do louco? Não seria também despida de tanta elaboração eloqüente, direta, viva? De igual modo a fala do psicanalista erigida por des-vão e surpresas desruptivas. “E finalmente, a escrita deixa restos para novas investigações” (Ibid p.228). “[...] Ah Bruta Flor Do querer, Ah! Bruta Flor, Bruta Flor” ⁵.

⁵ Caetano Veloso, música “Os Quereres”.

1. Oficinas Terapêuticas: Mapeando seu caminho



6

Pensar em oficina sob a ótica de um território conquistado, mas em constante ameaça de ser centrifugado para a carta geográfica da dominação, é tê-la em um espaço que é e deve ser transitório e isso só pode se dar em um contínuo movimento de construção e reconstrução.

Ressaltando a ideia do terapêutico, em que a convivência está atrelada à recuperação da vivência cotidiana em seus aspectos: sócio-afetivos e na constituição de novas seleções sociais e geográficas, através do reconhecimento dos espaços da cidade, narrar os vários caminhos da construção de um dispositivo nomeado Oficinas Terapêuticas, é um convite para o entrelaçamento entre Geografia e Psicanálise.

As Oficinas Terapêuticas encontram-se em plena apropriação de território e construção de um novo espaço (tanto subjetivo, quanto geográfico), deixando o restrito manicômio para outras localizações, mesmo que ainda ocupem lugares afastados.

⁶ Wagner Schwartz em Transobjeto. Rumos Itaú Cultural Dança 2003-2004

Milton Santos (1994a) aponta:

Tudo começa com o conhecimento do mundo e se amplia com o conhecimento do lugar, tarefa conjunta que é hoje tanto mais possível porque cada lugar é o mundo. É daí que advém a possibilidade de ação. Conhecendo os mecanismos do mundo, percebemos porque as *intencionalidades estranhas [grifo meu]* vêm instalar-se em um dado lugar, e nos armamos para sugerir o que fazer no interesse social. (p.116-117)

Sob esta ótica, a loucura marginalizada se instala em um lugar não muito diferente: afastada do centro da cidade. Revelando que em cada espaço ocupado há interesses, poderes e construções. Santos e Silveira (2005) partem de um conceito central “território em uso” para designar a profunda imbricação entre os artefatos e as técnicas que transformam os espaços, com a política, a economia e as relações que conferem direção e sentido a essas transformações. Deixam claro que as mudanças ficam registradas nas diferentes escalas com que o território é apropriado e construído. Mostrando-nos que o empírico no físico se revela.

Milton Santos nos traz a geografia crítica que propõe romper com a ideia de neutralidade científica (da geografia ortodoxa) para fazer da geografia uma ciência apta a elaborar uma crítica rigorosa à sociedade capitalista pelo estudo do espaço e das formas de apropriação da natureza, trazendo os conceitos concretos do mapeamento espacial para o mapeamento subjetivo. A Teoria dos Campos, por sua vez, nos mostra a psicanálise em movimento que implica tanto no espaço como na extensão do método psicanalítico, e também critica a ortodoxa clínica psicanalítica.

Herrmann (2003a) diz:

Em Freud, a psicanálise ocupava uma área muito maior que a terapia de consultório; depois, dentro do movimento psicanalítico, não se expandiu, encolheu. A teo-ria psicanalítica, por seu lado, adaptou-se à prática, transformando-se em psicologia individual

e à formação, dividindo-se em sistemas doutrinários escolásticos. (...) Os mesmos acordos políticos que determinaram os centros do poder psicanalítico convencionaram a extensão permissível da clínica e, por tabela, o nível de sua teorização, definindo assim a clínica padrão e a teoria padrão. (...) Hoje, a crise da clínica-padrão força mesmo os grupos mais recalcitrantes a praticarem uma clínica extensa, que se assenta, porém, por equívoco, nas teorias-padrão das escolas, ou, com certa frequência, numa versão ainda mais simplificada destas; quando, ao contrário, a clínica extensa exige um grau mais elevado de teorização: a “alta teoria” - a região que se estende a metapsicologia acima até o método psicanalítico. (...) A evolução do pensamento científico, por conseguinte, condensa constantemente teoria em procedimento, o qual, como forma concentrada daquela, entra em combustão espontânea de tempos em tempos, exalando mais teoria. Na psicanálise, a forma condensada da teoria, do procedimento, é a clínica em toda a sua pujante extensão de direito. Ao destilar-se outra vez em teoria, dela resulta uma “metapsicologia clínica”, que, em vez de se enraizar em postulados ontológicos, como impulso, aparelho psíquico ou desenvolvimento primitivo, se funda nos conceitos metodológicos responsáveis pelo ato analítico, como por exemplo, o de ruptura de campo. Tal “metapsicologia”, que apenas nas últimas décadas começa a vislumbrar-se, tende a sublimar os postulados ontológicos, resignificando-os como epistemologia concreta, ou seja “alta teoria”, sem os perder, sem os abandonar. (pp.79- 80.)

Herrmann discute a história da psicanálise como resistência à própria psicanálise; ou seja, a influência ambígua da terapia de consultório e do movimento psicanalítico sobre a criação e desenvolvimento da ciência da alma humana. Traçado este panorama conceitual da Geografia Crítica e da Psicanálise Extensiva, seguimos em frente mapeando a trajetória das Oficinas Terapêuticas e suas relações entre loucura, espaço e sociedade.

Os serviços substitutivos nascem com o intuito de restabelecer a cidadania da pessoa com transtornos mentais através da desconstrução do modelo asilar de atenção à saúde mental. Algumas questões nascem da raiz deste movimento. Serão as oficinas constituintes de algo novo? Ou repetirão, dissimuladamente, o modelo asilar? Estas interrogações já foram problematizadas por vários pesquisadores:

Baptista (2003) nos propõe a pensar que:

O uso de modelos fixados a duras identidades alheias ao cotidiano poderá fomentar, até mesmos nos profissionais empenhados na consolidação da reforma psiquiátrica, equívocos políticos que poderão traduzir a luta contra a lógica manicomial em um superficial deslocamento de território, isto é, uma transposição do manicômio para outros espaços destituídos de muros e de exclusão. (p 226)

Rauter (2000) aponta que “as oficinas serão terapêuticas ou funcionarão como vetores de existencialização, caso consigam estabelecer outras melhores conexões que as habitualmente existentes entre produção desejante e produção da vida material” (pp. 269-270)

Dimenstein e Cedraz (2005) advertem que:

Enquanto algumas produções científicas entendem as oficinas como geradoras, outras pretendem discutir as oficinas expressivas, relacionando a arte a ideias afeitas à desinstitucionalização. Entendo-as como territórios da criação e da transformação e, portanto, de desconstrução de velhas formas estabelecidas de existência. (p. 308)

Oliveira e Passos (2007) refletem que a clínica é inseparável dos processos de gestão de trabalho que estão sendo forjados nestes espaços, visto que a atitude terapêutica no serviço deve ser pautada por novas formas de agenciar cuidado, acolhimento e estratégias de contrato. Demanda-se do profissional que nela atua, uma abertura à força da alteridade e da diferença, de modo a desconstruir as ideias de tutela, periculosidade e incapacidade do louco que ainda permeiam tantos encontros, fazendo com que o próprio técnico finde a reproduzir o controle manicomial dentro de um serviço que tem como proposta a desinstitucionalização. Assim, a noção de terapêutico, passa também por uma modificação nessa outra lógica trazida pela reforma.

É necessário intentar que interessa-nos, a partir de algumas questões que delinearam tal movimento, mapear alguns desdobramentos ou saídas, para aquilo que vem sendo considerado como engessamento ou aprisionamento, enredado no modelo asilar dos dispositivos que dele vieram, enquanto contraponto ou alternativa.

Particularmente, o que aqui denominamos Oficinas Itinerantes (O.I.), é um trabalho que emergiu em uma temporalidade e espacialidade do acaso e que possibilitou a ascensão de reflexões interpretativas acerca do que é oficina para aqueles que nelas se inscrevem ou são inscritos. Sua lógica de constituição no movimento da luta antimanicomial, os revezes pelos quais os dispositivos têm passado e as saídas dos revezes pelos quais tanto o movimento luta antimanicomial como os dispositivos podem constituir.

Dimenstein e Liberato (2009) dizem que:

A desinstitucionalização da loucura não visa apenas a uma mudança burocrática, administrativa ou técnica. Ela objetiva, fundamentalmente, a criação de outras formas de se lidar com aquilo que aparece como diferença radical, seja no que se refere ao atendimento e aos conceitos que sustentam determinadas práticas, seja no campo social, político e cultural. Assim, desinstitucionalizar ultrapassa o contexto estrito da saúde mental e nos faz perceber os atravessamentos, nem sempre explicitamente enunciados, que regulam de determinada maneira, nossos modos de vida e mantêm, em muitas ocasiões, nossos sutis desejos de clausura. (p.166)

A palavra “oficina” pode nos remeter a um lugar onde se conserta ou se remenda algum estrago. De fato, se pensarmos em oficinas, em saúde mental poderíamos, de certa forma, reverter esse pensamento cristalizado a um outro em que a sociedade retrata-se com a loucura, que aprisionou por vários anos.

As oficinas estariam, segundo Guerra (2004), num campo inédito, numa interseção entre o lugar da clínica especificamente, de um lado, e o lugar das atividades coletivas, de cunho eminentemente sociopolítico, de outro. Elas estariam no

campo do tratamento possível da psicose, da clínica ampliada, que une política e clínica. Esse novo campo consistiria, prioritariamente, em respeitar o louco, pessoal e civilmente, para poder circular pela cidade sendo, que essa, de alguma forma exercitaria a tolerância evitando o preconceito existente que o retira da cena social. A cidade encontraria, a partir de seus próprios modos, uma forma particular de convivência.

Campos (2005) tece a ideia de que cada oficina é uma construção de sua prática por seus participantes-praticantes quando afirma:

As oficinas (que me atrevo sempre a escrever no plural quando se refere ao instrumento, ao dispositivo “oficinas”) são uma ideia de produção de um espaço, do espaço da oficina (que no singular é a ideia concretizada, a atividade ou/e o espaço do grupo em si). Este espaço subjetivo (oficinas que se instalam na realidade como “oficina”) quando ligado à arte, como é o caso das oficinas de teatro, gera uma possibilidade de expressão transformadora. (p.25)

Continuando nesta mesma linha de pensamento encontro em Lopes (1996, p. 32 citado por Galleti 2004) uma definição que vem dar cor e voz de Campos: “um dispositivo quase sempre experimental que não segue uma fundamentação teórica rígida nem um modelo padrão de funcionamento, um dispositivo que é essencialmente construído no cotidiano por seus pacientes e técnicos.” (p.32)

Neste mesmo movimento Lélis e Romera (1997) definem oficinas terapêuticas como uma maneira de re-construir quando relatam:

Nossas oficinas talvez sejam, simplesmente, novas maneiras de se tratar antigas questões. Tentamos reinventar o encontro e o desencontro entre uma lógica da razão e uma da desrazão, entre uma lógica do que se espera e uma lógica da própria espera, entre uma lógica que deveria ser e uma daquilo que é ou pode ser. (p. 41)

Sendo assim, as oficinas passam a exercer papel primordial, tanto como elemento terapêutico, auxiliando o usuário a inventar e re-inventar formas de viver, quanto como promotoras de reinserção social, através de ações que envolvem o trabalho, a criação de um produto, a geração de renda e a autonomia do sujeito.

Delgado, Leal e Venâncio (2003) identificam três caminhos possíveis para a realização de uma oficina. Sendo, o primeiro, um *Espaço de Criação* onde as oficinas utilizam-se da criação artística como atividade construindo um espaço que propicia a experimentação constante. O segundo como *Espaço de Atividades Manuais*, aqui a oficina utiliza-se do espaço para a realização de atividades manuais, faz-se necessário um determinado grau de habilidade para a construção de produtos úteis à sociedade. Os produtos dessas oficinas são utilizados como objeto de troca material. E, o terceiro, como *Espaço de Promoção de Interação*. Essa oficina tem como objetivo a promoção de interação de convivência entre os pacientes, os técnicos, os familiares e a sociedade. No entanto, as oficinas terapêuticas, segundo as autoras, correm o risco de prestar-se à normatização. Mas, a *reinserção*, a palavra que move este estudo deve significar *apropriação e interferência*. À medida que o paciente constroi seu caminho e re-descobre seu lugar, torna-se mais confiante para desfrutar dos dispositivos urbanos que a ele pertence, de maneira a poder sentir-se parte da história glocal⁷ recuperando assim sua cidadania.

Marcos (2004) aponta que:

As práticas rotineiras são um processo constante de apropriação do tempo e do espaço. Sendo assim, a regulação e o funcionamento do cotidiano transformam-se em um recurso terapêutico a mais na reabilitação psicossocial do paciente, na recuperação do uso do próprio corpo, do espaço e do tempo. O cotidiano pode, então, funcionar como suplência à ordem simbólica e como espaço de construção e presentificação de um outro menos invasivo. (p.179)

⁷ É um neologismo resultante da fusão dos termos globalização e localização. Refere-se à presença da dimensão local na produção de uma cultura global. O "local" foi definido por Manuel Castells (1999) como os "nós" - nós de valor acrescentado aos fluxos econômicos e lugares de vida social. Segundo Paul Soriano, no "glocal", o "local" representaria os "nós" da rede global e integra as resistências mas também as contribuições das formações identitárias locais e regionais à globalização.

Com este olhar inquietador, de que mesmo a prática das Oficinas Terapêuticas pode reproduzir a lógica manicomial, é colocado um desafio de romper com a reprodução e serialização. Machado e Lavrador (2007) afirmam a necessidade de resistir à re-produção de práticas manicomiais, bem como a imposição de modos de vida enrijecidos e tutelados, para que o cotidiano não seja a “[...] continuidade de uma pretensa ‘ordem natural’ de sujeição, de cronificação institucional e de desqualificação do outro, ao não se acreditar que os modos de vida possam ser transformados” (p.91). Para tanto, compartilhar experimentações nesse campo é imprescindível. Nesse sentido, o tópico seguinte insere algumas questões sobre as práticas das Oficinas Terapêuticas bem como a experiência das Oficinas Itinerantes em seus movimentos de crítica e inventividade.

1.1 Para quê? Para quem? Por quê?

Mas pra quê?
 Pra quê tanto céu?
 Pra quê tanto mar? Pra quê?
 De que serve esta onda que quebra?
 E o vento da tarde?
 De quê serve a tarde?
 Inútil paisagem.
 (Inútil Paisagem – Tom Jobim⁸)

⁸ Música composta por Tom Jobim e Eumir Deodato que deu nome ao LP “Inútil Paisagem”, no ano de 1964.

A partir dessas interrogações, coloca-se a prática-clínica das Oficinas Terapêuticas em questionamento. A preocupação já não é direcionada para a “cura” em si, mas para as novas formas de relacionar-se com o mundo. De acordo com Rotelli, Leonardis e Mauri (2001) “o problema não é a cura, a vida produtiva, mas a produção de vida, de sentido, de outras sociabilidades, a utilização das formas dos espaços coletivos de convivência dispersa” (p.30). Assim, na tentativa de responder estas questões, vamos dialogando com pensadores que já haviam buscado um caminho para esta prática clínica.

Segundo Valadares, Lappann-Botti, Mello, Kantorski e Scatena (2003)

Uma oficina se torna terapêutica de fato quando dá ênfase na relação terapeuta-paciente, na importância do pertencimento a um grupo, na convivência e na comunicação com o outro. Para isso, o usuário deve ser sujeito do processo, criar autonomia no pensar, ter capacidade de planejar o próprio trabalho e participar do processo de gestão. (p.8)

Cândido, Alvarenga, Campos & Romera (2008), afirmam que as Oficinas Terapêuticas são uma modalidade de atendimento em saúde mental em que terapeutas – amigos que acompanham-se propõem a cuidar (estar ao lado) das pessoas com sofrimento psíquico compartilhando de diferentes atividades ou ofícios. O estar ao lado enquanto uma disponibilidade para cuidar, o levar em conta, o tomar em consideração, nos remete ao valor terapêutico das oficinas.(p.215)

Estamos falando de pacientes psicóticos, que foram retirados do circuito social e que possuem uma forma de organização própria. Sua linguagem é singular, seu corpo carrega a história de uma trajetória excludente, que perdeu a possibilidade de encandear o mundo subjetivo ao mundo social. “Mundo... mundo... vasto mundo...”⁹ e neste mundo de hoje com tão poucos exemplos de elos sociais bem-sucedidos, o

⁹Frase do Poema de Sete Faces de Carlos Drummond Andrade. Publicado em seu primeiro livro, Alguma poesia, em 1930.

que sobra para aqueles que se estruturaram no desenlace de suas leis senão outros códigos de reinvenção do existente?

E as oficinas poderão encadear algo? Ou trata-se da clínica da desordem? Como construir esta clínica? A psicanálise poderá potencializá-la? Poderá ser um setting informal? Que clínica é essa?

Como propõe Herrmann (2001a):

A Teoria dos Campos não deseja interpretar o social com base na psicologia ou na psicopatologia individual. Ao contrário, afirma que a psique não é individual e, portanto, que a investigação psíquica deve procurar cobrir a totalidade do sujeito em questão. Com isso, o psicanalista pode ocupar sua posição de investigador da psique humana sem incidir no primarismo de separar indivíduo e sociedade para depois os confundir, usando esquemas individuais para interpretar o social. (p.26)

Partindo deste princípio, abre-se o campo para utilizar a psicanálise nas práticas das Oficinas Terapêuticas. Aqui já não é o setting que importa e, sim, a relação entre oficinairo, usuário e a oficina enquanto uma ideia clínica: potencializadora de movimentos disruptivos.

Romera, Cândido, Alvarenga e Campos (2008) discursando sobre esta clínica, afirmam:

Assim sendo, quando se fala em “clínica” fala-se em debruçar-se sobre um fenômeno para conhecê-lo, compreendê-lo e interpretá-lo, ou seja, reinventá-lo. Quando se fala em clínica psicanalítica, podemos então entendê-la como sendo uma maneira de interpretar o objeto, que é o inconsciente, ou seja, aquilo que está por vir. (...) Se as oficinas forem espaço de pronúnciação, de inquietação, de sustentação do estranhamento, vão se deparar com o não saber, o não fazer, a impotência e principalmente com o desamparo constatado em cada abalo sísmico das verdades absolutas, necessárias, mas não raro, delirantes. Esta situação é provocada através do ofício e seus artifícios e pelas tensões constitutivas das e nas relações. No encontro dos seus limites, algo atritado pode desencadear faíscas, luzes

para iluminar o vazio da angústia no desamparo. Em decorrência, uma criação – interpretação começa a ser construída. Abre espaço para escutar o diferente, o novo, deixando espaço para possíveis outros. (p 216-218.)

E, nesta construção constante, vamos conceituando oficinas terapêuticas e chegamos a um ponto comum, perto do que pretendo discorrer: Galleti (2004) reflete sobre o lugar desta clínica:

As oficinas localizam-se em um campo híbrido, móvel, instável, sem identidade, feito de experimentações múltiplas e aberto à interseção com vários campos e saberes, o que pode garantir a elas um espaço menos restrito – como o de especialidade em saúde mental – e mais efervescente quanto às problematizações e descontinuidades produzidas, criando, assim, uma nova cultura de intervenções, escavadas por estas experiências que pouco se intimidam no discurso técnico vigente e que tentam escapar do modelo terapêutico normatizador. (p.70)

O modelo de oficinas terapêuticas tenta por sua vez ter um diferencial, como “escapar do modelo terapêutico normatizador”, mas sabemos que por muito tempo o manicômio tornou-se hegemonicamente o único lugar de tratamento dos transtornos mentais, o que colaborou para constituir-lo no imaginário social como referência para atendimento, provocando a falsa sensação de resolutividade para sociedade, que apenas escondia e agravava um problema maior, o da exclusão social do portador de sofrimento psíquico.

Dalmolin (2006) cartografando suas trajetórias nas instituições que compõem o circuito da saúde afirma:

Percebo que, desde a primeira crise, há um endereçamento para o sistema psiquiátrico tradicional (hospital psiquiátrico) – o batismo à institucionalização, realizado por profissionais da saúde de diferentes serviços da cidade e, com o passar do tempo, da própria família. A família, por desconhecer outras possibilidades e sem um suporte

terapêutico que possa aliviar sua sobrecarga, tem dificuldade em escapar da lógica instituída, naturalizando a institucionalização como o principal o principal caminho para situações psíquicas tão diversas. (p. 197)

Os saberes e práticas podem servir tanto para promover possibilidades de autonomia para os sujeitos, quanto para promover práticas cerceadoras que podem, em muitos momentos, institucionalizar pessoas. Tundis e Costa (2001) pontuam que “os mecanismos cotidianos, silenciosos e legitimados pelo saber científico, desde o momento em que as bases da sociedade capitalista foram consolidadas, tomam como função a reclusão de órfãos, epiléticos, miseráveis, libertinos, velhos, crianças abandonadas, aleijados, religiosos, infratores e loucos.” (p.12)

Dimenstein e Cedraz (2005), em seu artigo, a partir de observações participantes de oficinas terapêuticas cartografam “forças manicomiais importantes atravessando o cotidiano de tais oficinas, (que) problematizam as contradições e o caráter instituído/cronificante das oficinas na instituição” (p.303). A partir desta pesquisa, surge um pensamento: as oficinas fora de uma instituição, talvez, possam funcionar como dispositivos para realizar a difícil tarefa de desburocratizar, descronificar os serviços que cuidam de pessoas com transtornos mentais crônicos e que tendem a cronificar-se nesse processo. Pois a loucura, não segue uma ordem clara e lógica, mas sim, parte do princípio do que lhe é possível.

E, qual o espaço para a clínica do possível? Dentro ou fora de uma instituição? Na tentativa de uma comunicação entre o dentro e fora me encontro com Albuquerque (2010) que se debruça sobre esta questão no primeiro capítulo de sua dissertação. Ela nos leva a pensar sobre a busca de um lugar, uma busca constante em que a loucura está inserida. Uma de suas questões vem de encontro às questões supracitadas: “Dentro e Fora: existe espaço para loucura?”, então ela versa:

A loucura incomoda, nos tira do lugar cômodo, faz pensar. Para que o sujeito viva sua experiência *dentro* da cultura, da comunidade, da sociedade, não basta ele se *adequar*. É necessário que a cultura, a comunidade, a sociedade, cada um de nós permita o trânsito dessa subjetividade e *sofra* (com) as transformações que ela promover.” [...] “Parece que a saída não se dá dentro *ou fora dos muros ou dentro e fora de nós* (grifo meu), mas dentro e fora, nos espaços interstícios, de reflexões críticas e de implicação no sentido de comprometimento com a escuta da loucura. (Albuquerque, 2010, p.38)

Refletindo sobre este possível cito Schwartz, Roza e Nascimento (2008):

As oficinas são possibilidades de se instaurar uma nova maneira de compreender e cuidar da loucura, respeitando a singularidade e a subjetividade dos sujeitos, que ainda, muitas vezes, se encontra abafadas na saúde mental mesmo na luta anti-manicomial. Essa ação permite pensar uma clínica construtiva e inventiva de novas possibilidades de vida. Uma clínica comprometida com a construção e a produção de subjetividades; uma clínica sempre atenta àquilo que propicia a criação e potencializa os processos de transformação do cotidiano. Caso contrário, a clínica se torna um espaço cristalizado e exclusivo, só que, agora, qualificada como clínica da diferença. (p.2)

O desafio de práticas coerentes com a integralidade diante de realidades tão díspares é muito complexa, pois ultrapassa a questão dos saberes. Necessita-se de práticas em que cada sujeito interagindo, seja também um sujeito com história, crenças, dogmas e ideologias. E, ao interagir, não interfira no mundo somente de forma técnica, mas coloque-se como um ser político, como alguém que tem sempre uma história que o constituiu.

Pensadores como Amarante (1995) e Goffman (1999) afirmam que as práticas profissionais, em Saúde Mental, em contextos históricos específicos, sempre foram permeadas pelos modos como as distintas profissões se relacionam com a

sociedade. Historicamente, a doença mental, além das fronteiras do sofrimento psíquico, teve sua condição marcada por formas de cuidado que utilizaram o enclausuramento e até mesmo de tortura, principalmente a partir do advento do capitalismo no mundo, quando os ditos loucos não tinham espaço racional para produtividade no mundo do trabalho. O louco então entra na modernidade, mas ainda é marginalizado, pois revela o estranho. Como se trata agora de um personagem do cotidiano, não mais confinado ou restrito às instituições totais, sua exclusão é feita de forma individual, pela reação ao diferente, além da hostilidade, do afastamento e do abandono.

Nosso tempo é propício aos bodes expiatórios, sejam eles, criminosos, políticos ou estrangeiros. Como sentencia Bauman (2001), esse:

É um tempo de cadeados, cercas de arame farpado, ronda dos bairros e vigilantes; e também de jornalistas de tabloides (...) espaços públicos funestamente vazios de atores, conspirações suficientemente ferozes para liberar boa parte dos medos e ódios reprimidos em nome de novas causas plausíveis para o pânico moral. (p. 86)

Neste trânsito, chegamos ao limite com a continuidade de uma prática, que reforça essas estruturas e que sufoca uma equipe de oficinairos e usuários. Saindo do espaço consensual, do engessamento da criatividade, adotamos o incômodo como uma substância potencialmente existente, que pode relativizar as imposturas normativizadas, engendrando uma necessidade física, subjetiva, de procurar uma outra ordem de relação, em primeira pessoa, com o ambiente. Essa forma, parte de uma experiência denominada Oficina Itinerante, que se apropria da experiência de campo e não dos conflitos gerados por sofismos sociais ou clínicos. A Oficina Itinerante entra em movimento, deixando emergir o estranho, como parte de um hábito expandido: o grupo-e-o-outro, o-louco-e-eu, resistindo positivamente aos abusos de uma forma de vida legitimada pelo neoliberalismo. Agora, em conjunto e

não mais enquanto um coeficiente de organizações padronizadas, a Oficina Itinerante adentra no território humano, potencialmente sugestivo, grifado pela nova arquitetura do *entre*.

Capítulo 2 - A prática insustentável: o início e o fim de uma pesquisa.



Entre a Loucura e a arte

há uma lacuna.

Essa Lacuna onde vivo

e rasuro

paisagens desconhecidas

e improváveis.

Entre loucura e arte

¹⁰ Coro cênico das Oficinas Terapêuticas da Universidade Federal de Uberlândia. Ano: 2000.

está essa lacuna
que se confunde em vida
e papel.
Onde penso palavras e
teu nome azul no nada.
Entre loucura e arte
eu sou essa lacuna,
espuma espalhada.
Em tribos diversas
vivendo do lápis
que perfura a pele
e constroi a sangrenta
luta do poeta.¹¹

Essa história tem início com um convite, fazer um coro cênico com um grupo de oficinas terapêuticas. Ele traçou uma trajetória. Muito empenho em um terreno até então desconhecido, gerou a estrofe: Será que esse encontro vai dar samba?

Estranhamento, olhares questionadores, respirações profundas e vozes esganiçadas que cantavam e contavam muitas histórias. A artista se encontra com a loucura. A loucura conversa com a artista. A estudante de psicologia aprende a utilizar de sua experiência no campo das artes para dialogar com a loucura e construir uma práxis que mais tarde reconheceria como Clínica Extensa.

Foi naquele lugar, em um contato com oficinas terapêuticas e com a loucura que a pesquisa teve seu início. Depois de formada, a psicóloga-artista foi convidada a ministrar oficinas terapêuticas em um casarão antigo, situado em um bairro da cidade de Uberlândia, onde havia um imenso quintal.

¹¹ Brum, Janaína (<http://entrealoucuraaarte-janabrum.blogspot.com>)

A palavra “quintal” nos faz lembrar um pequeno espaço atrás da casa onde geralmente as crianças brincam, mas também o lugar em que escondemos nossas bugigangas, tranqueiras das vistas dos transeuntes: os quintais das casas guardam, também, certos segredos.

Pode ser um espaço velado, não acessível aos olhares curiosos, que por sua vez são direcionados aos jardins, cartão de visitas das casas – alguns, milimetricamente floridos e perfumados. No quintal há um espaço a céu aberto, um ponto de contato com o exterior (com o sol, a chuva e o vento). O quintal é um limiar entre o interior e o exterior. Como escreveu o antropólogo Roberto DaMatta (1985), “assim como as janelas e varandas, o quintal é um espaço arruado da casa”. (p.40)

A princípio, a ideia de oficina no quintal trazia a ideia do segredo, de um certo embotamento afetivo e o receio de que o território da loucura pudesse estar destinado àquele lugar. Ao ler DaMatta, redescobrimos que, na verdade, um pouco da rua já estava dentro da oficina, atijando a vontade de sair, andar e redescobrir o mundo. Enfim, re(a)ver as ruas já fazia sentido dentro daquele lugar de experimento.

E, assim, saímos em busca de atividades que pudessem dar movimento à oficina, como por exemplo, ir à padaria da esquina comprar um lanche. A cada saída para o lado de fora da casa, mais incômodos iam se juntando às nossas anotações, ao nosso processo de trabalho. Questionávamos se oficina estaria sendo terapêutica de fato. Tal como essa, várias outras questões nos ocuparam em um ritmo crescente e constante, resultando em alguns pequenos projetos fora do quintal do antigo casarão, como: Assistir um filme no cinema do shopping; Visitar a casa de algum integrante das Oficinas Terapêuticas; Apresentação de Teatro para amigos e familiares. Apresentação de dança em um teatro no centro da Cidade; Caminhadas no parque; Tomar sorvete em uma loja do centro; Sair para comprar presentes para aniversários ou datas festivas (natal, dia das mães, dia dos pais), sempre em conjunto.

De modo geral, oficinas terapêuticas, em sua maioria, são ministradas nos quintais de casas antigas distantes dos centros urbanos. Houve, então, um momento

de epifania, talvez, e de observação de nossa própria condição de replicadores: o casarão antigo não era diferente dos outros. Ele era um lugar grande, fresco, gostoso, mas protegido de muitos olhares estrangeiros ou de estranhamento. Dentre as discussões, ouvimos uma resposta menos determinista: talvez.

Ainda escondidos, ocupamos um lugar intermediário entre o dentro e o fora. Isto certamente causava incômodo. De início, silencioso. Mas para quem quer se ouvir longe das estruturas, o silêncio bastava para que os seus ecos nos empurrassem para outras direções, além das já reconhecidas como a repetição do modelo asilar. Será que estaríamos escondendo nossos pacientes?

No meio do caminho apareceu uma pedra¹². A clínica passou por uma crise e resolveu fechar as portas. Lá se foi quintal, lá se foi casarão. Não havia mais lugar, medo, olhares de estranhamento ou enfrentamento. Sem lugar para ficar, sem trabalho de oficinas terapêuticas.

E agora José?
A festa acabou,
a luz apagou
e o povo *está aqui*. [destaque da autora]
com a chave na mão.
Quer abrir a porta,
não existe porta
você marcha, José!
José, para onde?¹³

Para a ruptura. Quer dizer, sem lugar, sem oficinas terapêuticas? Literalmente na rua, ou como uma inventiva e dolorosa saída?

¹² Paródia à Carlos Drummond de Andrade. "No Meio do Caminho".

¹³ Poema extraído do livro "José", de Carlos Drummond de Andrade.

Demos início a oficinas em diversos pontos da cidade: praças, shoppings, ruas, casas, brechós, cafeterias, lojas de vídeos, lanchonetes, enfim, usando vários dispositivos urbanos. Em meio a esse novo experimento, circunscrevia-se uma espécie de caos.

Começamos a vislumbrar saídas possíveis aos desvãos da desordem. Em algum lugar das inúmeras conversas que tentavam elaborar tal questão, alguém nomeou aquilo que fazíamos de *itinerante*¹⁴ enquanto o movimento que nos destinava para os lugares imprevisíveis do cotidiano, da vida urbana e em companhia de nossos pacientes.

Descobrimos em Fábio Herrmann (2001b) a ideia da Clínica Extensa, e dela compartilhamos no sentido não apenas enquanto possível saída do consultório padrão, mas na extensão do método psicanalítico para o mundo e para a produção de sentidos humanos.

Na direção acima apontada no olho do furacão desta crise re-visitamos nosso questionamento presentificado. Como poderia ser reconstruído seu espaço particular e subjetivo na sociedade contemporânea? E a linha territorial que separa os loucos? Ela não teria pedras, nem muros, nem conflitos? O que poderia ser feito após à reforma?

¹⁴ Este nome foi partilhado pela profa. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera mas, por certo, foi engendrado por todos os nossos parceiros que atuaram na Clínica Oficina de psicologia e, em seguida, no grupo do Espaço de Expressões.

2. 1 – Oficinas Itinerantes – a rua e o passeio

Queríamos ir juntos à cidade. Só que, à medida que a gente ia caminhando, quando começamos a falar dessa cidade, fui percebendo que os meus amigos tinham umas ideias bem esquisitas sobre o que é uma cidade. Umas ideias atrapalhadas, cada ilusão. Negócio de louco.¹⁵

(Chico Buarque, “Cidade Ideal”)

A falta do casarão e do quintal gerou um grande foco de insegurança em um grupo de Oficinas em suspenso. Toda equipe encontrava-se sob pressão e em expectativa de continuar o trânsito das nossas conversas. Foi a partir desse impulso, que pensamos em trabalhar em novos lugares e, através da reformulação de nossas propostas, a coisa funcionou.

Para pensar as oficinas itinerantes como ferramenta de uma clínica, é inevitável a problematização da rua e da cidade. Cesarino (1991) faz uma importante diferenciação do significado e apropriação que se faz da rua e do social a partir das diferenças socioeconômicas. Ele afirma:

A rua do ponto de vista de classe média é o que está fora, a rua é outro espaço, é onde não se vive, é onde se transita, onde obrigatoriamente temos que ir para passar de um lugar definido a outro, a rua é o espaço sem definição. A rua é o lugar das coisas públicas e que, de alguma forma, toca a classe média de uma maneira específica. A rua para as pessoas de classe baixa é onde se realiza a vida social, onde se dão as trocas, onde as pessoas enriquecem seus conhecimentos, a possibilidade de refugio no privado para esta classe social é bem mais reduzida, trata-se do lugar em que se pode dormir, fazer uma comida, não dá para muito mais do que isso (p.111).

¹⁵ BUARQUE, Chico. Fragmento da Música Cidade Ideal. Álbum: Os Saltimbancos (1977).

Mesmo pensando que essa dicotomia entre classe média e classe baixa que vive nas ruas pode ser, também, um pouco limitada, visto que os padrões gestuais são sempre muito relativos e infinitos, nada pode ser do que superficialmente cartografado. Nesse caso, se a psicotização existe, ela é engendrada pelos grupos que apostam nessas dicotomias. Nesse momento o corpo do louco, o corpo do cidadão, não importa a que classe pertença, se perde. A única coisa que sobra, dentro das imposturas, é a possibilidade de ativação do preconceito social, da forma de se diferenciar as tramas pela aparência, ou pelo agenciamento da ordem. Fora isso, a distância entre um corpo e outro já não é tão evidente, na verdade *con-fundem-se*.

Nesta construção a cidade é percebida como fonte de relações o que acaba por revelar a existência de várias realidades sociais e psíquicas ou representações do real como descreve Herrmann (2001a) quando faz referência ao escudo de Aquiles, o qual teria sido usado pelo lendário herói grego para combater o troiano Heitor, numa passagem célebre da *Ilíada*, de Homero¹⁶, para a construção de uma teoria sobre realidade e identidade, sobre o real e o desejo. A figura do escudo se mostra uma parte convexa, onde aparecem inscrições da realidade de todo tipo – cidades em paz ou em guerra, a rua de passeio ou passagem – e uma parte côncava, voltada para dentro, para o corpo do herói, neste caso, no corpo do psicótico:

Como descreve Herrmann (2001a):

A convexidade externa figura o mundo real em forma plana e selecionada, é aquilo que denominamos realidade; por consequência, a face côncava, interna, limita um espaço solidário ao anterior, convergente na mesma figuração, porém invertido, cujo nome é identidade (p. 183).

¹⁶ *Ilíada* de Homero. Livro XVIII, versos 478-608.

Mas a psicose confunde: Onde sou eu e onde é você? A parte externa do escudo representa o real e a ela se dá o nome de realidade, a face interna representa o desejo e a ela chamamos identidade.

Do real nascem o mundo e seu homem. O real em psicanálise não vem a ser o mesmo que a materialidade das coisas. Nosso é o real humano, isto é, o estrato produtor de sentidos – em princípio perfeitamente desconhecido. Todavia, com cada homem concreto, com cada ato cultural, é como se o real se dobrasse sobre si mesmo – como uma folha de papel de que se dobrasse um canto, pequena dobra que é você, eu ou Aquiles – pondo-se em posição de contemplar-se: o real defronta-se consigo próprio por intermédio da consciência humana. À ponta dobrada, costumamos chamar de interioridade. A parte dobrada, sendo sempre parte do próprio real, tem como característica principal produzir segundo regras muito particulares, que distinguem um sujeito do outro, que distinguem singularidades. O conjunto dessas regras determina a maneira exata e inimitável pela qual a parte sequestrada pela dobradura do real, o desejo, apetece seu real de origem. O desejo é um real diferenciado, interior, singular, que apenas existe na medida em que se dirige ao todo de que faz parte. À representação do real chamamos realidade. Realidade é apenas tudo o que existe para nós, diante de nós. (...) À representação do desejo, já que tem por característica maior sua pretensão a igualar-se a si mesma, a manter-se constante e identificar o sujeito, cabe o nome identidade (Ibid p. 195-196).

Assim, representação, como entendida aqui, refere-se a tudo o que se é a tudo que se almeja, é tudo o que existe, nada há o que não seja representação.

Continuando com o pensamento de Cesarino (1991), a realidade da classe média e a da classe baixa, por exemplo. Quando se fala do ritmo neurótico do modo de produção da cidade, ainda estamos falando de uma classe privilegiada que trabalha loucamente, neuroticamente. Quando se fala da classe baixa o ritmo não é mais neurótico, é psicótico, a exclusão existe desde o começo para todos (p.ex.: trabalha-se 8 horas e fica-se no coletivo 3 horas todos os dias), já é psicótica a vida, desta forma, o psicotizar explicitamente é muito menos distante do real que no caso da

classe média – para a classe baixa, às vezes pode ser a única forma de “dramatizar aquilo que já está acontecendo no dia a dia sem drama” (p.118).

Completando a ideia de Cesarino, Belloc (2005) desenvolve um pensamento crítico sobre a prática clínica nas ruas de que é preciso que o *acompanhante* se desprenda, então, da cidade em que se reconhece, para que uma outra cidade possa ser habitada. Uma cidade que emerge do encontro entre acompanhante e acompanhado em meio ao espaço urbano, uma cidade que se constroi no exato instante em que, juntos, eles a percorrem. É preciso colher cada detalhe desse passeio pela cidade para que, de seus gestos mínimos, de suas quinquilharias, brote a preciosidade poética da criação de um espaço onde a diferença possa inscrever-se e, em sua diferença mesma, marcar seu lugar no mundo dos iguais.

Dito isto, A psicanálise em movimento adentra a sociedade contemporânea em busca de uma nova prática clínica.

O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
 Que cresceram com a força de pedreiros suicidas
 Cavaleiros circulam vigiando as pessoas
 Não importa se são ruins, nem importa se são boas
 E a cidade se apresenta centro das ambições
 Para mendigos ou ricos e outras armações
 Coletivos, automóveis, motos e metrô
 Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce
 A cidade se encontra prostituída
 Por aqueles que a usaram em busca de saída
 Ilusora de pessoas de outros lugares
 A cidade e sua fama vai além dos mares
 No meio da esperteza internacional

A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos
(Chico Science – A Cidade¹⁷)

E nas casas de fotos em que estivemos surgiu uma possibilidade: uma oficina de fotografia – fotografar a cidade. Depois de algum tempo, lá estávamos ocupando um lugar nas praças do centro de Uberlândia. Vimos e fotografamos o que os nossos olhos nos guiaram, o que nos permitiram ver ou o que nos permitimos olhar. Essa experiência nos revelou que, muitas vezes podemos agir enquanto turistas em nossa própria cidade. Esse exercício nos ajudou a apreciarmos a des-conhecida cidade, ou o velho des-conhecido espaço urbano.

Ainda não estávamos lá, ou estávamos de passagem, não tivemos a intenção de nos demorar por lá. Apenas passamos, admiramos, e olhamos o que estava acontecendo. Uns se aproximaram mais, outros se afastaram; mas todos éramos turistas que, de alguma forma, queriam conhecer ou reconhecer aqueles lugares: Fábio Hermann, observou que o ¹⁸“turista é quem tira seu retrato colocando-se na frente do lugar visitado, mas olhando para a câmera: somos turistas quando viajamos de costas para o real.”

Sendo assim, estávamos habitando um não-lugar, no sentido de que os nossos corpos ainda não ocupavam aquele espaço, ainda não éramos também o espaço que poderíamos ocupar, ainda não sabíamos se caberíamos lá, ou se lá nos caberia. Após esse olhar-visita começamos a questionar se haveria outras possíveis interações em meio a todo aquele espaço, e assim, nos definimos como turistas que se apaixonaram pelo lugar descoberto, no caso, redescoberto, e compreendemos que

¹⁷ Esta música se encontra no CD; Da Lama ao Caos que é o primeiro álbum de estúdio da banda brasileira de Manguebeat, Chico Science & Nação Zumbi, lançado em 1994.

¹⁸ In: CALLIGARIS, C. Os revolucionários silenciosos. Folha de S. Paulo, Cad. Ilustrada, 22 de jun de 2006. (O psicanalista Contardo Calligaris toma emprestado uma idéia do psicanalista Fábio Herrmann)

esse era tempo sensível para se indagar o lugar, movimentá-lo de alguma forma. Havíamos chegado às ruas, no momento de andanças onde nos depararmos com o novo, produzindo rupturas na rotina, tanto dos usuários do serviço clínico quanto da cidade habitada, também, por nós.

Ao adentrar este novo mundo das ruas, com todo seu contexto social e político, escutávamos cada paciente expressar-se sobre seus medos e desejos de estar neste novo lugar: ora eles se reconheciam, ora se distanciavam. Ou saíamos das rotineiras representações identitárias ou saíamos todos de nosso lugar acordado e reconhecível.

O psicanalista que se propõe a realizar oficinas itinerantes precisa, assim como o dono da tabacaria do filme de Wang¹⁹, ‘fotografar’ o seu espaço todos os dias e a respeito de poder parecer sempre o mesmo, extrair dele a particularidade que o sustenta como específico e único. Além disso, é de uma vivacidade rara ter um olhar que se assusta com o mundo e ao mesmo tempo o absorve e pensa sobre ele e a partir dele.

A itinerância nos coloca em contato com muitas lembranças e constatações. Atentamos que estamos ao lado de pessoas com sofrimento psíquico, mas como Birman (2003) nos revela:

o mal-estar contemporâneo se caracteriza como dor e não como sofrimento. [...] a subjetividade atual não consegue mais transformar dor em sofrimento. A dor se fecha sobre si mesma, não abarcando lugar para o outro. Já o sofrimento “é uma experiência essencialmente alteritária. (p.5)

E os Pacientes Itinerantes com seus sofrimentos, onde ficam nisso? Pois eles entram em contato com suas lembranças e adentram a um mundo totalmente medicado, controlado e inquieto. O psicanalista se assusta, mas acolhe todas, doces

¹⁹ Título Original: Smoke. 112 minutos, (EUA): 1995. Distribuição: Buena Vista International / Miramax Films. Direção: Wayne Wang e Roteiro: Paul Auster

ou amargas, lembranças e/ou descobertas. Assim o paciente, questionando a contemporaneidade, impõe ao psicanalista a continuar a criar e recriar uma clínica num território no qual loucura e cultura dialogam e se interferem mutuamente.

As oficinas itinerantes requerem a criação de percursos e caminhos e têm uma única lei: as pessoas que delas participam precisam se tornar pessoas itinerantes. Estarem dispostas a reagir à lógica social contemporânea.²⁰ Dialogar com a cidade, criar seu espaço sabendo que o homem contemporâneo é emblematicamente o pedestre lançado no tráfego caótico da cidade, um homem solitário, lutando contra um aglomerado de massa e energia pesadas, velozes, mortíferas. Ele se vê lançado nesse caos, às voltas com seus próprios recursos, obrigado a explorá-los à exaustão caso queira sobreviver.

Lançar as oficinas para a cidade e a partir dela construir uma outra clínica é um risco. Os usuários pedestres, destas mesmas oficinas, não se conformam estritamente com as leis sociais e provocam uma crise e um estado crítico em seu ambiente, no entorno. Abrem um outro espaço nesta paisagem enrijecida e massificante. O pedestre tradicional procura se adequar ao tempo da máquina, ao espaço da faixa em zebra que lhe é destinada, mas, também, por questões práticas, conflui com as representações mecânicas e institutivas neste universo. Os usuários de oficinas instituem uma outra temporalidade.

Quando nos propomos a entrar na cidade percebemos de imediato que alguns lugares são meramente de passagem, construir nosso espaço nas ruas da cidade foi um grande desafio. Como diz Bauman (2003), “hoje não habitamos os lugares o suficiente para se tornarem familiares”, o nosso diferencial é que tínhamos o tempo (a grande moeda da contemporaneidade), tínhamos o objetivo, e tínhamos diversos olhares e uma sede enorme de retomada. Estávamos reintegrando, em nova circunscrição, o espaço perdido.

²⁰ Esta reflexão foi feita na qualificação deste projeto pelo professor doutor Ricardo Wagner da Silveira.

Frayze-Pereira (1997) confirma que “abrir-se à cidade ao habitá-la, errar por suas ruas, pode ser uma ação de resistência à lógica imposta pela modernidade contemporânea, restabelecendo o valor de uso do espaço numa sociedade que privilegia o valor de troca” (p.33). Assim, investindo na construção de novos códigos relacionais vemo-nos diante da necessidade de pensarmos numa clínica a ser construída a cada momento, num percurso a ser traçado em direção ao encontro e à afirmação de existências singulares, as quais se encontram em movimento.

Mas, enfim, o que são Oficinas Itinerantes?

Percebemos que o transitar nas ruas da cidade tornou-se um importante instrumento de conquista da cidadania dos usuários de saúde mental. Através de andanças, por caminhos conhecidos e desconhecidos, os usuários experimentaram novas possibilidades e formas de interação e socialização. Os pacientes/usuários têm a possibilidade de interagir com o sujeito socializado, tornando a oficina um espaço de convivência, que se estabelece entreicineiros e usuários, entre os próprios usuários e, o mais importante, entre os usuários e as pessoas que circulam pela cidade.

As Oficinas Itinerantes são aquelas que, nos entrecruzamentos do acaso com a necessidade, do sufoco com a liberdade, da diluição com a solidez, mesclam nuances de aproximações e recuos de tudo que é padronizado. Itinerância é a condição de maior conquista da humanidade, sempre em devir, em sujeições ou insurgimentos.

A palavra Oficina Itinerante tem sido usada para designar alguns movimentos artístico e sociais pretendendo incluir alguma minoria marginalizada, bem como na educação utilizam do termo na tentativa dar ruptura e movimento a algo que está instituído e estático. Assim como nos trabalhos a seguir:

Santos, Silva, Machado e Cruz (2005) em seu trabalho “Programa Onda Digital: Práticas e Experiências” pontuam que as Oficinas Itinerantes tem por finalidade criar um espaço para a discussão e aprofundamento de temas sociais atuais e relevantes, buscando um desenvolvimento social da população das comunidades de

baixa renda de Salvador. Os temas das oficinas incluem ética, serviços ao cidadão, segurança na internet. As oficinas tratam estes temas de forma lúdica e dinâmica, utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação como alavancas para superação das dificuldades sociais.

Lara, Figueiredo, Campos e Silva (2009) em seu artigo “Telescópio? Instrumento de divulgação e Incentivo para o Estudo de Astronomia nas Escolas” objetivam levar conhecimento para o sistema de ensino da rede pública no país que tem uma grande carência em transmitir e divulgar os conceitos científicos, ainda mais quando se trata de astronomia; uma ciência mais específica onde serve de base para várias outras disciplinas. Leva-se os telescópios às escolas para realização de observações itinerantes junto com o planetário móvel do curso de Física da UEMS e ainda realização de oficinas itinerantes que visam diminuir a distância entre os jovens e a ciência, entre alunos e a universidade.

Bianchini, Miller e Bianchini. (2002) *“Agroflorestas na terra indígena Kaxinawá do Rio Humaitá: Interculturalidade e tradição no Acre”* apontam que são importantes modalidades de formação as denominadas ‘oficinas itinerantes’, realizadas pelo projeto de forma sistemática ao longo do ano como forma particular do trabalho de campo. Essas oficinas ocorrem em algumas das Terras Indígenas e atendem a um grupo específico dos AAFIs²¹, de um mesmo povo. Beneficia normalmente, também, a outros membros da comunidade que se juntam ao grupo, como por exemplo professores, agentes de saúde, alunos das escolas indígenas e outros da comunidade. Grande parte dessas oficinas tem como conteúdo os problemas enfrentados pelos AAFIs no trabalho com Sistemas Agroflorestais, as ações de vigilância, a organização política da categoria, assim como as práticas de discussão juntos aos professores, agentes de saúde, alunos, parentes em geral nos contextos de aldeia. São importantes momentos de cogestão entre o projeto e a comunidade, que

²¹ Agentes Agroflorestais Indígenas

entra com alguma importante contrapartida, demonstrando aqui seu alto poder de participação e mobilização

Ferrari e Perez (2008), em “Implantação do setor de educação do IEB²²”, é responsável pelo desenvolvimento de programas de visitação ao instituto. O formato desses programas é totalmente voltado às especificidades dos acervos da instituição que agrega arquivo, biblioteca e coleção de artes visuais para o atendimento a grupos organizados e ao público em geral. Assim, ao oferecer atividades educativas, a Educação IEB objetiva também introduzir outros segmentos da comunidade ao público já frequentador do Instituto, a fim de garantir a sua efetiva integração na vida. Alguns exemplos:

Exposição: A arte moderna pelo olhar de Mário de Andrade.

Oficina: *A paisagem pelo olhar do geógrafo e do escritor*. Oficina elaborada para a Semana de Ciência e Tecnologia de 2007, tratando das questões de observação da natureza, sua conceituação e seus respectivos recortes nas artes (e suas linguagens) e na ciência.

Oficina: *Paisagem na parede – como pode algo tão parado mudar?* Atividade de intervenção fotográfica a partir de obras expostas. Trabalha-se a mudança do ponto prospecto em relação ao observador da obra. (pp 226-228)

Silva (2010), em “Cineclubes Lanterna Aurélio: propostas, práticas e sentidos relativos ao cineclubismo e às mostras itinerantes de cinema”, considera o cineclubes como uma mediação importante no processo de recepção das itinerâncias, pois seus objetivos, propostas de ação e práticas incidem sobre o processo de recepção das mostras e parecem configurar os sentidos produzidos pelos receptores. Existem as concepções do cineclubes, suas escolhas e os filmes como propostas de ação. Nesse sentido, o cineclubes foi entendido enquanto uma mediação importante no processo de recepção das itinerâncias – o encontro entre receptores e filmes não seria o mesmo, caso não fosse promovido pelo lanterna. Há, incluído nesse encontro,

²² Instituto de Estudos Brasileiros.

toda a proposta do cineclube em possibilitar o acesso a uma filmografia diferenciada, assim como enfatizar a questão de uma recepção coletiva, a quebra da rotina e a disponibilização de bons equipamentos de projeção.

Soares, Maia, Montenegro, Gomes e Rocha (2007) em “Objetivos e práticas de um museu itinerante: entre o real e o pretendido”. O museu “Ciência Móvel – Vida e Saúde para Todos” consiste em um caminhão o qual transporta uma exposição interativa na região sudeste do Brasil. A partir de reuniões do Grupo de Estudos em Divulgação de Ciências e Educação Não Formal em Museus Itinerantes – GEMIt, surgiram alguns questionamentos a respeito da existência de diferentes olhares sobre os objetivos do Ciência Móvel e de como esses influenciam sua prática de diversas maneiras. Esta investigação visa rediscutir os objetivos do Ciência Móvel a partir da análise dos objetivos que constam no projeto original submetido ao MCT e de entrevistas feitas com coordenadores e mediadores, buscando unificar os discursos e práticas desse museu itinerante contribuindo para uma identidade mais consensual.

Oliveira e Júnior (2010), vivenciando uma escola para todos propõem, através de uma oficina itinerante, que alunos serão levados às escolas especializadas no ensino dos deficientes visuais e juntamente com os professores de geografia das mesmas, visando trabalhar a percepção destes alunos com os novos materiais. Todo o material produzido tem como objetivo ser doado às instituições de ensino especial.

Rossi, Ghirlinzoni, Gonçalves, Micheletto, Brandão, Alves, Soares, Macedo, Caetano, Rachide, Malatesta, Silva, Reis, Nunes e Borges (2008), em “Oficina de Rua”, acontece de forma itinerante com a coordenação de um técnico e a participação da equipe multidisciplinar. O local utilizado pela Oficina de Rua é sempre um lugar de fácil acesso à população local, com a participação dos usuários com: show de calouros, pintura de pele e de papel, brincadeiras lúdicas, atividade física e conversas informais com a população local. As ações dos técnicos, como fazer os devidos encaminhamentos, variam de acordo com sua função. São oferecidos também: aferição da PA, verificação de glicemia capilar, distribuição de panfletos educativos e

informações sobre o serviço de saúde do município. Com relação às parcerias, valoriza-se a cultura local. Das disponibilidades dos recursos materiais utilizados são: transporte (ônibus), tinta guache, papel ofício, bolas, cordas, equipamento de som, brinquedos de montar, bastões, panfletos educativos, aparelho de aferir PA, fitas e aparelho de glicemia capilar, material de sucata, cadeiras, mesas e lanche. Dos recursos humanos: equipe multidisciplinar do CAPS e parcerias.

Toda a Itinerância aqui mostrada sugere a busca de um outro lugar além dos já conhecidos. De uma outra prática e de um outro saber. Em concordância com este pensamento, em nossa clínica, usamos o termo *itinerante* para designar as oficinas em espaços urbanos. Os participantes se deslocam nas ruas da cidade, com intuito de reaproximação com o cotidiano, com o espaço que lhes foi tirado, visando restabelecer uma relação viva com a cidade e sociedade e, principalmente, o reconhecimento de si como parte integrante dessa geografia.

Mas esse exercício é direcionado, também, para a extensão do método psicanalítico, na tentativa de ampliar os sentidos das experiências. O método interpretativo entende a clínica e a psicanálise como duas das mais distintas paisagens, abrindo espaços desejantes. A extensão do método aos campos inconscientes-relativos amplia o escopo da possibilidade de análise das mais diversas formas de relação da loucura com a cidade e com a clínica.

Mesmo com toda andança, ouvimos de um Usuário:

– Às vezes prefiro estar dentro da sala. Quando preciso conversar.

Esta fala revela que as quatro paredes, são bem-vindas. A clínica precisa de sua itinerância e, às vezes, esta pode ser o aconchego da sala. Se as Oficinas Itinerantes impusessem sua prática tão somente em ir às ruas voltaríamos ao engessamento e, possivelmente, a uma estrutura de manicômio itinerante.

Quando nos remetemos ao termo Clínica Extensa, deslocar-se para fora dos consultórios, torna-se uma possibilidade, mas como pontua Herrmann (2005), “por clínica extensa não pretendo referir-me tão só à extensão a outros domínios, como também à recuperação daquilo que constitui nosso patrimônio original, em parte abandonado, com o tempo” (p. 24).

O que apreendemos desta leitura em conjunto com nossa prática é que a Clínica Extensa amplia o exercício do método psicanalítico para o mundo e para qualquer produção humana. A Teoria dos Campos nos mostra que a prática da psicanálise é possível sempre que haja a aplicação do método. Isso pode acontecer das mais variadas formas, desde que o psicanalista seja, também, humanista. Aponta Herrmann (2003a) “A clínica compatível à psicanálise [...] deveria abarcar todo o mundo humano, clínica é o estilo de estar no mundo adequado à ideia de ser a ciência plenamente humana” (p.169).

A itinerância representa o percurso de uma existência concreta e inacabada, seja de um sujeito, grupo ou instituição constituída de uma multiplicidade de itinerários contraditórios. A sociedade não foi formada para passear lado a lado com a loucura nas ruas, mesmo esta tendo o direito singular e público para caminhar livremente e usufruir de todas as possibilidades encontradas neste lugar comum. Na verdade, caminhar lado a lado aos loucos é ter que aceitar quase sempre em atos de transgressões (e assim, tocar o existente), intoleráveis para uma concepção de uma comunidade fundada em geral na ordem, na prescrição e na contenção.

Fazer uso da *itinerância* no campo da saúde mental é gerar momentos necessários de desordem, enquanto uma resposta inevitável, necessária, frequentemente fecunda, face ao caráter às vezes decrépito, esquemático e simplificador da ordem social.

2.2 Um Espaço de Expressões

Talvez como uma forma de conjugação ou como um pós-texto da crise da ausência de um lugar em consequência do fechamento da clínica surge o Espaço de Expressões. Estávamos ocupando vários lugares de trânsito com aquilo que veio a ser chamado de Oficina Itinerante, precisávamos de um espaço de ancoragem.

Somos um grupo de pessoas pensantes sobre a arte de viver. Viver parece ser tão simples, mas às vezes temos que reaprender. O que eu gosto de mais fazer no mundo? Passear. E eu já não sei mais. A vida é um descanso, mas para mim é sofrer. Quando as pessoas me olham eu me sinto legal, mas questionado. Eu não me sinto diferente, todo mundo é diferente. Dor está na cabeça e é o que eu não quero. Pensamento tem um monte, esclarece ou confunde. Choro às vezes. Quando não sei, tenho tristeza. É quando penso em alguma coisa que não fui, mas, que acredito que poderia MESMO ter sido. Gostaria de ter sido mulher maravilha (mais determinada) em um helicóptero transparente, onde me sentisse livre e segura²³.



²³ Poesia feita pelo Grupo das Oficinas itinerantes para um blog.

²⁴ Banner do Espaço de Expressões.

Um Espaço de Expressões que gerou a construção de vários espaços e várias formas de expressões.

Sobre o espaço diz Santos (2004):

O espaço, soma dos resultados da intervenção humana sobre a terra, é formado pelo espaço construído que é também espaço produtivo, pelo espaço construído que é apenas uma expectativa, primeira ou segunda, de uma atividade produtiva, e ainda pelo espaço não-construído mas suscetível – face ao avanço da ciência e das técnicas e às necessidades econômicas e políticas ou simplesmente militares – de tornar-se um valor, não-específico ou particular, mas universal, como o das mercadorias no mercado mundial. O espaço, portanto, tornou-se mercadoria universal, por excelência. Como todas as frações do território são marcadas, doravante, por uma potencialidade cuja definição não se pode encontrar se não *a posteriori*, o espaço se converte numa gama de especulações de ordem econômica, ideológica, política, isoladamente ou em conjunto. (p.29-30)

Criamos um Espaço em um prédio comercial no centro da cidade, num lugar que se ocupa salas para o trabalho de autônomos. Como nos aponta Milton Santos, a principal mercadoria hoje é o espaço, o qual não é indiferente à mundialização do mercado. O elemento comum, e que revela numerosas e significativas diferenças, é a presença do espaço — não mais apenas constituído pelo território, mas pelas trocas de informações — o que nos permite falar em um *espaço de expressões*. O que afinal constituía o espaço da loucura dentro deste espaço mercadológico? De que forma este era habitado?

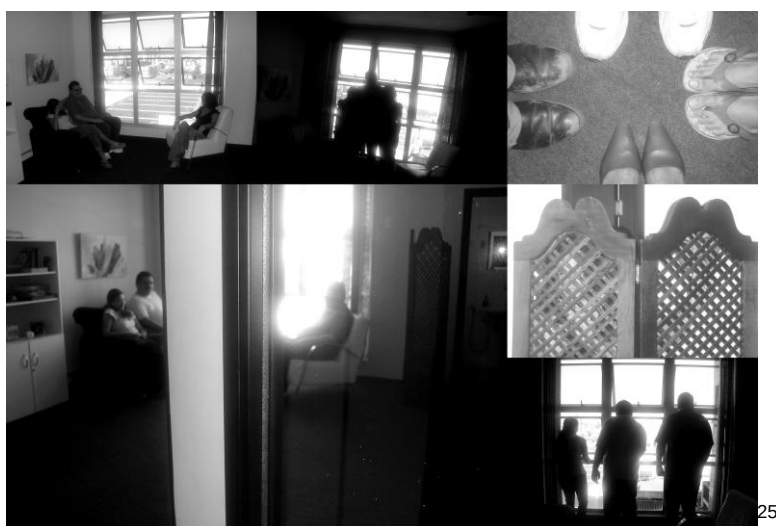
Para contar sobre este espaço, recorro aos fundadores: Schwartz de Araújo, Nascimento e Roza Junior (2008) que dizem:

Não sabemos se foi o quintal que ficou pequeno ou se fomos nós que ficamos grandes para o quintal, mas é fato que nos transferimos para uma sala no 2º andar de um condomínio comercial no centro da cidade, num prédio com três elevadores, vitrines, 12 andares, 8 salas por andar, pelo menos 300 pessoas circulando a cada dia. Certa vez um

colega de prédio nos disse: “nós trabalhamos no World Trade Center uberlandense”, mas com a vantagem de que os aviões são apenas vistos de longe, cruzando o céu, atravessando a nossa paisagem, a nossa vista (p.3).

E, se aviões nunca nos atravessaram, outras formas de ruptura na rotina acontecem: nesse complexo temos advogados conversando com dentistas, psicólogos interagindo com médicos, donos de lanchonetes atendendo todos os transeuntes. E como não poderia deixar de ser, usuários de saúde mental interagindo com quem queiram, seguindo seus próprios critérios de seleção ou, como cita Rauter (2000), “agentes ativos no mundo em que vivemos e não apenas espectadores passivos ou submissos ao que ocorre fora de nós.” (p.268)

Imersos nesse formigueiro urbano, ao início, estávamos dentro do dentro, as oficinas aconteciam no ‘nosso’ Espaço, na sala carpetada e reuniam, dentre outras, oficinas de contação de histórias, expressão corporal, uma oficina intitulada ‘deu a louca no mundo’ para falar sobre notícias e atualidades, e uma outra chamada de ‘qual é a sua?’, na qual a cada semana, um participante comandava as práticas, sendo ele usuário ouicineiro.



Os usuários, em suas formas variadas, do que chegava pontualmente e que não subia de elevador se estivesse sozinho ao que, de tão atrasado, batia na porta

²⁵ Fotos tiradas pelo grupo de Oficinas com o intuito de mapear a sala 207 do Espaço de Expressões no edifício Floriano Center.

pedindo permissão de entrada, todos estávamos lá. E, se precisássemos esperar alguns usuários, então teríamos que descer à porta do condomínio do edifício; sentados próximos à calçada esperávamos, nunca estávamos sozinhos, fazíamos e éramos companhia para quem estivesse esperando o momento de entrar ou sair do condomínio de lojas, escritórios, consultórios, e também tínhamos a companhia dos transeuntes.

Começamos a habitar um lugar que era habitado por algumas pessoas que ficavam paradas pra fumar, outras sentadas para descansar ou simplesmente esperar. Assim a calçada passou a ser definida como a nossa sala de espera: local de encontro dos oficineiros e dos usuários para o “pontapé” da oficina Itinerante, que talvez tenha sido a primeira ampliação física da nossa clínica. A partir daí, começamos a contar com a possibilidade de um dia, simplesmente não subir, não pegar o elevador. Basicamente, as oficinas aconteciam na sala e, ao seu final, descíamos ao Café do Seu Zé no hall principal.

Seu Zé, o dono do Café, que todos os dias abria sua loja às 8 horas da manhã, vendia seu café, cappuccino e pão-de-queijo, conversava com os habitantes daquele lugar, pois a paradinha no café era quase religiosa! Entre brincadeiras sobre futebol e conversas sobre a manchete do jornal construía-se a paisagem deste lugar. Os rostos quase sempre os mesmos, apenas um o outro não se repetia. Seu Zé ainda subia e descia o elevador, o transporte desta cidade vertical, distribuindo as encomendas de águas filtradas para as várias salas. Assim, era o dia de Seu Zé. À tarde, todos desciam para o lanche, se tivesse um joguinho de futebol então, virava festa! Às 18 horas tudo se acalmava, fechavam-se as portas e findava-se o dia.

Em um dia da semana, certa vez, seu Zé foi interpelado pela loucura. O que quebrou a rotina tanto dele, quanto do nosso grupo. Junior chegou atrasado, mas não conseguia subir o elevador sozinho. Esta forma engraçada de transporte assustava Júnior. Ele se enrolava com os botões e também com os passageiros deste transporte que respondia ao seu “bom tarde” ou não. Júnior pronunciava frases enroladas e se

caso instaurasse o silêncio, a passagem pelo elevador se tornava tensa. Júnior tinha dificuldade. E, como estava atrasado e não havia comunicado com antecedência, o grupo já não esperava por ele.

Então Júnior entrou no Café do Seu Zé e o interpelou. Ele queria ir ao Espaço, mas não conseguiria ir só. Mas como? De que forma? De que forma seu Zé deixaria seu Café para acompanhar Júnior?

Seguir uma rotina é seguir o que nos é costumeiro, é manter o hábito ou que é familiar viabilizando as nossas relações, a vida quotidiana. E assim, se torna necessária para dar sentido a vida, para viver em comunidade, para fazer parte do mundo.

Segundo Herrmann (2001c) “O mundo, ou a rigor, os diversos mundos em que vivemos, são eles campos do real; cada qual compreende uma forma consensual de representação geral: a realidade”. (p.187)

Júnior ajudou Seu Zé a levar água para uma das salas do edifício e seu Zé o acompanhou até o nosso Espaço de Expressões. A surpresa do episódio transformou a rotina. E assim, aos poucos, o Espaço foi se mapeando um pouco maior, um pouco mais possível.

Então, saímos de um quintal, ocupamos uma sala e agora estávamos com os pés na varanda, ou no alpendre. A sala foi se tornando pequena, talvez porque as possibilidades de subjetivação estavam se ampliando. O que sabíamos era do incômodo em ficar estagnado durante a oficina, contentando-nos simplesmente, com a vista de uma cidade que poderia nos oferecer mais. Então o alpendre virou calçada. Através de nossos novos espaços instaurados nessa produção desejante, começamos a nos dar conta que uma cidade existiria além dos muros de um consultório. Começávamos a deduzir a cidade e nos deixávamos seduzir por ela.

Nossa clínica ora seguia seus passeios pelas ruas da cidade, ora se entregava ao aconchego da sala. Não tinha um padrão de práticas, fazia necessária a

criação. Estávamos sempre em movimento. Uma vez ouvimos em uma reunião de pais:

– Na verdade esta sala é o quartel general de vocês. As oficinas podem ser em qualquer lugar, certo?

O edifício destinado ao alojamento de tropas é chamado de quartel general, a nossa sala era nosso porto seguro.

As reuniões de pais e familiares eram grandes, cheias de questões, inseguranças, frustrações e também, cheias de esperanças de curar uma angústia que não se cura. Um pai, especialmente, sempre esteve por perto. Ele apostava, emocionava e cobrava.

Saíamos fatigados de tantas expectativas, sem saber se era loucura construir neste espaço, um lugar de acolhimento, da não-repetição, do cuidado, na espera que esta nova clínica revelasse seu contorno. Contudo continuamos a seguir juntos.

Naquela pequena sala decidíamos qual seria nossa próxima aventura pelas ruas. E qual aventura para “dentro”. Ali construíamos histórias, as fantasias poderiam ser ditas em voz alta. Fazíamos festas, descansávamos. Naquele lugar aprendemos o luto. Perdemos um pai que encoraja e apostava na clínica da itinerância, perdemos um pai acolhedor. O grupo passou por tristezas, por estas sequelas que de tão visíveis nos faziam parar e até mesmo calar.

Herrmann (2003b), escrevendo sobre a teoria freudiana do luto diz:

O bom objeto substitutivo é o que traz certas marcas daquele que nos abandonou; na perda de si mesmo, consequentemente, o sujeito volta-se enlutado para tudo o que possa representar o homem (...). Assim é que o desejo deseja o mundo, porém com um travo de desgosto, já que não desejaria ter de o desejar, queria sê-lo, de que resulta ser um mundo objetal enlutado, aquele que almeja o desejo humano. (p.33)

Encontramo-nos diante do movimento em direção ao outro, ao que falta, ao que é marcado por esta ambiguidade do desejo da qual fala Herrmann, “deseja-se o não desejo, deseja-se o mundo”. No entanto, ao mesmo tempo, a própria comunicação encontra (momentaneamente) um lugar para o que foi perdido. Mesmo temendo não conseguir encontrar um reorganizador que desse conta das desarticulações das relações, as expressões não paravam. Dentro desta pequena sala, andamos meio mundo, e encontramos outros que nem sabíamos que existiam. E assim, reaprendemos a ver o mundo com os olhos da loucura. O silêncio se instala onde as palavras não conseguem chegar, gerando expressões das mais diversas formas.



26

²⁶ Fotos: 1ª Dança criada em oficinas e apresentada no 18 de maio festejando também um ano de Espaço de Expressões SESC, Uberlândia/ MG, 2009./ 2ª. Exposição de pinturas “cores vivas”. SESC, Uberlândia, 2008;/ 3ª.e 4ª. Uma oficina ministrada por um usuário no acampamento em uma chácara em Uberlândia.

2.3 - A Grafia de um traçado Interpretativo



“[...] A verdade, porém, é que tudo está sujeito a lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se”. (Milton Santos 2002 p.17)

O movimento de inventar e reinventar acontece nas artes, na psicanálise e na geografia e em cada uma de suas construções. Em um processo de criação, pensando no seu movimento entre ideias, práticas e lugares, é que se desenvolvem novas hipóteses para criação de dispositivos que nos ajudam a transformar tensões existentes em práticas criativas e científicas. “[...] A possibilidade de uma comunicação tanto mais rica quanto mais aberta está no delicado equilíbrio entre um mínimo de ordem admissível e um máximo de desordem.” (Eco 1997, p. 168)

Coreografando uma nova clínica, agora através da escrita, em busca de articulação entre os saberes, deparo-me com o texto Sofio (2010) “Literacura? Psicanálise como forma literária” que nos mostra o que Fábio Herrmann descreve ser “ficção freudiana”:

²⁷ Foto da janela da sala do Espaço de Expressões. 2009.

Certo pensamento por escrito, próprio do literato, encontra-se tanto na obra escrita freudiana, como há de haver-se encontrado em sua forma clínica, pois “seria impossível para Freud trabalhar de uma maneira e escrever de outra (...). Freud devia tratar seus pacientes como escrevia, como literato.” (p. 13) Freud, quem escrevia o tempo todo, desenvolveu um “pensamento por escrito, próprio da literatura” (p. 12). Ele cria essa ciência da psique já instalada, a qual Herrmann considera seu reino análogo. Ao mesmo tempo em que inventa, Freud é tomado pelo método psicanalítico, tornando clínica e teoria indistinguíveis em sua escrita, contrariamente ao modelo médico. (p.5)

Desta forma é possível ver que o objetivo principal de Herrmann, ao criar suas próprias ficções psicanalíticas, é o de colocar em evidência o caráter ficcional das criações conceituais freudianas, tais como inconsciente e realidade psíquica. “A percepção que temos do mundo é consciência; as lembranças, inclusive a dos sonhos e devaneios são consciência. “A memória é consciência e só há memória de fatos mentais conscientes”. Assim “O inconsciente é uma interpretação ao contrário.” (Herrmann, 1999a, p.46).

Dito isto, as Ciências abrem-se para uma escritura que absorva elementos desencadeantes de textos abertos que falseiam o espaço real, fazendo uso das distensões que as interpretações e/ou criações oferecem, para que se possa percorrer, construir e deixar-se transformar continuamente pelas ideias em ação. A apropriação destas escrituras com fins intransitivos tem como desejo engendrar um ambiente em que a inquietação para a criação itinerante seja o elemento feérico de uma nova e outra possível paisagem.

A partir disso importa expressar os canais de diálogos com a Teoria dos Campos que pudemos apreender, mais especificamente nos exercícios da bailarina contemporânea, oficinaira-pesquisadora que busca a lógica da Itinerância: da loucura, dos dispositivos terapêuticos dos movimentos em saúde mental e de si mesma. Sendo assim, seguimos com a coreografia entre Santos e Herrmann.

Santos nos oferece a dinâmica social como forma de mudar a vivência de uma mesma paisagem. Herrmann nos oferece a possibilidade de pensar dinamicamente o inconsciente, que de um lugar específico, unívoco e definitivo passa ser uma, dentre tantos possíveis, lógicas que sustentam relações. Do inconsciente aos inconscientes relativos toda lógica pode ser ruptura pela ação da interpretação.

Sendo assim, o mundo, tanto na psicanálise como na geografia, vislumbra a potencialidade de se mudar a vivência de uma mesma paisagem, possibilitando a re-criação de um ²⁸**Lugar**. Herrmann (1999a) desenvolve toda uma reflexão sobre a *política da cura* para dar conta da ação psicopatológica do processo analítico, nos exemplifica com duas formas de visitar uma mesma paisagem:

É tal um calendário. Nossa vida é feita de dias pretos, sempre iguais, de trabalho, algum prazer, um pouco de esperança; se somos neuróticos, haverá trabalho, um pouco menos de prazer e certo desespero à noite, por exemplo. Nada que chame a atenção. Todavia, no meio dos dias em preto, na sequência dos atos costumeiros, destacam-se os dias em vermelho, as festas religiosas e cívicas. Correspondem a celebrações bastante convencionais. A história celebrada nos feriados nacionais nada tem a ver com a verdadeira história do país; ou, por outra, tem: é sua perfeita contrafação! Há um sentido convencional que se ensina às crianças na escola, onde sempre o herói é o do nosso lado, nossa causa é justa. Os portugueses, nessa história, sempre enfrentam bravamente os holandeses e covardemente massacram os heróis da independência – eles são “nós”, no primeiro caso, e “os outros”, no segundo. E assim conclui o que explicita os dias vermelhos celebram a história convencional que oculta a história real, os acontecimentos perturbadores, os sintomas no meio do quotidiano, celebram a história convencional da neurose. (pg. 135)

A paisagem que aqui nos é narrada, se levada à análise, se manifestará no campo transferencial que segundo Herrmann (1999a) é um lugar de estranhas propriedades. Como ele é criado pelo processo interpretativo de ruptura de campo, nada daquilo que acontece tem sentido fixo. Assim, esta história, ao ser tomada em

²⁸ Aqui o L é maiúsculo para destacar um pensamento que virá na página 62.

consideração psicanalítica, promove rupturas, deixando explícitas as censuras proscritas pelo campo que circulam soltas no momento do Vórtice. “Por outro lado, o fato mesmo de o analista participar do jogo de ficção neurótica, aceitando ocupar várias posições imaginárias, permite que o paciente se experimente em papéis muito diferentes”. (p.138) Permitindo vivenciar diferentes paisagens e, apenas, “depois quando a ruptura de campo já liberou as representações excluídas, é possível aproveitar os resultados do vórtice para oferecer ao cliente um retrato mais amplo do que sucedeu”.

Como visto acima, esta é uma história vista sob a ótica psicanalítica como formas e/ou paisagens diferentes, poderíamos dizer que uma sugeria objetos subjetivamente naturais e a outra, objetos neuroticamente fabricados assim lançaremos um “duo” com a geografia:

Uma paisagem urbana ou uma cidade de tipo europeu ou de tipo americano. Um centro urbano de negócios e as diferentes periferias urbanas. Tudo isto são paisagens, formas mais ou menos duráveis. O seu traço comum é ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações. Em realidade, a paisagem compreende dois elementos: objetos naturais, que não são obra do homem e nem jamais foram tocados por ele e os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano, no passado como no presente. (Santos 1986 p. 37)

E neste movimento nossa clínica ganha traçados diferentes, pois, caminhando pela cidade, a loucura interfere ao mesmo tempo em que é tocada, configurando-se assim, uma nova forma de olhar para si e para o mundo: “Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em

relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.” (ibid, p 38).

Ao pensar a cura psicanalítica, Herrmann nos lembra que:

Poder encaminhar o desejo de formas possíveis de satisfação transforma a política de cura numa arte dos possíveis em que as novas representações de identidade e realidade só podem surgir para o paciente em consonância com as formas possíveis para o desejo (Herrmann, L. 2007 p.168)

Revisitando a ideia de Milton (Santos e Silveira 2005):

As alterações por que passa a paisagem são apenas parciais. De um lado, alguns dos seus elementos não mudam – pelo menos em aparência – enquanto a sociedade evolui. São testemunhas do passado. Por outro lado, muitas mudanças sociais não provocam necessariamente ou automaticamente modificações na paisagem. A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nesta descoberta.(p. 162)

E assim, juntamente com a loucura ao andar pelas ruas da cidade, vamos criando espaços e lugares de possíveis relações com o outro, (re)descobrimos o prazer de ir e vir, criando nosso lugar. “No **lugar**²⁹, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que ele já é, mas também, pelo que ele ainda não é. O Futuro, e não passado, torna-se a nossa âncora.” (Ibid, p.163). Dialogando com Herrmann (2006) que diz: “No reconhecimento e desconhecimento nasce um saber possível” (p.8) podemos depreender que a psicanálise encontra sua condição de possibilidade interpretativa (e de elaboração de novas possibilidades de sentido) na estranheza, no erro, no lugar onde a familiaridade do que é apresentado não mais se pode sustentar. É aí que pode advir um sentido novo, saber sendo constituído na própria despreensão de controle.

²⁹ Aqui o l é minúsculo. O diálogo se fará na página 62.

Então: como recém-chegados, sem muitas ideias, mas conservando nossa capacidade de espanto, assistimos a certos acontecimentos, cujas as regras organizadoras escapam-nos à compreensão. Tal como analistas com o mundo psíquico de seu paciente, guardamos a condição de estrangeiros como quem guarda um bem precioso: não queremos fingir entender. Mas entender realmente. Uma regra de campo talvez baste, mas ainda temos de encontrá-la; para isso, é forçoso romper a aparente familiaridade destas lendas tão conhecidas e amadas de nossos corações, para que a surpresa ilumine o espaço onde os dramas se desenrolam.”(Hermmann, 2001c p. 71)

Assim passo-a-passo íamos construindo e desconstruindo estes lugares, reconhecendo a cidade com a intenção, rompendo com o sentimento de familiaridade homogeneizante a procura de encontrar algum lugar onde pudéssemos ocupar.

A escrita, novamente ao acaso, revela uma pequena distinção entre Lugar e lugar. O primeiro com “L” maiúsculo referindo-se a trânsito, travessia, “ir e vir” ou “vir e ir”, condição ou estado a partir do qual haveremos de conhecer o mundo. Elo que ele já é, mas também pelo que ele não é. O segundo, descrito com “l” minúsculo refere-se ao estado restrito à condenação do que já se tornou tradicional. Por exemplo: o louco é doente mental e deve ser tratado por um não louco ou não doente. Enquanto doente tem que ser afastado de seu trânsito cotidiano para um espaço circunscrito. Para lá, o médico, especialista no cuidado do doente, se dirige e exerce sua função naquele lugar de condenação.

Milton Santos retorna ao conceito de região para análise do mundo contemporâneo, como um espaço que comporta a realidade do local, do vivido, do qual parte compreender o movimento do mundo, retornando o lugar, espaço da prática social. Ele recupera o movimento da totalização dos processos sócio-espaciais que compõe tanto a região ou lugar, quanto o espaço.

Milton ainda pontua dizendo que:

A palavra lugar é, como outras do vocabulário geográfico, preta de ambiguidades, já que a região é, também, um lugar e a própria expressão região serve para designar extensões diferentes. (Santos, 1997 p.111)

A região e o lugar são recortes do mundo em movimento, e somente por essa inserção é que se pode compreender a dinâmica do lugar ou região. Sendo assim, é pelo lugar que o movimento do mundo é percebido, “mas, nos dias atuais, os lugares são condição e suporte de relações globais que sem eles (lugares) não se realizam.” (1999 p.16) Os lugares também são onde se efetivam espaços do vivido, das relações sociais solidárias e compartilhadas.

A região e o lugar não têm existência própria. Nada mais são que uma abstração, se o considerarmos a parte da totalidade. Os recursos totais do mundo ou de um país, que seja o capital, a população, a força de trabalho, o excedente, etc. dividem-se pelo movimento da totalidade, através da divisão do trabalho e na forma de eventos. A cada momento histórico, tais recursos são distribuídos de diferentes maneiras e localmente combinados, o que acarreta uma diferenciação no interior do espaço total e confere a cada região ou lugar sua especificidade e definição particular. Sua significação é dada pela totalidade de recursos e muda conforme o movimento histórico. (Santos, 1997 p.131)

Assim, a cada nova modernização do mundo, os lugares sofrem modificações, desestabilizando sua dinâmica interna e criando novas formas de ações sobre eles. E a loucura ocupando este Lugar desestabiliza o cotidiano com sua estranheza, criando práticas produtivas, visando a continuidade de suas relações numa extensão espacial cuja solidariedade possa transformá-lo em um espaço que propicie sua permanência e apropriação, pois:

A cidade como lugar privilegiado de existência humana, é uma das mais importantes conquistas da humanidade em todos os tempos, merece ser dignificada e preservada em favor tanto das presentes gerações quanto das futuras. (...) A Inserção de cada pessoa no contexto urbano, bem como sua participação ativa na perspectiva do direito à cidade,

reveste-se de uma complexidade relacional que por vezes não é percebida. Cada cidadão participa de formas diversas do urbano e, portanto ocupa seu lugar na edificação das cidade/cidades. (Falcão 2008, p. 21)

Preservando a cidade, nesta re-construção social apreendida pela percepção, faz-se um processo de identificação com outras pessoas em um lugar, numa busca por relacionamentos e alteridades que se dão no encontro ou desencontro. Por isso, a cidade promove um processo relacional e histórico entre pessoas e lugares, construindo novas formas de se pensar o futuro. Nesse contexto é necessário que a loucura amplie seu território a fim de que outro conceito geográfico surja:

Vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro. (Santos 1994b p.16)

Santos (1996a) nomeia o *Território* como *configuração territorial* e define-o como “o todo”. Quanto ao espaço, é conceituado como a “totalidade verdadeira”. Estes espaços diferentes, as espacialidades singulares, são resultados das articulações entre a sociedade, o espaço e a natureza. Assim, o território poderá adotar espacialidades particulares, conforme há o movimento da sociedade nos seus múltiplos aspectos: sociais, econômicos, políticos, culturais e outros.

Peço licença ao geógrafo para um diálogo com o psicanalista Herrmann (2001c) diz que:

O real encontra um sistema de representações que a um tempo o patenteia e o disfarça para consciência: a isto chamamos de realidade. A realidade, portanto, é, de regra, representação parcial, viceja das relações bem precisas; porém dentro de cada conjunto de relações de um dado campo, parece dar conta do real inteiro, possui uma aspiração a unicidade à universalidade (p.34-35).

Tal real pode ser reconhecido e revelado pela fala do psicótico. Este o escancara. O louco traz a originalidade abafada pela massificação e na sua insistência abala as condições de sustentação do lugar de condenação.

O Território são formas, mas os território usados são objetos e ações sinônimos de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos suma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas. (Santos, 1994b p.18)

Desta relação, o louco, a subjetividade, o espaço e o território, revelam a produção de um outro conceito geográfico, quase poético: a *paisagem*. Com a perspectiva apontada por Santos, para quem a paisagem é composta de formas resultantes das relações entre Sociedade/Natureza, ao longo da história do homem, colocamo-la em sintonia com representação simbólica deste e podemos dizer que estas formas são produzidas tanto histórica quanto emocionalmente, depende do olhar.

Considerada em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento da sociedade. A paisagem é resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção. A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder

acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida, para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social. 'A história é um processo sem fim, mas os objetos mudam e dão uma geografia diferente a cada momento da história' dizia Kant, o filósofo e geógrafo. (Santos, 1986 p.38)

A Paisagem não mostra todos os dados, ela nos revela algo que não está dado, deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e culturais. Ao apreciá-la, com olhar psicanalítico, constatamos que algumas são visíveis e se encontram na superfície, no entanto para outras é necessário um olhar mais cuidadoso, de uma atenção "distraída" de quem procura algum sentido ou a falta deste. "As mesmas regras que dão sentido à vida cotidiana aparecem na loucura. A diferença é só esta: o que o cotidiano esconde, a loucura faz questão de mostrar". (Herrmann 1999a, p. 17) E assim, a loucura a passeio nos apresenta suas paisagens.

No dizer de Milton Santos (1997), paisagem é o domínio do visível e não se forma apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. É o conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica. Para este autor, a dimensão da paisagem é a mesma da percepção, segundo a crucial atuação do aparelho cognitivo. Assim, pessoas diferentes apresentam diferentes versões do mesmo fato.

Apesar de amplamente utilizado na linguagem comum ou até mesmo em aspectos históricos, políticos artísticos e culturais, a paisagem guarda consigo o sentido de estar associada ao olhar. A paisagem, entre visibilidade e visualidade, sendo a paisagem o que se vê, supõe-se necessariamente a dimensão real do concreto, o que se mostra, e a representação do sujeito, que codifica a observação. "A paisagem, resultado desta observação, é fruto de um processo cognitivo, mediado pelas representações do imaginário social, pleno de valores simbólicos. A paisagem apresenta-se assim de maneira dual, sendo ao mesmo tempo real e representação" (Castro, 2002 p.123).

Dialogando com Herrmann (2001c) “o mundo, ou a rigor, os diversos mundos em que vivemos, são eles campos do real; cada qual compreende uma forma consensual de representação geral: a realidade” (p.185). Sendo assim, as paisagens serão evidenciadas a cada passo – ou por acasos, “por há causos” – na ideia de Herrmann de que “há inconscientes”. A loucura é uma particular forma de narrativas que se produz nos abalos que cria. Sobre esta interrogativa ele disserta:

Rigorosamente falando, o inconsciente é um *quid*, um quê interrogativo. No íntimo do ato humano, imanente e coextensivo a este, reside uma apropriação inédita de forma humana, que permite o homem fazer se a si mesmo, ainda que sem saber o que está fazendo. (...) uma essência histórica, que nada mais é que o conjunto de determinações daquilo a que chamamos de humano, transitando de geração a geração. Gente tem isso, livros também, também o trabalho e o lazer, a cultura inteira. É como se toda a obra humana se conjugasse em um sujeito, antecipando sua forma de ser, forma porém que deve ser adquirida através da vida, num arriscado experimento de humanização. Os olhares de todas as gerações contemplam cada homem, não há como escapar da convergência deste cerco de olhares. Aproprio-me dela, constituo descendência, seja carnal ou cultural, morro; a sempre uma crise possível neste processo, já que o mesmo (o humano) é também um processo de criação e mudança; a interrogação quanto à forma do que se apropria e ao resultado de cada apropriação constituinte dota o quê, o inconsciente, se seu caráter de questão. (Herrmann, 1991, pp.336-337)

Pousar o olhar sobre o que a loucura revela (em sua particular forma de narrativa), o avesso do cotidiano; tal avesso, decanta paisagens e revelam o território camuflador de espacialidades.

Assim como pontuamos que realidade poderia ser representada pelo espaço, atrevo-me a dizer que a paisagem poderia ser a representação da identidade, que depende mais da lógica subjetiva. Herrmann (1999b) ressalta: “sendo a realidade resultante do próprio eu cultural, é a identidade do eu entronada no seu arredor que é escolhida para se conservar” (p.146). Em outras palavras, o eu-representação que se

há de conservar é o eu que reflete a mesma forma que determina cada sujeito ingressado numa cultura nesse novo nível de humanidade.

Para que a realidade e identidade valham-nos de defesa adequada, devem ambas parecer naturais: uma vinda do mundo, a outra, do interior do sujeito. A lógica de concepção que cria as imagens de mim mesma e de meu mundo deve operar em surdina; do contrário, tais imagens de mim não seriam críveis, se fosse eu exposto simultaneamente à consciência de que estou a inventar, ao mesmo tempo em que sou inventado. (Herrmann, 2006)

Colocando a loucura a narrar sobre as imagens que encontra no mundo é como se ela revelasse o que o cotidiano faz questão de esconder. Segundo Herrmann (1999a) desenterra as raízes de nossa pacata existência.

Veja que estranho. A Loucura do nosso mundo é simplesmente o resultado direto da maneira pela qual construímos. Porém, preferimos dizer que essa espécie de sombra, a irracionalidade das relações entre homens e a irrealidade do mundo cotidiano, é produto de outra coisa, não da razão, mas da falta de razão, da loucura. (p.16)

Traçando seu caminho pela cidade a loucura revela à fabricação de um cotidiano que levou o homem comum à ruptura com a natureza, mostrando-se totalmente “humanizado”. A loucura explicita uma paisagem a qual o homem construiu, mas não dá conta de parar para observar.

O homem comum, por sua parte, experimenta um vago mal-estar, pois sabe que está sendo enganado pela comunicação das massas, sem conhecer, contudo, quando está sendo enganado. Numa palavra: quando o homem recria o mundo à sua imagem e este mundo vai recriando, vai produzindo seu homem, é como se estivéssemos diante de um relógio sem ponteiros, cujo eixo só serve para dar corda e volta para o mecanismo, ou diante de um jogo de espelho sem corpo a refletir. A rigor, o relógio mostra algo e algo é refletido pelos espelhos, mas isto que se patenteia, sendo miolo do projeto humano, simplesmente não pode ser reconhecido pelo próprio homem, pois é a denuncia de seu

desconhecimento interno, da falta de proporção entre o que deseja para si e o que lhe convém” (Herrmann, 2001c, p.21)

Voltamos à geografia, pois a psicanálise nos convida a um diálogo sobre a natureza e o contorno que ela vem desenhando a partir do mal-estar instaurado pelas construções humanas:

Para Santos, "o homem vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos” (Santos, 1996a p.89) assim:

A natureza conhece um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura. Torna-se cada dia mais culturalizada, mais artificializada, mais humanizada. O processo de culturalização da natureza torna-se, cada vez mais, o processo de sua tecnificação. As técnicas, mais e mais, vão incorporando-se à natureza e esta fica cada vez mais socializada, pois é, a cada dia mais, o resultado do trabalho de um maior número de pessoas. Partindo de trabalhos individualizados de grupos, hoje todos os indivíduos trabalham conjuntamente, ainda que disso não se apercebiam. No processo de desenvolvimento humano, não há uma separação do homem e da natureza. A natureza se socializa e o homem se naturaliza. (Ibid)

E nesta *coreogeografia* entre loucura e cidade que o mal-estar da vida cotidiana é revelado ao homem natural. Tornando visível seus contornos definidos e definitivos, de certa forma, transparentes. Embora construídos discursivamente encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, cultural, técnica, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes ou luminosos. Estes aspectos profundos, incomunicáveis revelam-se como um momento de alucinação, em pleno concreto do dia-a-dia.

Mapeando o espaço e a paisagem que almejamos reconstruir através de toda esta Itinerância com a loucura, é que volto a Santos, em seu livro *Natureza do Espaço* (1997). Ele estabelece uma necessidade de distinção epistemológica entre espaço e paisagem. Paisagem e espaço não são sinônimos. "A paisagem é um conjunto de formas, que num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima" (1997, p.103). Então a "A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais" (p.107).

Em *pas de deux* com o olhar psicanalítico, o espaço é a paisagem nas suas formas históricas herdadas, mas a vida que as anima. Quem vê paisagem, vê uma espacialidade congelada pelo tempo. O espaço mexe na paisagem e a vivifica, por assim dizer. A identidade representa o desejo, mas o congela em apreensões sustentáveis na abertura de espaço dado quando a coincidência entre a realidade é suspendida ou se suspende. O desejo-espaço marca a vida, a humanidade, o movimento.

Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes. (SANTOS, 1996a, p. 77)

Como exemplo, temos o filme *Cortina de Fumaça*, um filme que se passa no Brooklin, em Nova York, onde Auggie Wren (Harvey Keitel) tem uma tabacaria há mais de dez anos e um hábito peculiar: Todos os dias ele fotografa a fachada da sua tabacaria. A partir da Tabacaria ele dá o clique sempre no mesmo horário e sempre com mesmo enquadramento. Faça chuva, ou faça sol. Como ele mesmo diz: "*É meu cantinho e uma parte do mundo*".

Apesar de aparentemente iguais, as fotos retratam detalhes de cada dia. Em sua rotina, Auggie conhece Paul Benjamin (William Hurt), um novelista desastroso que não mais publicou coisa alguma desde a morte da esposa. Quando Auggie mostra este álbum a Paul, se inicia uma série de gargalhadas. Paul não entende e questiona:

– “Mas são todas iguais” (observa o escritor).

– “Olhe mais devagar” (responde o comerciante). “São todas iguais, mas cada uma é diferente das outras. Tem manhãs luminosas e manhãs menos luminosas. Às vezes as mesmas pessoas, às vezes pessoas diferentes. E por vezes pessoas iguais, tornam-se diferentes.” Auggie insiste e, assim, Paul encontra sua história em uma das fotos: Sua esposa (já falecida) se preparando para atravessar a rua.

A vida na paisagem que é um canto ou uma esquina do Brooklin. As primaveras, os outonos, as pessoas, suas ausências abrem espaço na paisagem Rotineira. Então a paisagem pode ser correlata à Rotina de Herrmann que diz:

Os acontecimentos só fazem sentido quando vistos em seu contexto quase delirante, as simetrias são, de regra, enganosas. Não restam dúvidas de que isso comporta uma margem de erro; trata-se de erro necessário, para que se possa proceder à exegese das regras de realidade quotidiana: estas se aproximam da psicose e de uma organicidade universal, depois de rotinizadas é que se neurotizam, ou seja, podem ser pensadas como um espaço ilusoriamente homogêneo e neutro onde certos fenômenos se repetem sempre iguais (Herrmann, 2001c p.54)

Dessas leituras pode-se compreender que paisagens são pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço. Se há modificações substanciais no modo de construir o espaço, há modificações no modo de representá-lo. Assim, revisitando a vivência das Oficinas Itinerantes, penso no olhar da loucura sobre a cidade, incorporando o cotidiano como espaço-tempo da reinvenção de uma clínica, Herrmann já nos adverte que (1999a) para se tornar um analista é preciso descobrir-se, também um ser humano, que

carrega seu próprio absurdo, curar do desejo que o habita. Para participar do desejo alheio, não basta uma coleção de interpretações pré-fabricadas. “É preciso pôr em jogo sua própria alma”.

E ao pensar na itinerância dou as palavras a Santos:

[...] O Mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares. (...) Mas o território termina por ser a grande mediação entre o Mundo e a sociedade nacional e local, já que, em sua funcionalização, o ‘Mundo’ necessita da mediação dos lugares, segundo as virtualidades destes para usos específicos. Num dado momento, o ‘Mundo’ escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo. É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar (Santos, 1996a p.271).

E como não poderia deixar de ser, uma última valsa entre Santos e Herrmann:

Virá dos pobres, dos ‘primitivos’ e ‘atrasados’, como nós, do Terceiro Mundo, somos considerados. Estas não podem vir das classes obesas. Estas não podem ver muito. São os pobres os detentores do futuro. O problema de todas as épocas é saber como vai se dar a ruptura. E as rupturas se deram antes que todos soubessem como elas iam se dar”. (Santos, 2002, p.66).

Em um outro passo: “(...) A maneira de nosso método produzir conhecimento sobre a psique humana consiste em submetê-la a uma condição que não se encontra na vida comum, senão potencialmente ou muito diluída e rara: a ruptura de campo”. (Herrmann, 2001b, p.62).

Romper um campo significa permitir a dissolução de estruturas paralisantes e, conseqüentemente, a emergência de novos possíveis, através da instalação de novos

campos. É isso que um analista faz quando coloca em movimento o método psicanalítico. É assim na articulação dos saberes entre Santos e Herrmann que nos mostraram a Geografia e a Psicanálise em movimento, e impulsionaram a reconstruir a Clínica das Oficinas Itinerantes. Pois as *“geometrias não são geografias”³⁰*. Assim como *“Psicanálise não é apenas psicanálise”³¹*

Capítulo 3 – a olho nu: observando o outro lado da rua



32

A chave de todo ser humano é seu pensamento. Resistente e desafiante aos olhares, tem oculto um estandarte que obedece, que é a ideia ante a qual todos seus fatos são interpretados. O ser humano pode somente ser reformado mostrando-lhe uma ideia nova que supere a antiga e traga comandos próprios.

(Ralph Waldo Emerson)

³⁰ Assim falava o geógrafo e pensador Milton. Este é precisamente o cerne do argumento de Santos, um grande desafio a ciência. O processo de entendimento da realidade geográfica vai muito além da produção de mapas coloridos.

³¹ Fábio Herrmann (Herrmann, 1979) destina “a inicial maiúscula (Psicanálise) para designar a disciplina e aquilo que a ela se refere em âmbito de totalidade, como seu método; grafando com minúscula (psicanálise), quando o termo se refere à terapia analítica ou a outras formas particulares de exercício psicanalítico.”

³² Foto dos integrantes das Oficinas Itinerantes.

Muitos estudiosos, escritores, poetas, sociólogos, filósofos, artistas e psicanalistas, falaram e cientificaram a respeito dos significados que o olhar traz. Quando o colocamos para análise, há que ser um olhar garimpeiro! Há que ser um olhar perscrutador! Há que ser um olhar investigativo!

Um olhar que saiba decifrar inquietações, mas que saiba, também, enxergar as possibilidades que se postam para serem desnudadas, propiciando desta forma, mudanças. Olhar além de nós, olhar dentro em nós, o olhar no outro, ou mesmo, os olhares sobre a mesma paisagem, fazendo-nos perceber os significantes de algumas ações trazendo a tona seus significados.

O movimento do olhar situa o ser no mundo e assim, olhando, estabelecem relações com pessoas, lugares e consigo. Direcionando o olhar começamos a construir uma história, descobrir trajetos, registrar sensações no visível e no invisível. Merleau-Ponty (2007) afirma:

A visão é o encontro, como numa encruzilhada, de todos os aspectos do ser". Este movimento é um possível caminho para a compreensão do outro, do eu e do mundo. Somos nós, com nossas vivências sensíveis, culturais, sociais e intelectuais, acrescido do outro e do mundo. Enfim, o mundo é representação. Tudo o que vemos e ouvimos é representação, reaprender a ver o mundo significa desconstruir determinadas representações e buscar interpretá-las...Por meu campo perceptivo, com seus horizontes espaciais, estou presente em meu meio, coexistindo com todas as outras paisagens que se estendem além, e todas essas perspectivas formam juntas uma única onda temporal, um instante no mundo. (pp. 109 -110).

Quando olhamos com os olhos do outro (da loucura no caso ou no acaso) podemos enxergar o mundo pela via da diversidade que está disponível na existência. A Itinerância foi uma extensa experiência e uma possibilidade rica de reaprender e reconstruir. Herrmann (2003b) diz: "Interpretação é uma história de ficção que

desestabiliza a ficção histórica em que estamos encerrados, deixando que surja uma relativa verdade histórica.” (p.169)

As Histórias contadas a seguir, são de fato, muitos olhares sobre as Oficinas Itinerantes que se presentificam em três sujeitos e uma entrevistadora com quem cada um constroi uma(s) relação(ões). O primeiro olhar é o de Dasdores, que queria flutuar pelas ruas. Seguido de Dom que lutava com seus gigantes pela estrada; e por último, Júnior, um menino que amava andar pelo shopping e comer Kamaboko. Todos os olhares nos revelam um entrelaçamento de sentidos, percepções e consciência. Neste sentido, o olhar não apenas vê, ele olha, toca, sente e compreende o mundo e principalmente o ser com o mundo. A princípio pensávamos em pesquisar apenas o dispositivo Oficinas Itinerantes para constatar a clínica inventiva e extensiva desta prática, mas deixando o método psicanalítico agir, nos demos conta de o que nos interessava era o olhar da loucura sobre os caminhos trilhados pela Itinerância

Com este olhar Herrmann(2001c) descreve:

Uma regra de campo talvez nos baste, mas ainda temos que encontrá-la; para isso é forçoso romper a aparente familiaridade destas lendas tão conhecidas e amadas de nossos corações (aqui, a nossa prática em Oficinas Itinerantes), para que a surpresa ilumine o espaço onde os dramas se desenrolam. (p.71)

Uma personagem é sempre presente nas histórias contadas pelos pacientes: “Seu Zé”! Ele ocupa um lugar significativo. Na primeira história, de Dasdores, ele é o mediador, signo de pausa, descanso, aconchego. Na segunda, a de Dom, ele é quem provoca, quem instiga, quem o faz tomar partido e na última história, a de Júnior, ele já é passado, que ajuda a construir no presente uma perspectiva futura ou ajuda, a partir de uma possibilidade futura, estabelecer um presente mais compartilhado.

Nossas personagens não são o ideal de imagem para a sociedade; mas, mesmo estigmatizadas, tentam sobreviver às normas impostas desde sempre até o presente. Nosso desejo é que os usuários de saúde mental possam e/ou consigam assumir uma postura de enfrentamento, resistindo à exclusão feita em seu dia-a-dia.



33

O que o vento não levou. No fim tu hás.

O que o vento não levou.
No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as
únicas
que o vento não conseguiu levar:
um estribilho antigo,
um carinho no momento preciso,
o folhear de um livro de poemas,
o cheiro que tinha um dia o próprio vento. (Mário
Quintana)

Constatando que o poeta sabia que só nos restamos pelos “Hás³⁴” e estes sempre se vão como vento.

³³ Foto tirada em uma Oficina Itinerante em 2008. Praça Sérgio Pacheco. Uberlândia-MG

³⁴ O “Hás” refere-se à concepção de Herrmann sobre o inconsciente, Ele estabelece a condição de *haver* para o inconsciente retirando-lhe a existência substancial. E o coloca no lugar epistemológico de produtor de um saber psíquico, mas com a ressalva de que é um saber provisório, pois diretamente depende de que a interpretação descobre. “há o inconsciente designa a dimensão de conhecimento implicada no ato interpretativo”(1979 p.328)

3.1 Te pago café no seu Zé!



ENTREVISTA : Te pago um Café ... No Seu Zé!



Telefone toca. Alguém atende. Um encontro é marcado. Às 13h30 no centro da cidade de Uberlândia. E assim começa essa história A entrevistadora precisa da entrevistada e esta lhe paga um café no seu Zé.

Seu Zé era o que ia trazendo sem se importar se tinha ou não dinheiro. O bar do seu Zé é meio aberto, meio transparente. Fica dentro e fora ou não está nem dentro e nem fora, assim como a loucura.

Que lugar de origem estaria sendo representado pelo Floriano Center? Um prédio de salas comerciais é uma espécie de lugar inusitado para receber gente albergada pela sociedade!! E os elevadores? As exigências deste estranho meio de transporte?!? Nada foi impedimento, tudo foi possível e talvez por isso ali estivesse localizada a origem de uma outra e nova possibilidade.

Ao transcrever a entrevista, fui entendendo aquela 1 hora e 20 minutos de conversa. Lendo e relendo, cria-se um conto cuja personagem central é Dasdores, uma pequena grande senhora a quem (re)encontrei, (re)contei e (re)nomeei em ficção. Herrmann (1999b) diz que:

... ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar a literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular. Ficção é uma hipótese que se deixou frutificar até as últimas consequências, antes de decidir sobre a sua validade, é um instrumento poderoso de descoberta, mas tende a capturar o investigador, que também é personagem dela. Levando-o a crer que sua história é fato. Nem mesmo Freud, nosso inventor escapou por completo à atração fática da clínica (...) A estreita vinculação entre nosso conhecimento e a ficção constitui uma parte do preço a pagar – nada exorbitante, ao meu ver – pela generalização da Psicanálise como ciência completa: seu objeto de conhecimento, o homem psicanalítico, não pode ser o homem inteiro e concreto, mas uma ficção verdadeira (p.18 –19).

Escuto a Dasdores. Ela articula bem a fala. Uma de suas frases deixa mais claro o nosso processo de trabalho:

— *Aqui no Floriano Center, trabalhar fica mais fácil, né?*

Vejo Dasdores muito bem arrumada, cabelos cortados, anel, brinco e colar. Ela estava de costas em uma loja de perfumes! O abraço foi forte, o sorriso fácil. Na verdade não nos víamos há cerca de um ano. Muita história aconteceu. Ela se tornara avó de uma linda menina, e seu filho mais velho havia noivado.

— *Vou morar só! (Ela diz)*

Entrevistadora: — *Então, Dasdores, vamos começar nossa conversa, sintase bem à vontade para contar a sua história. De início, gostaria de saber: como a senhora descobriu as oficinas terapêuticas?*

Dasdores: — *Eu cheguei internada na UFU. Para ficar internada. Na UFU, internada. Só que meus filhos não deixaram, assinaram um termo de compromisso e me retiraram e me transferiram para a UAI do Planalto; da UAI do Planalto, para o CAPES; e do CAPES fui fazer entrevista embaixo de lágrimas, achando que não dava conta de nada. E fiquei sabendo das oficinas e quis fazer elas, meus dois filhos apoiaram muito. Depois conheci as oficinas clínica. Muito boa!*

Dasdores descobre a oficina embaixo de lágrimas, em meio a muita confusão e angústia, como se houvesse uma “cortina de fumaça” formada pelo sofrimento, embaçando sua visão. Não sabia muito o que esperar desta tal oficina, mas, talvez, ali pudesse abrigar e/ou compartilhar um pouco da sua dor.

E assim nos conhecemos. Dasdores, saída de uma oficina de teatro do CAPES adentra o casarão, chamando atenção pelo seu lado artístico aguçado e por seu olhar dissimulado que, muitas vezes, me capturava. Remetendo-me à Dom Casmurro, em que Machado constroi uma narrativa ambígua por natureza, fazendo com que o leitor ora duvide, ora acredite na inocência de Capitu.

Entrevistadora: — *E o que era tão bom?*

Dasdores: — *Eu gostava muito das apresentações de teatro e dança. Foi muito positivo, foi quando comecei a me abrir um pouco. Foi lá. Eeee, que comecei a me soltar um pouco, iiiiiiiiii. Eu só não gostava muito da casa porque me lembrava as casas da minha cidade.*

Entrevistadora: — *E como eram?*

Dasdores: — *As casas com estilo antigo, e lá tinha aquele estilo um pouco antigo. Era só o que eu não gostava muito.*

Entrevistadora: — *O que te lembra as casas de sua cidade?*

Dasdores: — *Saudades. (silêncio) Ar de saudade. Muita saudade. Aquela entradinha lá me lembrava muito as casas da minha cidade.*

Estilo antigo não é bom de lembrar, tem cheiro do que é guardado no baú. Naftalina! [será que ainda fabricam?]. A modernidade, a rede, a internet que abre portas para um novo mundo, é muito mais interessante. É jovem, é novo, tem cheiro de prosperidade, de possibilidade de mudança.

Entrevistadora: — *E o clima?*

Dasdores: — *O clima da casa era gostoso, eu amaaaaava aquele quintal. Eu no meio daquelas plantinhas era tudo de bom que podia ter. Só não gostava das oficinas de pintura, (risos) eu sou péssima em pintura, já tentei fazer algumas coisas e nunca consigo terminar.*

Sempre pensei que o quintal fosse um lugar de embotamento, de roupa-suja, de tralhas, de *quartinho* de entulho. Não havia percebido o “lugar arruado da casa”! Ceguei-me ao negar que o quintal a fazia respirar o ar fresco, ver o sol, sentir os pingos de chuva. Ela podia falar sozinha com as plantinhas e matar saudades do seu tempo de roça. Era um lugar onde as sensações corriam sem muitos entraves. Ela amaaaaava aquele quintal. E, de fato, viveu muitas histórias lá. E assim este espaço acaba por aguçar certos passeios. Tímidos ao início, e depois quase que impostos.

Entrevistadora: — *Falando em oficinas, me lembrei das apresentações no Teatro Rondon Pacheco.*

Dasdores: — *Sim, eu amava porque eu sempre adorei teatro e não podia fazer, depois que casei fui tolhida, meu marido dizia que era prostituição.*

Entrevistadora: — *Quantos anos a senhora tem? Pode me dizer?*

Dasdores: — *Eu tenho 68. Naquela época, a dança e o teatro eram vistos como prostituição, e eu amava as duas coisas. Eu dançava bolero, balé, tango. E fui tolhida de tudo, inclusive do meu serviço. Hoje não sou aposentada, ganhando muito bem, por conta dele (marido).*

Dasdores fez coisas que eram tabus e que puderam ser vistas com outros olhos e por outros olhos. Ela parecia encantada com as mulheres de salto alto. Talvez com as prostitutas de sua infância, com a casa que as acolhia com seus medos e seus desejos!

Entrevistadora: — *Você se lembra de quando fecharam as portas da clínica oficina, que foi meio “repentino?”*

Dasdores: — *Foi num anoitecer e num amanhecer. (risos)*

Entrevistadora: — *Sim, daí ficamos sem lugar e passamos a fazer oficina cada dia em um local.*

Dasdores: — *Sim. Fazia na praça, em restaurante, em cafezinho e era gostoso. Eu tinha síndrome do pânico.*

Então era um pânico? Um susto! Eis aqui um contraponto! Me faz repensar: será que realmente foi “tudo muito gostoso”? “num anoitecer e amanhecer” saímos do nosso arruado quintal, tão seguro, tão nosso e fomos para o vai-e-vem das ruas, e isto para Dasdores foi assustador. não? Aqui se quebra uma ideia estabelecida da entrevistadora, que a princípio percebeu este movimento como momentos agradáveis em grupo. Penso, agora, que fomos construindo este pensamento em conjunto, mas o que fazer quando nos tiram a referência a que estamos tão acostumados? (Reconstruir. Mas até ficar “gostoso” doi e assusta).

Entrevistadora: — *Quando saímos a passeio?*

Dasdores: — *Não, já nas oficinas (do casarão antigo) eu comecei a melhorar. A Deriva, quando fizemos A Deriva, foi muito mais tranquilo para mim. E já foi aqui, né? No Floriano!*

A princípio, era assustador: o mundo, a casa, o teatro, a prostituição e o marido, mas, aos poucos, passo-a-passo, tudo foi ficando diferente. A rua, as relações, os passeios tornaram-se mais leves, e, assim, quando a deriva chegou, ela já estava mais tranquila.

Entrevistadora: — *É mesmo. E a escolha deste lugar?*

Dasdores: — *Foi pra recordar uma época tão boa que vivi aqui.*

Entrevistadora: — *Quando começamos nossas andanças e fomos passear, o que você achava das pessoas nas ruas?*

Dasdores: — *Às vezes, via elas como pessoas normais; outra hora, como pessoas anormais, como pequeninhos. Umas deformadas. Outras tinham a impressão que queriam me bater, iam me agredir. Como eu estava dando conta de me controlar, eu tentava segurar aquela sensação ruim. No início eu não andava sozinha, tinha que ser levada e buscada em todos os lugares. Hoje, a esquizofrenia está bem controlada, já não tomo mais quatro comprimidos. Tomo um só pela manhã e um para sonambulismo a noite. Já diminuiu de nove comprimidos que tomava, tomo três agora; e assim mesmo, um é meio comprimido, outro é um inteiro e outro é um e meio só. As pessoas comuns que andam na rua provocam medo na loucura que anda a passeio. Onde já se viu passear às 13h30min? É hora de trabalhar! Corre-corre. Estamos sem tempo. Esbarra. Empurra. Sai da frente! Os pobres mortais se acostumaram a um ritmo frenético que ditam regras! É como se vozes dissessem: – ‘Você está atrasado. Muito atrasado!’ Mas correndo atrás de que? O que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas por um momento” (BAUMAN, 2001, p. 8).*

E assim a normalidade é sentenciada pela loucura, eles são pequeninhos. Agora Dasdores quer se formar e já está se formando. Quem está sem forma? Quem aqui está perdido?

Entrevistadora: — *E você faz o quê, além disso?*

(Tentando segurar as tais “sensações ruins”, nossa Dasdores faz mais uma tentativa)

Dasdores: — *Além de psiquiatra e psicólogo uma vez por semana, e psiquiatra uma vez por mês, eu faço várias coisas como leitura, leio mensagem, meditação. Eu creio na meditação e aprendi a fazer a meditação, que tem me ajudado muito. Fico tranquila. Relaxar e me soltando lentamente, mas tenho mais dificuldade quando chego na cabeça, pois começo com os pés, mentalizando o corpo, tem uma música e tem uma viagem. E cada dia é para um lugar diferente, tem que meditar cada dia em um lugar, nunca repetir, se não tiver bem a mesma viagem mental.*

Dasdores não precisa enfrentar a realidade, pode-se ter acesso a ela de outras formas. Segundo Foucault (2005): “*A loucura afeta a verdade objetiva do sujeito que é sujeito pensante. Se penso, existo; se sou louco, não penso; portanto, se penso não sou louco e se sou louco nem penso nem existo*” (p.46)

Dasdores, tomando cuidado para não ser acordada dessa ilusão em que descansava agradavelmente, acaba por não encontrar a luz que a mantinha equilibrada. Na verdade, encontra uma luz pálida que não consegue clarear a absoluta escuridão de suas dificuldades. A cabeça.

A entrevistadora queria outro trajeto. Estava mais interessada em saber como ela construiu a sua relação com a cidade. Assim, retomo “a” questão: o lugar, o espaço, o passeio, A RUA, as pessoas.

Entrevistadora: — *E andar nas ruas, me conta um pouco disto.*

Dasdores: — *No início, no início, eu pensei: “Nossa, que bobeira, uma turma de doido andando sozinho. andando na rua fazendo reunião. (Risos) foi o que eu pensei. eeeeeeeee. Falei. já, já, vão achar que até a psicóloga é doida também (muitos risos). Hoje eu morro de rir!*

No conto A terceira margem do rio, Guimarães Rosa diz: “Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos.” (Rosa,1988 p.32)

Sentia-me assim como em um bando. “Um por todos, todos por um”. A loucura estava na psicóloga. Afinal como adentrar neste mundo, se não nos permitir olhar com os olhos da loucura? Ou escutar com seus ouvidos? Como conseguiria entender o medo do cotidiano se não fosse atingida por ele por um momento? E não foi uma insanidade colocar a loucura a passeio? “E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.” [Guimarães Rosa])

Entrevistadora: — *E as pessoas da rua?*

Dasdores: — *Achavam que. nem olhavam pro lado, a gente que se preocupava com eles. Eu mesma me preocupava com eles, eles nem estavam nem aí pra gente. O que mais me fazia medo é de alguém se aproximar de mim e me agredir. Muito medo. Eu estava começando a melhorar. Meu filho ainda me trazia todos os dias.*

Aqui podemos enxergar a proximidade entre a sanidade e loucura. Dasdores quase toca e é tocada. Esboça em sua mente um contato fantasioso de agressão e, ao mesmo tempo, um desejo intenso de ser notada. Sua relação com as pessoas da cidade começa a ganhar contorno.

Entrevistadora: — *Um lugar em especial?*

Dasdores: — *Eu achei todos bons, só não gostei da comida de japonês, naquele restaurante de japonês, naquele dia, eu detestei. Eu não gostei da comida, não gostei do ambiente, achei eles tão assim. Fechado. Parece assim. Sei lá. Parece que era um ambiente nostálgico, para mim era o que ele me passava. Muito fechado. Não gostei.*

Freud (1950) afirma que a negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido. Sendo assim, Dasdores inaugura a alteridade. O outro existe, pois eu posso dizer não.

Dasdores: — *O que me marcou foi uma jovem crioula que passou. Bem. É. Com uma calça, bem elegante e andando de salto; e eu observo muito quem anda bem de salto. Eu acho muito bonito, ela parecia que andava nas nuvens de tão leve que ela ficava e isso me marcou. Eu achei muito bonito a maneira como ela andava, como ela sabia andar de salto sem fazer barulho. Numa serenidade. Eu acho muito bonito.*

Entrevistadora: — *Você sabe andar de salto?*

Dasdores: — *Não. Não sei. Acho lindo, mas não dou conta. Ela parecia que estava tão de bem, que a sensação que eu tinha. era que ela não andava. Flutuava.*

A mulher crioula altiva e sensual, que atrai olhares de admiração, que é livre e solta e quase flutuava de tanta leveza [talvez de prazer?], seria como as prostitutas dos anos 40 em seus bordéis luxuosos, acolhedores, dirigidos por madames afáveis e maternais, muitas delas devoradoras da fortuna dos frequentadores, o que as tornava financeiramente independentes.

Os bordéis eram uma espécie de prolongamento do lar, onde gravitavam pais de famílias, boêmios, poetas, artistas, escritores, políticos e tantos outros, que olhavam admirados as moçoilas e as aplaudiam após o show. Dasdores revela sua admiração por estas mulheres alegres dos anos 40 e ao mesmo tempo segue as regras tão claras de que a boa moça deve dedicar-se ao lar, podendo quebrá-las somente com a permissão da insanidade.

Entrevistadora: — *Vocês trocaram algum olhar?*

Dasdores: — *Não, ela nem olhou pro lado, passou.*

Bauman (2009) diz que, na sociedade contemporânea, somos treinados a viver com pressa. A arte de viver consiste em esticar o tempo além do limite para encaixar a maior quantidade possível de sensações excitantes no nosso dia-a-dia. Essas sensações vem e vão. Desaparecem tão rapidamente quanto emergem, seguidas sempre de novas sensações a se perseguir. A pressa – e o vazio – é fruto disto, das oportunidades que não podemos perder.

Então, por que alguém pararia para trocar olhares com a loucura, que não está no corre-corre diário? Que, na verdade, resiste a este vai-e-vem da contemporaneidade? E vem revelar que o surto é uma forma de “parar”!?!

Dasdores: — *Tinha também o da porta da igreja, se a gente passasse por ele 20 vezes, ele cantava 20 vezes para ganhar dinheiro da gente.*

Entrevistadora: – *Teve algum outro dia que te marcou?*

Dasdores: — *Ah, um dia que eu participei só um pouquinho. Das fotografias. Eu tinha que ir na medicina e não pude ficar. Tinha a cigana. E aquele cara que fala que é vereador, que anda cheio de colares e fala que é poeta. Foi boa a praça.*

Quem hoje em dia vai à praça? Estamos nós querendo colocar a loucura novamente em um lugar que ninguém frequenta? Será uma forma de isolar a loucura? Estamos nós repetindo?

O vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou rodas de quem anda. Vazios são os lugares em que não se entra e onde se sentiria perdido e vulnerável, surpreendido e um tanto atemorizado pela presença de humanos (BAUMAN, 2001, p. 122).

Dasdores: — *E o cafezinho. Esse era bom. Só não saiu assunto de doença! Só de amizade, coisas alegres, de passado, coisas boas que aconteceram. E lembro de um amigo contando que foi na festa da roça e que ele comeu um montão de carne e depois passou mal; e a mãe dele falou que ele ia passar mal, e que passou mal e tornou a comer (risos). Ele era muito gente boa.*

Entrevistadora: — *Então, Dasdores, depois dessas andanças chegamos ao Floriano Center, o que você achou do nosso novo lugar?*

Dasdores: — *A gente quase não parava na sala, né? E eu achei muito bom! Era cafezinho no seu Zé todo dia, ou na chegada ou saída. Eu gostei muito do Seu Zé.*

Seu Zé, uma figura importante. Ele é o dono do café da entrada do Floriano Center. Um local aberto está dentro, mas também está fora. Assim como a loucura. Era no Seu Zé que os pacientes nos esperavam para pegar o elevador que nos levava para a sala.

Era também no Seu Zé que tomávamos café antes de irmos embora. Pelo Seu Zé, passávamos todos os dias e papeávamos um pouco. Seu Zé ria, conversava com todos. Acho que ele não tinha a menor ideia do que fazíamos ali. Mas, a partir dele, começamos a conversar com vários habitantes do Floriano. Seu Zé era nosso media(dor)!

Entrevistadora: — *E ele nunca tinha tido contato com um grupo como o nosso.*

Dasdores: — *Ele agia supertranquilo. Super bem. Tudo que pedia ele fazia. Se tivesse dinheiro, ele trazia; se não tivesse, ele trazia também. Eu senti muita falta quando terminou, era nosso canto. Eu chegava ali, debulhava e dividia tudo o que tinha para dividir. Dividir o problema com quem tem o problema é outra coisa. A gente sente igual. A gente sente igual. A gente participando com o que tem o mesmo problema. Como, por exemplo, o profissional, quando a gente fala com o profissional, a gente sabe que ele está ali para orientar; e com o paciente, a gente sabe que ele está ali para entender a gente. Pra mim, foi muito importante esse contato. Como eu amo esta equipe toda. Tanto os psicólogos quando os pacientes, Dom (fictício) era uma bênção, como eu adoro ele. Ele é muito inteligente e educado. Todo dia ele fazia questão de cumprimentar a gente e dar aquele abraço gostoso.*

Essas palavras vieram como um solavanco, emergindo uma dualidade extrema. Sim! A entrevistadora se incomoda. Pensava que entendia. Mas, na verdade, orientava! Ao mesmo tempo vem uma emoção forte. O grupo de pacientes entendia. Eles trocavam, ela se sentia acolhida, ela se sentia bem.

Entrevistadora: — *Lembra dos eventos de que você participou?*

Dasdores: — *Teve a exposição de fotografias no SESC, e eu dancei sozinha com as pipocas.*

Entrevistadora: — *E como foi pra você?*

Dasdores: — *Foi normal, eu já estava acostumada a fazer parte de teatro. Então fazer solo é fácil. E todo mundo estava sentado. O meu problema é ter todo mundo andando em volta de mim. Aquele vai-e-vem de gente me deixa atolada. Depois apresentamos lá no trilhas! Fizemos a deriva depois, e eu amei! Amei! Achei*

muito engraçado. Achei muito legal sair procurando alguma coisa sem rumo. E tudo a gente encontrou!

Dasdores, querida: quem procura, acha. Até sonhos! E eu a vi procurando, achando, quase desistindo, voltando. Procurando novamente.

Dasdores: — *O impressionante foi que cada um ditava o que queria encontrar, e tudo que foi ditado, foi encontrado. O mais engraçado foi o coco. O D. que ditou e achou numa cestinha de lixo. O mais difícil foi o pipoqueiro que foi achar no terminal.*

Uma surpresa. Reviver A DERIVA! Segundo Guy Debord (1958), deriva é uma técnica de passagem rápida por ambientes variados. A deriva implica um comportamento lúdico-constructivo e uma consciência dos efeitos psicogeográficos, sendo, portanto, bastante diferente das noções clássicas de viagem ou de passeio. Numa deriva, uma ou mais pessoas, durante certo período de tempo, esquecem as suas relações, o seu trabalho e atividades de lazer e todos os outros motivos habituais para movimento e ação, deixam-se guiar pelas atrações do terreno e pelos encontros que aí se processam.

O acaso, nessa atividade, é um fator menos importante do que podemos pensar: do ponto de vista da deriva, as cidades têm contornos psicogeográficos, com correntes constantes, pontos fixos que desencorajam a entrada ou a saída em certas zonas. Mas a deriva inclui, ao mesmo tempo, o deixar-correr e a sua necessária contradição: o domínio das variações psicogeográficas através do conhecimento e cálculo das suas possibilidades. E assim criamos coragem para adentrar em diversos pontos da cidade.

Entrevistadora: — *Quando você andava pela rua, o que você pensava sobre a cidade, sobre o movimento.*

Dasdores: — *No começo, eu tinha indiferença. Eu isolava tudo e todos, para mim andar bem, pra mim pode conseguir, eu isolava tudo e todos que estavam ao meu lado. Para mim, só existiam vocês. Não observava nada; se era bonito, feio, não observava. Depois, eu fui acostumando com estas saídas. Fui acostumando. Começando a observar os lugares as pessoas, fui começando a ver a cidade.*

Entrevistadora: — *Você se sentia parte desses lugares?*

Dasdores: — *No início, eu sentia que eu não era ninguém no meio daquelas pessoas. Eu era uma coisa ali no meio de todo mundo. Eu acho que era o medo, eu me transformada em um objeto. em alguma coisa inanimada. E depois fui começando a melhorar.*

Dasdores, a princípio, se sentia um objeto inanimado. Mas será que ela estava tão distante do que se vive hoje na sociedade do consumo? Daí um grupo de seres inanimados no mundo sem alma buscando uma relação com a cidade, com o lugar, com as pessoas. Coisa de doido?

Entrevistadora: — *E, Dasdores, hoje, como é?*

Dasdores: — *Hoje, tá tudo tranquilo, resolvi isolar o passado. Eu me lembro dele. Eu lembro do passado. Mas eu não deixo voltar para me machucar. Eu já estou conseguindo fazer isto. Ele vem. E daí eu falo: Você é passado pra mim, hoje tenho vida nova, não, não, não sou mais, não sou não. Como é que eu digo? É. Eu não te pertenco mais. Eu faço a minha vida hoje.*

Entrevistadora: — *O que você faz da vida hoje?*

Dasdores: — *Faço capoeira, musculação, dança. Viajei com o grupo de dança de rua para Frutal. O meu grupo foi para o SE VIRA NOS 30 (quadro do*

Domingão do Faustão, programa exibido pela Rede Globo). Eu não fui porque eu já tinha saído.

Entrevistadora: — *A senhora gostaria de ter ido?*

Dasdores: — *Não daria, pois meu filho ficou noivo no dia. Eu iria pela viagem, não para aparecer na televisão. Eu viajo com meu grupo religioso para congresso. Hoje à noite, eu vou a Aparecida do Norte. A minha vida está quase normal, só não me chama para tumulto que eu não vou. Hoje estou aberta para passar e dar um sorriso para quem me sorrir. Antes, quando alguém sorria pra mim. Ai, que vontade de pegar e esmagar. Hoje, não. Hoje sou capaz de eu sorrir para pessoa. De falar um muito obrigado. um desculpa. Eu tenho, há muito tempo, desde nova, uma vontade de fazer uma faculdade. Então, nessa virada que estou dando em minha vida, uma página dela é voltar a estudar.*

Acabou aquilo, a mistura, a simbiose. Em certa medida. Hoje em dia nossa personagem procura não viver apenas [Das]dores passadas, enfatiza que quer mudar de vida, que deseja por em prática aquilo que ficava no discurso. Está ampliando suas relações. Navegando por outros mares. Vivendo uma vida quase “normal”, usando as regras da rotina. Tornando-se conselheira da amiga virtual, estabelecendo relações em outras redes!

Entrevistadora: — *Então, quer dizer que, daqui um tempo, quando nos reencontrarmos, irei encontrar uma Dasdores formada?*

Dasdores: — *Se não! Nós vamos nos encontrar. Você vai reabrir sua academia e eu vou entrar nela de novo (risos). Nossa, Aline, tô te pondo até na academia. (risos). Sua clínica (riso geral).*

Na verdade, Dasdores esteve na clínica, e agora, com sua história, ela “entra” para Academia. Onde há suor, dança e música, todas construídas pelas palavras de um duo que ainda não tínhamos feito.

No palco, dançamos juntas com sapatilha; na oficina de passeio, caminhamos com All Star. E, agora, no dedilhar de um teclado. Estamos construindo em outro tipo de território, com outra forma de linguagem, para que consigamos contar esta história que narra a (re)conquista de um lugar antes esquecido, antes temido, antes passado, mas agora presente.

Andando pela cidade, Dasdores começa a se reconhecer nela, se apropriar e interferir em sua paisagem, deixando sua história registrada. Podem as formas, durante muito tempo, permanecerem as mesmas, mas, como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes. (SANTOS, 1996)

Entrevistadora: — *Fico feliz em te rever. Faz um ano?*

Dasdores: — *Mais de um ano. Fico pensando em mandar e-mails para vocês.*

Entrevistadora: — *Dasdores, olha que interessante, você também adentrando neste mundo!*

Dasdores: — *Tenho 84 amigos, tenho amigos na Espanha, Portugal, e tenho na Itália. Tenho uma amiga que é uma pessoa de abrir. Ela terminou um relacionamento e se abre comigo, e me pede: ‘– Me dê resposta, por favor.’. Eu respondo do meu jeito, daí ela gosta. Eu aprendi a usar internet sozinha também.*

Entrevistadora: — *As relações também se estabelecem na rede agora.*

Dasdores: — *Sim, também na rede. E meu novo desafio é morar sozinha. Meu filho vai se casar, e quem casa quer casa. Sogra morando junto não dá certo, principalmente com nora! E a gente é muito do lado do filho, então, qualquer coisinha. É uma coisa que não quero. Eu já criei meus filhos, e agora quero ficar sozinha. Para se eu sair e passar o final de semana fora, não tenho que me preocupar.*

Entrevistadora: — *Então te desejo boa sorte, na faculdade e também em morar sozinha. Seus dois grandes objetivos neste momento.*

Dasdores: — *Eu me lembrei da história do passarinho. É. que a mãe protegeu dando comida na boca, enquanto o passarinho não dava conta. Depois ele ficou maiorzinho, ela punha no ninho. Depois ele cresceu, e pôs por perto do ninho; e a hora que ele criou asas, ensinou ele a procurar a própria comida. Depois, cada um tomou seu rumo.*

Entrevistadora: — *(suspiro) Fico feliz em ver a senhora assim.*

Dasdores: — *Eu pago o café no seu Zé.*

Sentamos em volta da mesma mesa, papeamos com o seu Zé, tomamos dois Cappuccinos, fizemos uma sessão de fotos, nos abraçamos, nos olhamos e lá fomos andando pela rua a fora cada qual no seu caminho, cada qual no seu rumo. E assim esta história fica para mim como quem diz: ‘– Aprendi a caçar sozinha. Tenho que ir. Tenho um mundo novo a minha espera!’ E lá se vai Dasdores, livre, leve, parecendo que flutuava.

3.2 Ele: Dom Quixote. Eu: Sancho Pança



Ele : DOM QUIXOTE

Eu: SANCHO PANÇA

Subindo os degraus, chego à casa de Dom. Ele preferiu que eu fosse a sua casa. Lugar aconchegante e conhecido. Estava a minha espera. Abriu a porta, me convidou para sentar em sua sala. A família veio me cumprimentar. Muitas histórias em inúmeros porta-retratos em sua estante.

Dom se senta em um sofá embaixo do quadro Retirantes de Portinari, esta obra representa o povo nordestino e nos mostra a necessidade que o povo tem em abandonar sua terra em busca de uma vida melhor em outra parte do país. Assim nos revelando que retirante é o homem nordestino que viaja de onde mora a outro lugar em busca de água e comida, fugindo da seca.

Não seria Dom um retirante? A necessidade de buscar uma vida melhor estava nos seus olhos, no seu falar e na minha expectativa.

— *Eu agora acordo as 8 e meia da manhã. Pra quem acordava as 14 horas. Muita coisa mudou!*

Então Dom começou a me guiar pelas suas falas. E assim com minha pança faminta por seus feitos, sentei-me a seu lado e nos colocamos a passeio.

Sancho: — *Então a primeira pergunta que farei, é como você ficou conhecendo Oficinas Terapêuticas?*

Dom³⁵: — *Eu fiquei internado. E Daí meu médico além dos medicamentos me indicou acompanhamento psicológico com uma psicóloga que trabalhou no grupo Pínel no Rio Grande do Sul, que me indicou a Oficina da UFU. Foi o primeiro grupo em que participei.*

S: — *E como funcionavam as oficinas?*

D: — *Minha psicóloga coordenava, Tinha as oficinas de Argila, plantas Ornamentais eram ministradas por um Agrônomo, depois a gente vendia,. Musicoterapia e de artes. E tinha as estagiárias que atendiam individualmente.*

S: — *Que legal, então era cada um de um área?*

D: — *Sim cada um de uma área.*

S: — *Me conta como era o espaço?*

D: — *Era um galpão aberto, não era que nem hoje, tudo fechado. Cheio de pinturas envolta, com espaço para deixar mensagens, pintar ou escrever. Tinha duas Goiabeiras. Uma de goiaba vermelha e outra branca. Plantas e tinha uns brinquedos. Tinha muita gente. Eu gostava.*

³⁵ Usarei as iniciais para identificar quem fala no diálogo.

Leva-me a pensar no tempo em que as oficinas eram de fato algo novo. Em que vários profissionais tentavam de um jeito essa tal oficina terapêutica gerando grandes acertos e um leque de possibilidades. Havia saberes e olhares de outras áreas, e não só “psi”, esta relação acabava por ampliar o olhar da loucura e daqueles que estavam à procura de novas maneiras de lidar com a mesma.

Em espaço aberto entre goiabeiras. Nada fechado. O ar entrava, tinha como brincar e conversar. Ele pôde gostar.

S: — *O que te chamou mais atenção nesta oficina?*

D: — *Não é o que mais gostava, mas tinha o jogo memória, mas tinha uma menina chamada J. Que sempre ganhava. Ela saiu. Não sei quem me falou que ela tinha TOC. Na verdade eu não sei o que ela tinha. Aí ela foi estudar. Saiu de lá e foi pra escola. O irmão dela não gostava que ela ia lá. Quando ele ia buscar, dizia assim: – Ah J. Vamos estudar, faz alguma coisa, Ele achava que aquilo lá era uma perda de tempo para ela. Ficava muito bravo com ela. Ele não gostava de ir lá, chamava para ir embora logo. Ficava meio irritado. Mas ela era de boa. Conversava com todo mundo.*

S: — *E você gostava de lá?*

D: — Eu gostei.

Oficina é pra gente desocupado e quem é assim é louco. E quem assume a loucura sentença, e é difícil bater este martelo.

O poder disciplinar se espraia na sociedade, assumindo formas diferentes nos mais infinitesimais pontos onde tais procedimentos encontram homens e mulheres. Em escolas, reformatórios, quartéis, hospitais, manicômios, fábricas, oficinas, associações filantrópicas, igrejas, agremiações profissionais, partidos, o poder disciplinar incide, fixando e moldando os indivíduos com a intenção de ser um procedimento por meio do qual a 'força do corpo é com o mínimo ônus reduzida como força 'política', e maximizada como força útil'. A

constituição mesma da força de trabalho: fornecer saúde para corpos que devem estar aptos à lide e indispostos à contestação. (Rodrigues, 2004 p.163)

S: — *Você tinha ideia do que eram Oficinas?*

D: — *Eu tinha feito TO³⁶, NE? Era mais ou menos a mesma coisa, mas era só produtivo, não era assim pra conversar era mais sentar lá e produzir. Produzir. Produzir e produzir e depois vender o que produziu e com o dinheiro comprar material para produzir mais e vender e produzir, vender e produzir. Era ocupar o tempo para não pensar besteira. Tinha mais ou menos esta ideia de Ocupar o Tempo.*

S: — *Então para você a diferença entre O. T e T. O. É essa. TO de produção e OT para conversar?*

D: — *Não só para conversar, mas para ouvir tb. Eu me sentia acolhido lá.*

Quando Dom narra a TO, podemos percebê-la como Tempo Ocupado revelando um tipo funcionamento. A TO planeja, organiza e se ocupa da realização de atividades, desde as mais simples (como pentear os cabelos) às mais complexas (andar de bicicleta) objetivando a ocupação de um tempo no cotidiano do indivíduo pressupondo uma melhor qualidade de vida. Enquanto a OT poderia ser vista como Ocupar o Tempo em sentido de Construção. Aqui nasce um tempo que será preenchido conforme o desejo. Conforme as questões colocadas. Conforme o sentido que se toma. Conforme a relação com seu espaço. Conforme seu Itinerário.

Mente vazia maus pensamentos? A produção ocupava, mas faltava à escuta e o escutar. Faltava a troca. Birman (1993) explica:

A experiência psicanalítica é representada como um contexto para a circulação de textos entre sujeitos. A psicanálise seria uma experiência entre alguém que fala e um outro que escuta, constituindo um espaço intersubjetivo fundado na transferência, no qual a

³⁶ Referindo-se a Terapia Ocupacional.

linguagem é sua condição de possibilidade, pois funda a regra fundamental dessa experiência. (p.29).

E assim a escuta se tornava acolhedora e ele também podia falar ali sua voz não era tão diferente das outras. Mas ainda era só o início da nossa caminhada havia alguns “Gigantes a espreita”.

S: — *E depois de lá?*

D: — *Eu internei a segunda e a terceira vez, e depois voltei para oficina para passar meu aniversário. E daí encontrei uma ex-colega de turma. Estava lá fazendo estágio e ela era minha terapeuta de referência e o povo ficou meio incomodado. Eu comentei assim: Que legal né? Uma amiga minha de turma, ser minha psicóloga de referência. Aí me disseram: Não, não pode. Se ela te conhece não pode ser sua terapeuta de referência. E eu insisti que não tinha problema não. Mas ele disse que não podia, se isto fosse me incomodar para eu dizer.*

S: — *E você se sentia a vontade?*

D: — *Eu estava. Não tinha problema nenhum. Mas eles falavam se te incomodar tem que falar.*

S: — *Chegou a te incomodar?*

D: — *Assim, a única coisa que me incomodou é que na época que estudamos juntos ela gostava de mim (risos). Mas como eu estava gordo nesta nova época, e na outra época eu era magro, eu pensava, ela não vai gostar de mim agora.*

S: — *Mas você acha que o fato da pessoa está com uns quilos a mais a outra deixa de gostar?*

D: — *Ahahn!*

Ela não deixava de gostar dele por estar louco, mas por estar gordo! E assim a doença da contemporaneidade é revelada: é melhor ter o corpo perfeito senão não há afeto que resista. Herrmann e Minerbo (1998) vêm nos dizer que: “da era Industrial, com seus inputs e outputs, mesas magras, medidas, colesterolis. Gerando mensagens de contraditórias de liberdade e restrição. Comer alimento proibido, gorduroso, engordativos está identificado com a morte, é a forte culpa, de pecado expiação.” (p.20). Tirar a azeitona da empada não trouxe resultado. Degustá-la gera prazer mas é quase imoral!

S: — Você não acha que passou muito tempo, e a relação se modificou? Acho que ela poderia gostar de você (magro ou gordo). Você não acha?

D: — Um risinho no canto da boca e diz não sei.

No filme *Santiago*(2007) ³⁷, João Moreira Salles, repete uma pergunta do filme: *Viagem a Tóquio* de Yasujiro Ozu: “A vida é uma decepção?” Como a personagem de Ozu, Dom deveria responder “sim” e dar um grande sorriso depois. Porque a inteligência é encontrar o júbilo de um sorriso diante do que não se pode evitar. Ele vê claramente a lógica produtora das relações. Onde a imagem prevalece sobre a emoção entre o eu e o outro. Quem sou eu? Estou aprisionado a uma ideia ou ainda sou dono do meu corpo? (não seria esta a mesma pergunta da insanidade para a normalidade?)

Em seu artigo, Khouri (2009), disserta sobre as “formas perfeitas” dizendo que quase com vida própria, o corpo transforma-se em uma máquina que requer constante e exaustiva manutenção. Nesse sentido, o ideal do corpo perfeito é uma das presenças mais fortes no imaginário coletivo, que exige um preparo cuidadoso à custa de muita ginástica e dieta. Há nisso, porém, um deslizamento da ideia de cuidar de si,

³⁷ Santiago é o nome do filme e do personagem de João Moreira Salles. Durante 30 anos, Santiago foi mordomo da família de Salles, uma família muito rica, culta e influente

em nome da saúde e do bem-estar, para um culto ao corpo que aprisiona o sujeito, em uma corrida infinita pela completa perfeição. Somos bombardeados pela publicidade que promove a indústria da beleza, sem dar sossego. O que prevalece é o corpo-imagem, como o mais fiel indicador da verdade do sujeito. “Estar em forma significa ser feliz, estar integrado socialmente e de bem com a vida.”

Os psicanalistas Fábio Herrmann e Marion Minerbo, no artigo “Creme e castigo”, publicado no livro *Psicanálise fim de século* (1998), mostram como os complexos morais migraram da sexualidade para a dieta, da cama para a cozinha e para a mesa. O que antes se expressava em termos de sexualidade agora parece ressurgir como moral dietética, conservando muitas regras e normas características do discurso sexual. Quanto de pecado tem uma barra de chocolate?

S: — *Mas ela continuou ou não sua terapeuta de referência?*

D: — *Não, logo eu sai. Fui internado de novo e tive duas AT³⁸.*

“Pois que o amor e a afeição com facilidade cegam os olhos do entendimento.” (Cervantes, 1978 p.386) entendimento ou apreensão do real.

Bem-vindo à contemporaneidade. O corpo delineado e a busca constante da imagem perfeita. Dom queria tanto ser desejado por sua Dulcinéia, mas havia grandes gigantes contra a si. Do ponto de vista da equipe: ética/ do ponto de vista de Dom: Gordura/ do entrecruzamento a insanidade.

A apresentação física de si parece valer socialmente pela apresentação moral. Um sistema implícito de classificação fundamenta uma espécie de código moral das aparências que exclui, na ação, qualquer inocência. A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe de vestimenta, conforme também a forma do corpo ou rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre

³⁸ Acompanhantes Terapêuticas

aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeições moral ou de pertencimento da raça (Le Breton, 2006 pg. 78)

Qual a aparência mais apreciada? Como posso me permitir existir na contemporaneidade? Este jovem acreditava ser uma pessoa “normal”, que possuía seu direito de ir e vir tinha uma vida social, era um consumidor, fazia exercícios, tinha um corpo apreciado. Através do surto uma nova ordem de reconhecimento se colocou. A partir de então este jovem conheceria o olhar social; nas palavras de Le Breton : “Quando ousa fazer qualquer passeio, é acompanhado por uma multidão de olhares, frequentemente insistente; olhares de curiosidade, de incômodo, de angústia, de compaixão, de reprovação. Como se tivesse que suscitar de cada pensamento um comentário.” (Ibidem p. 79)

De gordo para o jejum ou o jejum produziu um gordo? A Ordem é consumir, se alguém jejua provoca um abalo na ordem: inscreve-se a doença. Quem querendo sanar seu problema acaba por buscar o que gerou o problema. A alimentação ou a falta dela, não o livrará de um corpo gordo nem mesmo da doença que carrega. Segundo Herrmann (2004):

Como qualquer resposta traumática, a contradição entre os meios e os fins aqui dá as caras abertamente. O cultivo da forma física é um instrumento de sobrevivência. Saúde e longevidade. Porém, o mimetismo de uma forma física superior, pela musculação compulsiva e pela ingestão de anabolizantes dificilmente pode atender ao mesmo objetivo – o que denota um aspecto particular dessa crise estética, no caso e equivalência uma fantasia, entre produção e reprodução, entre parecer e ser, entre obra e fac-símile.

S: — *Porque tantas interações?*

D: — *Porque eu fiquei Fanático por religião, comia apenas uma vez por dia, fiquei vários dias jejuando. Sabe aquele assunto de jejum sem água, que diz que só aguenta quatro dias, isto é mentira. Eu aguentei oito. Se você pegar uma pessoa que*

nunca jejuou, ela aguenta apenas quatro, mas se você for de pouco em pouco você consegue mais. É Hábito, é habito. É treinamento você condiciona seu corpo a cada dia você beber menos, beber menos, daí você fica cada vez mais resistente. Daí, eu fui melhorando e tudo. Daí um médico disse. Acho que você não tem esquizofrenia não, você tem depressão, vamos tentar um antidepressivo, Afranil. Daí comecei a piorar, e ele insistiu só afranil. Daí pedimos opinião de um segundo médico. Lá de Ribeirão Preto. Ele falou: Não, o que tá mantendo você é o efeito residual do Leponex. Você estava tomando uma dose muito alta, daí quando você parou, foi diminuindo, daí você foi melhorando, daí foi caindo cada vez mais e daí você piorou. Então fomos pedir uma opinião de um terceiro médico, então eu falei pro meu pai: O que eu faço? Daí meu pai disse: Você é quem decide. Então eu falei: Eu não sou médico, você é médico! Mas eu não vou decidir. Decide seu você não decidir eu te interno! Interna!

“De médico e louco todo mundo tem um pouco?”

Quando há exigência de uma tomada de decisão como vista a cima, o poder de decisão vira imposição e assim o louco perde para a sociedade a qual pertence a sua condição de sujeito, então, é como se no lugar do sujeito aparecesse a loucura. Seu discurso e as ações não possuem significados, tornando-se apenas sintomas da doença. Julgado incapaz de decidir sobre o seu destino em todas as instâncias, que vão desde a liberdade de locomoção até as decisões sobre a forma de tratamento que recebe, o louco é guiado pelo saber médico.

Acima um diálogo mais do que o louco e o médico era de fato: um pai que amava loucamente seu filho enlouquecido. E que em um lapso de insanidade, gritava para que autonomia de seu filho “desse conta” do que já não dava para estancar.

E dizendo isto, encomendando-se de todo o coração à sua senhora Dulcinéia, pedindo-lhe que, em tamanho transe o socorresse bem coberto da sua rodela, com a lança em riste, arremeteu a todo o galope do Rocinante, e se aviou contra o primeiro moinho que estava diante, e dando-lhe uma lançada na vela, o vento a volveu com tanta fúria, que fez a

lança em pedaços, levando desastradamente cavalo e cavaleiro, que foi rodando miseravelmente pelo campo fora. (Cervantes, 1978 p.58)

D: — *Aí fiquei lá 30 dias, eram 15, na verdade, para voltar a tomar o remédio era necessário 3 dias. Mas tinha que ficar no mínimo 30, pois era pago, né? Era pago! Era de praxe. Aí, depois desta internação, eu fiquei isolado, né? Não saía. Tinha medo. Tinha lugar na casa que eu não ia daí foi minha terceira internação. Eu tinha medo de espíritos ruins, em alguns pontos da casa, daí eu não ia. Ainda por influência da religião. Eu só saía para ir aos médicos. Eu melhorava quando viajava os 500 km. Quando chegava na metade da Ponte o Rio Grande eu melhorava, brincava com os médicos e tudo bem. Quando eu voltava da ponte do Rio grande, eu ficava quieto novamente.*

S: — *Então Minas não era tão boa para você nesta época?*

D: — *(risos) É eu achava, eu achava. Chegava em Minas eu não queria parar em posto nenhum, não queria ver ninguém, parar em nada, ver nada. Entrava em São Paulo, eu queria ver o povo, cumprimentar o povo, para no posto. Vamos fazer isto. Fazer aqui. E eles contavam tudo pro médico. Daí ele dizia: Se você não melhorar até tal dia, vamos ter que internar vamos ter que internar.*

A paisagem muda. O sentimento muda também. O espaço que se abre é outro. Ao se pensar na estrutura da personalidade do lugar, a paisagem assume especial destaque, pois é precisamente dela que nos chega muito da percepção, é um conjunto de formas num dado momento e por isso mesmo algo que está sendo sempre refeito na mesma matriz. Milton Santos (1996) usa a bela figura do ³⁹palimpsesto para definir a paisagem afirmando que:

³⁹"riscar de novo" designa um pergaminho (ou papiro) cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização.

É o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. (p.83)

Assim esta passagem Minas–São Paulo carregava muitos medos, muitos anseios, muita vontade e desejos. Dom deixava a voz em São Paulo, e quando chegava a Minas preferia o silêncio. Dentro de si a guerra continuava. e ele demonstrou cansaço.

D: — *Daí quando passou o dia, e não tinha melhorado meus pais falaram, agora vamos ter que internar. Eu falava: Não, não, agora eu melhora, eu melhora, eu melhora. Aí eles falaram assim: Não, mas agora já passou a data. Mas eu dizia: Não, mas eu estou melhor! Mas não adiantou nada. Eu chamei para sair, fomos ao cinema. Fiz de tudo, mas não aceitaram de jeito nenhum. E assim foi minha terceira e última internação.*

Ufa! Enfim a clausura intramuros teve fim. Mas o quarto, a porta, as escadas. Seria mais uma etapa.

A liberdade é um dos dons mais preciosos que o céu deu aos homens. Nada a iguala, nem os tesouros que a terra encerra no seu seio, nem os que o mar guarda nos seus abismos. Pela liberdade, tanto quanto pela honra, pode e deve aventurar-se a nossa vida. (Cervantes, 1978, p 121)

S: — *E quando voltou?*

D: — *Fui fazer AT.*

S: — *Você conhecia esta modalidade?*

D: — *Eu não conhecia a palavra AT. Mas tinha um homem que dividia o quarto comigo lá que tinha uns 80 anos, ele era idoso e tinha muita dificuldade. Aí tinha um enfermeiro que andava com ele na cidade. Pegava ele de manhã depois do*

café, e andava. Ia na banca, comprava jornal. Daí ele perguntava: – você tá animado. Não. Então vamos só até ali, se sim. Eles passeavam mais. Comiam coisa diferente voltava. Dependia do ânimo dele. Mas todos os dias eles dava uma caminhada. Era semelhante. Era enfermeiro, não era psicólogo não.

S: — E como que foi com você?

D: — No início eles chegavam aqui, eu estava dormindo. Elas conversavam primeiro com minha mãe. Daí minha mãe vinha e falava: Acorda, você tem que descer, nós estamos pagando. E eu falava assim. Eu não vou descer não. Se elas quiserem que suba aqui. E nunca pensei que elas fossem subir no meu quarto. Eu estava meio dormindo, meio acordado. E olhava e pensava o que elas estão fazendo aqui? Fechava o olho dormia, acordava elas estavam lá. Fechava o olho dormia acordava, elas estavam lá! Aí eu fui acordando mais cedo, mais cedo, mais cedo, até conseguir acordar no horário que elas estavam lá! Daí comecei a acordar mais cedo, mas ainda não dava para trocar de roupa, descia de pijama mesmo conversava e voltava. E com tempo elas me chamaram para sair. Aí pensei, para sairmos, temos que me arrumar, daí comecei a acordar mais cedo ainda para me arrumar.

S: — E aí você viu que tinha vida além do quarto.

D: — É. Tinha épocas que eu passeava bastante, tem épocas que não.

Dois novos pares de olhos adentram a casa. O cheiro do novo. Dom se coloca em mais uma caminhada, a de tentar ver vida além da porta do seu quarto.

A aventura vai encaminhando os nossos negócios melhor do que o soubemos desejar; porque, vês ali, amigo Sancho Pança, onde se descobrem trinta ou mais desaforados gigantes, com quem penso fazer batalha, e tirar-lhes a todos as vidas, e com cujos despojos começaremos a enriquecer; que esta é boa guerra, e bom serviço faz a Deus quem tira tão má raça da face da terra.

— Quais gigantes? —disse Sancho Pança.

— Aqueles que ali vês – respondeu o amo — de braços tão compridos, que alguns os têm de quase duas léguas.

— Olhe bem Vossa Mercê – disse o escudeiro — que aquilo não são gigantes, são moinhos de vento; e os que parecem braços não são senão as velas, que tocadas do vento fazem trabalhar as mós.

Bem se vê – respondeu D. Quixote – que não andas corrente nisto das aventuras; são gigantes, são; e, se tens medo, tira-te daí, e põe-te em oração enquanto eu vou entrar com eles em fera e desigual batalha. (Cervantes, 1978 pp. 54-55)

S: — *E você continuou com as oficinas também?*

D: — *Fiquei até 2000 só com AT, depois fui para Oficina particular.*

S: — *Como foi esta primeira oficina particular. Me descreve.*

D: — *Era numa cozinha, ficava lá desenhando ou escrevendo, fazendo pintura. E chegava a hora do lanche íamos ao Empório comprar lanche, ou a gente ia nas Jabuticabeiras, tinha duas, quando uma parava de dar a outra começava. Era o ano inteiro de jabuticaba. E tinha uma goiabeira e uma bananeira que só dava banana, mas só deu quando estávamos indo embora. E tinha uma mexeriqueira, mas era muito ruim, impossível de comer. muito ruim. E tinha um espacinho que a gente plantava morango, cenoura e umas coisinhas lá. A gente fazia muito chá de erva-cidreira também. Esta parte do lanche era gostosa. o resto era meio triste assim.*

S: — *Como assim?*

D: — *Era em silêncio assim. A gente ficava em silêncio assim.*

S: — *Não tinha nenhuma musiquinha de fundo?*

D: — *O rádio quebrou. Aí a gente fez um de papelão, mas não tocava nada.*

A! Mas outra coisa gostosa era fazer pão-de-forma. umas coisas de culinária.

S: — *Mas, vocês não colocavam a mão na terra não?*

D: — *Então, só plantar morango e cenoura. O resto estava tudo plantado.*

S: — *E tinha espaço para andar?*

D: — *Não, era muito pequeno.*

O espaço descrito por Dom não era muito animador. Não para Sancho. Ignoro que ele plantava algumas coisinhas no quintal e isto fazia bem. Lá ele tinha contato

com bom e com o ruim. Ele podia escolher. O meu olhar fixou no fato de como é difícil sair do caminho insosso de reprodução manicomial. A mudança do espaço físico não é o ponto principal. Percebi que minha antipatia pelo quintal não é sustentável, pois podemos repetir mesmo na Sapucaí em pleno Carnaval. Reconstruir uma nova forma de tratamento não é fácil. Segundo Amarante e Rotelli (1992):

Desconstruir o manicômio significa bem mais que o simples desmantelamento de sua estrutura física; significa o desmantelamento de toda a trama de saberes e práticas construídas em torno do objeto doença mental, com a consequente reconstrução da complexidade do fenômeno existência sofrimento que implica a invenção de novas e sempre novas, formas de lidar com os objetos complexos. (p.52)

S: — *Depois.*

D: — *Sáimos de lá e fomos para Oficina do Casarão Antigo.*

S: — *E como era lá?*

D: — *Entrou mais gente, era mais espaçoso. O Quintal era grande. E tinha área para plantar. E a cozinha era dos psicólogos. Eu pensava. Aquele é o espaço deles fofocarem. (risos) Mas o quintal era nosso.*

S: — *Porque você acha que sobrou o quintal para vocês?*

D: — *Não sei, não sei.*

S: — *Eu lembro muito de um psicólogo tentando pegar ameixa pra gente com a escada meio estragada, mas ele subia mesmo, na época da copa (de futebol) fazíamos bolão. Lá não era muito silencioso não. Risos. Tinha culinária.*

S: — *Ahaaa, aí vocês entravam na cozinha dos psicólogos?*

D: — *(risos) Fazíamos banana com canela, carne moída, pastel. Comprávamos um monte de ingrediente.*

Lá vem o quintal. Cozinha X Quintal. E cozinha e quintal.

A partir de Dom a Cozinha era o lugar dos psicólogos, da fofoca, da culinária, ingredientes e doces. O Quintal. O lugar de estar longe de olhares outros, lugar de brincar, um lugar seu.

Entre o particular e o aberto, a relação vai tomando forma. O Psicólogo vai para o quintal se equilibrando nas escadas meio estragadas e os pacientes entravam na cozinha para refrescar-se com um copo d'água.

S: — *Vocês já davam umas saidinhas ou não?*

D: — *Saía, muito ali por perto.*

S: — *E que mais vocês faziam?*

D: — *Oficinas de Teatro, Expressão corporal, filmes, música, pintura, contação de histórias e tinha a oficina do Tapete (risos)*

S: — *Me conta do tapete.*

D: — *O tapete Não Acabava nunca. Comecei em um ano terminei no outro. Eu não tinha a menor paciência com este negócio de manual. Porque eu erro tenho que voltar, fazer e refazer. Num tenho paciência*

S: — *É (risos).*

O erro para quem não é reconhecido como êxito é lidar consigo. Frente a frente. Será impossível alcançar algo que saia bem? O suor gotejava da cabeça de Dom, que desmanchava e refazia este tapete. Foram nove meses para que pudesse alcançar o objetivo e o exibi-lo como um troféu. Mas ainda hoje, remete como um fardo, era muita repetição de movimentos e de si.

Segundo Domingues (2009):

Ao abordar o ato de criação artística através do conceito de repetição, Hofstaetter (2005) busca explicitar e relacionar o tipo de repetição, que seria uma repetição nua, material e conceitual, com outro tipo de repetição que a envolve e é mais profunda, implicada pela inserção da diferença. Um de seus pressupostos é que todo ato criativo é constituído de repetição, assim como a repetição faz parte da constituição do ser humano, de acordo com

a psicanálise. Entretanto, esta é uma repetição que se faz pela via do diferente, por onde se desloca um diferencial. (p.77)

S: — *E as outras oficinas o que achava delas?*

D: — *Eu gostava da maioria. Só não gostei no dia que fomos apresentar no Café com Freud. Uma coisa assim, e daí eu não conseguia tocar direito. A gente ensaiou tudo no ritmo quando fomos tocar eu erreí tudo, larguei o instrumento e só cantei. Eu gostei mais da apresentação de teatro no SESC no Trem Doido, aquele lá foi legal!*

Movimento repetitivo. Suor. Muito suor. O suor com plateia era mais gostoso.

S: — *Então Dom, lá estávamos no nosso quintalzinho, dançando, cantando, fazendo arte, tirando as pragas da plantação e começamos a dar uma saidinha. Até que pá-pum, a clínica vai fechar. E aí?*

D: — *Num sei. Eu. Eu. Fiquei meio perdido.*

S: — *Todo mundo ficou. Mas tivemos a ideia de fazer oficina em cada dia em um lugar, e aí?*

D: — *Eu não preocupei, eu falei vambora.*

Quando estamos perdidos nos achamos. Ou achamos juntos. Dom Quixote diz: “Quando se sonha sozinho é apenas um sonho. Quando se sonha junto é o começo da realidade.” (p 587)

Sempre que o método psicanalítico estende para o mundo, temos clínica extensa, pela singela razão de nosso método ser inevitavelmente clínico, num sentido forte e antigo, que ultrapassa o de *atendimento*. Basta que não se confunda método com procedimento (Herrmann, 2003a, p.177).

Antes de ser extensa, a clínica é psicanalítica, que se define enquanto a clínica da descoberta. Essa clínica exige que o profissional deixe por algum tempo seus fiéis e supremos saberes para que possa vislumbrar a emersão de algo novo.

Despidos de toda a eloquência científica foi possível sair do *setting* terapêutico tradicional e ir literalmente às ruas, ao encontro com o novo, com a possibilidade de realizar uma descoberta, de ressignificar a cidade até então escondida (ou encoberta) aos olhos da loucura.

D: — *E isto aconteceu comigo de novo.*

S: — *Como?*

D: — *Na oficina que estou hoje, pediram a casa. Quando ela disse que não tinha mais a casa. Eu fiquei só olhando, e umas meninas, vamos fazer em outro lugar. Eu não disse nada, mas pensei: Que bom! RS mas depois ela conseguiu achar um lugar.*

Déjà vu. Ele tirou de letra

Sonhar o sonho impossível,

Sofrer a angústia implacável,

Pisar onde os bravos não ousam,

Reparar o mal irreparável,

Amar um amor casto à distância,

Enfrentar o inimigo invencível,

Tentar quando as forças se esvaem,

Alcançar a estrela inatingível:

Essa é a minha busca. (Cervantes, 1978, p.589)

S: — *Então D. daí fomos na nossa saída. e cada dia era num lugar, shopping, cafés, casas , praças, cinema.*

D: — *E foi legal, e gostei.*

S: — *E você teve medo alguma vez?*

D: — *Não.*

S: — *Teve algum momento nesta relação com a cidade, que te marcou?*

D: — *Eu gostava muito de ir na cafeteria. na verdade do chocolate quente da cafeteria. Tinha canela, e não sei se era gengibre. Mas era muito gostoso. Eu gostava*

muito de ver CDs nas Lojas Americanas. E muitos outros. Como a Churrascaria à noite.

S: — *E teve algum momento ou pessoa que ficou na memória?*

D: — *Eu lembro daquela vez que a gente estava voltando. Num sei de onde. Aí tinha apresentação de dança na Tubal Vilela. Era dança vendida a um real! E a gente colocava a cabeça num pano e a mulher fazia uma dança. Dança contemporânea. Me lembro que foi rápido.*

S: — *Eu me lembro que ela fazia uma pergunta assim: Quanto tempo você acha que demorei para fazer esta dança?*

D: — *É , isso mesmo. Daí ela fala a idade dela.*

S: — *Este dia foi muito legal. Naquele dia tomamos café na cafeteria, fomos a Americanas, e depois vimos a dança. Foi pra você mesmo a Oficina!*

D: — *Ahahn. A gente fez tudo que eu gostava.*

Arte contemporânea e a loucura. Rauter (1997) diz que "(...) se a clínica aspira produzir mutações no campo da subjetividade, deve aproximar-se da arte, talvez deva mesmo tornar-se arte" (p. 109). Herrmann (2003b) diria:

Isto é a arte da interpretação: mais um dedilhar da alma alheia do que uma formulação pseudocientífico sobre o discurso do paciente. E que se consegue com isso? Mantemo-nos agarrados às apresentações do desejo até que ele nos fale a verdade. (p. 87)

S: — *E teve algum momento de estranhamento?*

D: — *Teve uma vez, que estávamos saindo do terminal central, e teve uma briga muito estranha que parou a rua. Teve polícia. Os caras correndo e foram embora, não prenderam os caras, e ficou por isso mesmo, não prenderam o cara. Aí nosso amigo ficou muito assustado, todo mundo ficou. E o psicólogo tentando acalmar a gente. Ficou um sentimento estranho daquele dia. Foi uma briga no meio da rua,*

meio de filme, não parecia real. Parece até a peça que fomos ver Dom Quixote. Que eles encenam uma briga no meio da rua. Foi combinado.

Se pretendo ter o direito de interpretar, devo pagar o preço de interpretar sempre, ou pelo menos de não poder alegar, metodologicamente, nenhum outro tipo de captação do objeto, diferente da escuta transferencial. Para a interpretação, o comum e o banal não existem. A interpretação psicanalítica é uma curiosa profissão de fé, jurada ao pé da letra; fé na presença de sentido em qualquer palavra, em qualquer discurso.. E, se tudo é interpretável – por força do Campo em que ocorre a comunicação, tudo é fantasia, tudo é possibilidade de descoberta de outro significado, pois que assim definimos *fantasia*. (Herrmann, 1991a, pp. 93–94)

S: — *Me conta um pouco desta peça Dom Quixote na rua.*

D: — *Começou no crepúsculo e terminou a noite. Eu gostei de lembrar do livro, algumas coisas, algumas citações que ele fazia do livro. Foi divertido correr atrás deles. Mas é um Dom Quixote nos dias de hoje. No livro ele não vai preso. Prendem ele na verdade numa gaiola, carregam ele até a casa dele e colocam na cama dele. Este eles prendem ele na cadeia mesmo, não interessa se ele é louco ou não. É outra história. Eles mudaram.*

Dom se acha e se perde. Este dom Quixote tá moderninho.

S: — *Alguém te tratou diferente, te olhou diferente.*

D: — *Num sei não me lembro. O nosso companheiro o C. que não gostava de mim, né? (risos) Num sei por quê.*

S: — *Dentro do grupo né? E teve algum fora do grupo que te tratou diferente?*

D: — *Não. Num lembro.*

S: — *Você acha que as pessoas olhavam para nosso grupo e sabíamos o que estávamos fazendo?*

D: — *A, só o seu Zé. Por conta do nosso amigo. A mulher do sorvete. A. O cara do Chinês, que deu troco errado. Depois fomos lá e ele reconheceu que tinha dado mesmo.*

S: — *Então você não percebeu nenhum olhar diferente?*

D: — *Ah. Percebo. Percebo. Às vezes eu faço coisas estranhas. Com lugar, eu saio e entro novamente, saio e tenho que entrar de novo. A atendente da Pro século já me pegou fazendo isto já. Ele ficou me olhando estranho uma vez.*

S: — *Ahaa a nossa amiga, mas ela já era conhecida da gente.*

D: — *É verdade, a única que não reparava era a mulher do cafezinho, ela perguntava o qual agente queria olhando para baixo ela era mecânica. Logo outra pessoa pedia, ela já olhava para máquina. Se eu entrasse e saísse mil vezes, ela nem iria me notar. Agora o vendedor iria ver, ia incomodar, não iria incomodar a ela.*

A mulher e a máquina. Uma dentro da outra. O trabalho Mecânico, mal percebe quem está ao lado. “Contra quem cala não há castigo nem resposta.” (Cervantes, 1978. p. 341)

As máquinas só produzem máquinas. Isto é cada vez mais verdadeiro na medida do aperfeiçoamento das tecnologias virtuais. Num nível maquinal, de imersão na maquinaria, não há mais distinção homem-máquina: a máquina se localiza nos dois lados da interface. (Baudrillard, 1997p.147)

S: — *Você falou do seu Zé. Eu gostaria de saber, o que você acha dele?*

D: — *Não sei não. No começo eu gostava e depois eu achei que havia outros lanches melhores. A gente ficava ali quando chegava, mas o seu Zé é palmeirense daí eu parei de ir lá (risos). Ele punha camisa, punha foto, daí eu ia lá ele me enchia o saco: – dom, seu time perdeu ontem. Ó seu time isso. Ó seu time aquilo. (muitos risos) Mas ele enche o saco mesmo. Ele e o Jonhy, você sabe quem é o Jonhy né?*

S: — *Não, quem é o Jonhy?*

D: — *Era o porteiro de camisa azul. Ele era flamenguista, o seu Zé é Palmeirense, então os dois pegavam no pé de todo mundo de lá que não é do time deles. O Jonhy pra mim é tranquilo. Eu chegava lá. E aí Jonhy, o que você conta de novo? Nossa, nosso time tá contratando fulano! No, então tá bom Jonhy. . E ele respondia. Tá bão.*

S: — *E Seu Zé Palmeirense era mais difícil de levar.*

D: — *Vixi. Presta atenção no barzinho dele, sempre ele põe alguma coisa no barzinho lá! Uma roupa, um boné, todo dia ele estava com alguma coisa do palmeiras lá. Todo dia.*

S: — *E eu nunca prestei atenção nisto. Só via um tanto de homem falando de futebol e bebendo café e lendo jornal.*

D: — *É verdade. (Risos). O filho dele tá grandão já!*

S: — *Nossa, e lembramos dele na barriga né?*

D: — *O tempo passa.*

Muito prazer. Dom vai me apresentando novas relações me conduzindo por lugares que eu não tinha ocupado, mesmo sendo integrante da mesma paisagem.

A paisagem se reconfigura aos olhos de quem vê. Em verdade, a paisagem é uma realidade provisória, que está sempre por se formar; é um quadro de devir, nunca está pronta e muda a cada momento: em suma é uma realidade efêmera (Santos, 2006). A paisagem aqui é novamente confirmada como um dado humano, algo que parte do olhar humano. Assim o olhar de Dom muda o de Sancho.

– Olhe bem Vossa Mercê – disse o escudeiro – que aquilo não são gigantes são moinhos de vento; e os que parecem braços não são senão as velas, que tocadas do vento fazem trabalhar as mós.

– Bem se vê – respondeu D. Quixote – que não andas corrente nisto das aventuras; são gigantes, são; e, se tens medo, tira-te daí, e põe-te em oração enquanto eu vou entrar com eles em fera e desigual batalha. (Cervantes, 1978 p. 55)

S: — *O que você achou das nossas oficinas serem no Floriano Center, um prédio comercial no centro de Uberlândia?*

D: — *Eu acharia estranho se eu não o conhecesse. A minha psicóloga é de lá. Então eu estava acostumado com o ambiente, né? Eu já conhecia o povo do CRP. Então estava bem ambientado.*

S: — *E você gostava da sala ou gostava mais quando era fora?*

D: — *Eu gostava mais de sair. Mas depende. Às vezes era bom estar na sala. Às vezes tem coisas que a gente não gosta de falar também, né? Não sei se você se lembra. Teve uma dinâmica que você fez que tinha uma corda imaginária, e ela era o vento. Para passar pro outro lado, tínhamos que dizer o que estávamos sentindo. Algumas verdades. Eu não conseguia dizer o que estava me incomodando. Mas daí eu passei a corda conseguindo expressar o que estava sentindo. Foi bom aquilo. Aliviou pra mim.*

O aconchego das quatro paredes se faz necessário. A sensação de pertencer a um grupo, e o conforto de um lugar físico trazem segurança. Se continuássemos apenas com nossas andanças poderíamos transformar as Oficinas Itinerantes em uma parte rígida de nossa clínica. Assim, voltaríamos a repetir o modelo asilar que nos prestamos a evitar.

S: — *O que mais você gostou de fazer.*

D: — *Vídeo Coisa de Doido. A primeira vez que fizemos e que nada foi filmado. Foi muito bom. Uma pena que não gravamos. E a segunda vez que gravamos, o mais engraçado eram as três abordagens.*

A primeira era assim: olha, nós estamos fazendo um vídeo você não quer participar?

A pessoa falava. A num sei. Mas a metade das pessoas iam.

Aí, a segunda tinha a hora que falávamos que ia aparecer na televisão, daí ficava um eu quero, quero, quero. E todo mundo vinha.

Agora a terceira falava, nós somos de um grupo de doentes mentais e estamos fazendo um vídeo experimental. Ninguém vinha: – Doente mental? Num quero não quero não quero não, já ia embora como se dissesse: Socorro! (gargalhadas) dava meia volta e já ia embora. Todo mundo afastava.

O erro que gerou um grande acerto.

O vídeo propriamente dito ganhou força e sustentação quando se definiu o roteiro de perguntas. A cada entrevistado foram feitas as seguintes perguntas, respectivamente nessa ordem:

1) Você já arrumou um (a) namorado (a)? O que faria se ele (a) “surtasse”?
Você continuaria namorando com ele (a)?

2) O seu pé está doendo?

3) O Lula sabia?

4) Você gosta de goiabada? Com ou sem queijo? Fresco, meia-cura ou curado?

5) “Não há nada mais parecido com a direita do que a esquerda no poder”. O que você acha dessa frase?

6) O que você faria se tivesse um filho doente mental? Você chegaria a internar ele?

Com esse roteiro fomos rua afora, ou melhor, adentro, praça e universidade: uma câmera na mão, um entrevistador a indagar, um transeunte a responder. E por trás das câmeras um grupo a convidar pessoas ora para participar de um vídeo realizado por usuários dos serviços de saúde mental, ora para participar de um vídeo que passaria em um programa de televisão, ora para responder umas perguntas que nosso grupo queria para realizar um trabalho de vídeo. Diante da possibilidade de aparecer na televisão percebemos que mais pessoas se interessaram em conceder a entrevista.

Inicialmente a intenção dos envolvidos na criação do vídeo era realizar um programa de televisão chamado “Coisa de Doido”, tanto é que no começo do vídeo o

repórter se apresenta como entrevistador do programa Coisa de Doido. Entretanto, essa proposta não foi possível, e por isso o vídeo ganhou caráter de película experimental e documental.

O vídeo não é um retorno do usuário do serviço de Saúde Mental para o espaço público. É muito mais um instrumento criado e usado para que o espaço público sirva de investigação para o louco, uma vez que a sociedade afastou a loucura de seu cotidiano há tempos. (Schwartz, Campos, Roza, Nascimento 2008)

D - O mais engraçado foi que uma moça falou assim:

*M*⁴⁰— É pra televisão?

D— É sim.

M— Uma Chance para eu aparecer na televisão?

D— É.

M— Será que a Globo me contrata?

D— Ah num sei quem sabe. Você tem potencial artístico?

M— Ah, num sei.

Daí ela virou tirou uma maquiagem da bolsa.

D— Moça, é só uma entrevista, é rapidinho.

M — Eu vou aparecer na televisão não é? Então espera aí.

Foi pintando os cílios, passou maquiagem envolta dos olhos, ajeitou os cabelos, daí começou a ventar, e o cabelo ficou uma bagunça. E a moça ficou fazendo caras e bocas para a entrevista, e eu não podia rir né? Por que eu estava entrevistando. Não adiantou nada a maquiagem. Risos.

A loucura enxerga a loucura da vaidade!

A Sociedade perdida em busca da Perfeição se perde na insanidade do consumo. Como afirma Le Breton (2006), “Roupas, cosméticos, práticas esportivas, etc. formam uma constelação de produtos desejados destinados a fornecer “morada”

⁴⁰ A Consoante M. refere-se a moça entrevistada.

na qual o ator social toma conta do que demonstra dele mesmo como se fosse um cartão de visitas vivo”. (p.78)

Então, melhor é vestir-se, maquiar-se e apresentar-se com seu corpo esculpido, belo, que atrai olhares de admiração e cobiça. Pois um homem que se destaca e que está em evidência, é o que geralmente sustenta uma imagem positiva socialmente. A jovem escondendo-se atrás do blush acaba revelando-se; neste caso, é revelada a vontade de ser Vista, Admirada. Aceita e quem sabe “Encontrada”. Quem está perdido?

No filme de Taylor Hackford (1997) “Advogado do diabo” se encerra com a Célebre Frase pronunciada por John (Diabo) que abrindo um maravilhoso sorriso simplesmente diz: “*Vaidade é definitivamente meu pecado favorito*”.

S: — *Tem mais alguma cena que te vem à cabeça?*

D: — *O Acampamento! Lembra!*

S: — *Ahaaaaa como foi bom! Ficamos dois dias em uma chácara!*

D: — *Lembra do Júnior rindo das Brincadeiras, a gente vendo o Batman até de madrugada e uma Psicóloga dormiu, depois você dormiu, daí acabou o filme, nós fomos guardamos as coisas e fomos dormir. Daí no quarto das meninas todo mundo começou a rir. E um menino acordou e xingou. E perdeu o sono. Daí no quarto das meninas fez silêncio, mas o Júnior ficou bravo porque perdeu o sono. Daí o nosso psicólogo acordou sério e disse. Volta a dormir. E u disse, elas estão rindo. Ele respondeu, não tem ninguém rindo, tá tudo em silêncio. Insisti, elas estavam rindo. Ele respondeu, você está tirando isto da sua cabeça. Tá tudo quieto. (risos) Você tomou seu remédio? Não tem ninguém rindo. Tá todo mundo dormindo. (gargalhadas).*

Tudo bem, ele carrega outro estigma, ficou como o “louco da história”. Parafraseando Dom Quixote: “Assim como o Louco está condenado a não ser acreditado quando diz a verdade, é privilégio de quem goza de boa reputação ser acreditado mesmo quando não sabe o que diz.” (p .597)

D - Daí eu acordo tá todo mundo mal-humorado. Um conversando com rádio. E o Júnior bem – humorado, perdeu o humor rapidinho quando viu que não tinha pão do dia. Daí todo mundo tentando conversar com ele. E o humor acaba. Daí chamo outra “psi”, e vamos jogar vôlei para acalmar os ânimos. Quando voltamos, tava todo mundo bem-humorado. Só o outro que continuou brigando com o Rádio. Daí começamos a jogar todo mundo na piscina. E começamos a brincar de jogo na piscina. Daí todo mundo sai e vai se trocar. E eu sou o último a sair daí o C. larga o rádio e diz.

C – Nossa uma piscina, porque agente não brinca dentro da piscina?

D – A gente fez isto amanhã inteira.

C – Ah, num vi. (Risos!)

Enfim resolvemos acampar juntos. A difícil arte da convivência. Mau-humor de manhã. Remédios a serem tomados. Segredos na cozinha, Gargalhadas no quarto. O que o rádio falava? Você cozinha? Você lava? Vamos pular na piscina? Que filme você gosta de assistir? Quantas perguntas. Quanta convivência.

S: — *Dom e hoje? Como está Você?*

D: — *Tô indo. Agora eu acordo de manhã, minha mãe sai, eu fico olhando os meninos (7, 5 e 2 anos) daí faço oficina à tarde inteira.*

S: — *E como são as oficinas? Onde são ministradas?*

D: — *Geralmente em salas, e na hora do lanche a gente sai.*

S: — *De quem foi à ideia de sair?*

D: — *Nós pedimos o horário de lanche e depois pedimos para sair e agora elas nos levam para sair também.*

S: — *Como está o Dom hoje depois de conhecer as O.I.?*

D: — *Tento ser mais consciente. Acho, não sei se consigo.*

Ninguém segura este Dom! Ele gosta de Aventurar-se pelas ruas!

Valha-me Deus! – exclamou Sancho – Não lhe disse eu a Vossa Mercê que reparasse no que fazia, que não eram senão moinhos de vento, e que só o podia desconhecer quem dentro na cabeça tivesse outros?

– Cala a boca, amigo Sancho – respondeu D. Quixote; – as coisas da guerra são de todas as mais sujeitas a contínuas mudanças; o que eu mais creio, e deve ser verdade, é que aquele sábio Frestão, que me roubou o aposento e os livros, transformou estes gigantes em moinhos, para me falsear a glória de os vencer, tamanha é a inimizade que me tem; mas ao cabo das contas, pouco lhe hão de valer as suas más artes contra a bondade da minha espada.

– Valha-o Deus, que o pode! – respondeu Pança.

E ajudando-o a levantar, o tornou a subir para cima do Rocinante, que estava também meio desasado.” (Cervantes, 1978 p.55)

S: — *E por que você escolheu fazer a entrevista na sua casa?*

D: — *Num sei. Poderia ser em qualquer lugar, mas gostei que você viesse aqui.*

S: — *Então Dom, eu também gostei de te rever, rever sua família, é isto, gostei muito de conversar com você.*

D: — *Minha mãe preparou um café.*

Dom Quixote diria: "A liberdade, Sancho, não é um pedaço de pão."

Então tivemos mais uma hora de conversa, tomando café com a família, pão-de-queijo, bolo, fui muito acolhida. E depois me pus a ir só. Sem Dom.

Dom busca outro caminho e Sancho enche sua pança de saudades. E assim encerro meu reencontro com meu companheiro repetindo um trecho do soneto escrito por Dom Belianis de Grécia a Dom Quixote de La Mancha:

Rompi, cortei, amolguei, fiz e refiz

Mais que no orbe cavaleiro andante;

Fui destro, valente, arrogante;

Mil agravos vinguei, cem mil desfiz.

Faças a Fama que eternize;

Comedido e regalado amante;

Foi anão para mim todo gigante

E ao duelo em qualquer ponto satisfiz.

Tive a meus pés prostrada a Fortuna,

E trouxe do compete minha cordura

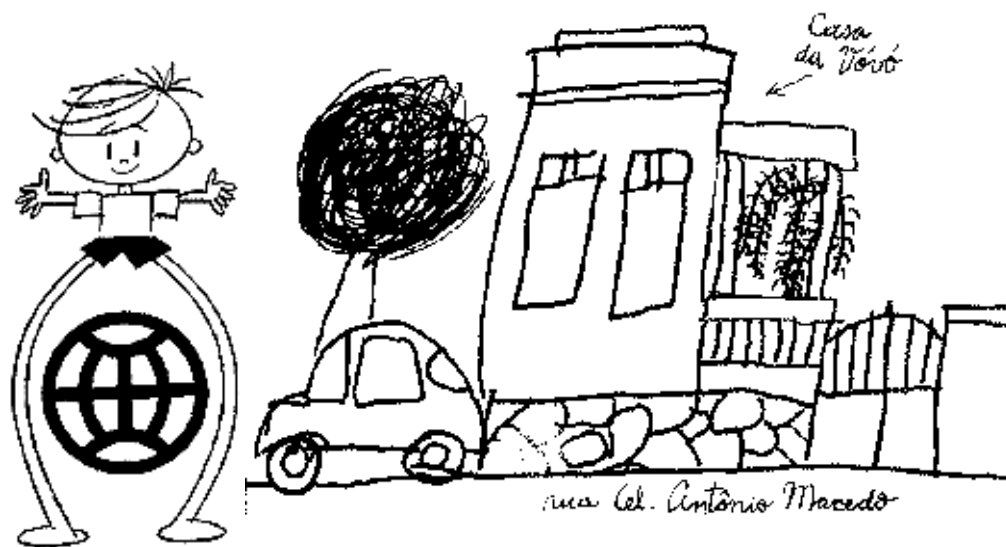
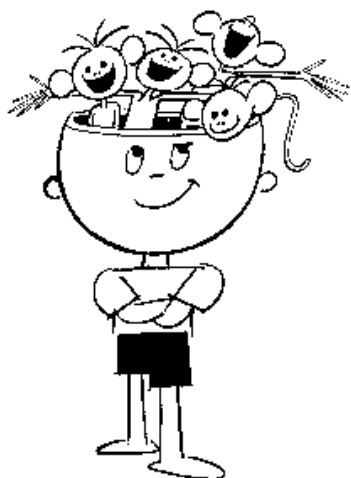
À calva ocasião ao estricote

Mas, ainda sobre os cornos da lua

Sempre se viu no cume minha ventura,

Tuas proezas invejo, ó Dom Quixote! (p.20)”

3.3 Uma História com Vários Pés e Cabeças!



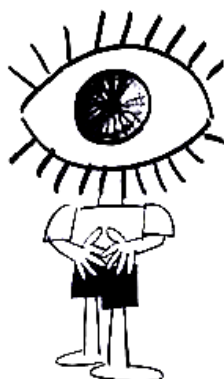
41

Eu poderia começar a escrever essa entrevista assim:

⁴¹ Ilustrações do Cartunista Ziraldo publicadas em seu livro: O menino Maluquinho.



Era uma vez um menino maluquinho



Ele tinha o olho maior do que a barriga



tinha fogo no rabo

Mas, Ziraldo já o fez, então, peço licença para usar seu personagem.

Este menino que chamarei de Junior, porque ele sempre gostou deste nome, me recebeu em sua casa. Toco a campainha e aparecem no portão, a mãe, ele e seu cachorrinho:

— *Que saudades!*

Sorrio e entro na casa que me é comum e com uma pergunta também já conhecida:

— *Aline, sabia que eu quero nascer de novo? Você quer nascer de novo?*

Eu me sento e digo:

— *Seria bom né, Junior?*

Ele faz que sim com a cabeça.

— *Será que Deus é cumprido?*

— *Vichi, quem sabe.*

É um texto com vários pés e cabeças, muitas histórias contadas sem qualquer linearidade. Palavras ditas, soltas, que são fortes, delatam, contam, interferem. Este foi meu tempo com Junior.

E:⁴² — *Então, vamos conversar um pouquinho sobre as oficinas, tudo bem?*

J: — *Tudo.*

E: — *Me conta quando foi que começou fazer oficinas?*

J: — *Foi na oficina da Guida. A gente fazia arroz. Cozinhava. Foi em 95.*

E: — *Você gostava?*

J: — *Sim, tinha amigos lá. Vários amigos. Aline, você gosta de kamaboko?*

E: — *Comida japonesa não é?*

J: — *Sim, massa de peixe. Minha vó me trouxe.*

E: — *Você foi lá Junior?*

J: — *Viajei para cidade dela. Fiquei dois dias, sem fazer cara feia pra mãe.*

E: — *Que bom Junior! Gostou de viajar?*

J: — *Sim, lá não tem perigo não, lá não tem ladrão, mendigo, pedinte e bêbado, lá não tem nada disso não.*

Junior sempre nos conta da casa da avó, que é em outra cidade, é um dos poucos lugares que ele viaja. Para ele, um lugar diferente do que é costumeiro no cotidiano das cidades. Gosta de ir e voltar no mesmo dia. Ele tem um medo sem medição simbólica de tudo que o rodeia.

Quando a família consegue se instalar no final de semana, é sempre uma comemoração. É conseguir que sua rotina seja quebrada, sem que a sua agressividade venha à tona.

A tradição japonesa está em Junior, não apenas nos olhos puxados, mas nos gostos, particularmente, pela culinária. Ele nos apresentou diversos pratos e nomes. Assim ele consegue prender a atenção das pessoas. Sempre falando um pouco desta cultura.

Após a II Guerra Mundial, o Japão teve suas instituições reconstruídas em moldes ocidentais. Hoje em dia já absorveu muitas coisas da cultura ocidental. Foram inevitáveis. Os *McDonald's*, *Pizza Hut* e outras invenções norte americanas. Nos dias

⁴² A Vogal E refere-se a “Entrevistadora e a consoante J para “Júnior “.

de hoje, o Japão é a segunda potência econômica mundial atrás apenas dos Estados Unidos. Mas, em um todo, o Japão continua tendo um complexo identitário nas artes, técnicas artesanais, espetáculo, música e tradições, além de uma culinária diferenciada. E especialmente dela, Junior sabe falar e desfrutar. Afinal, ele é fruto desta comunidade.

A comunidade em seu sentido restrito cunhado pela teoria social, em decorrência da pluralidade de referentes identitários disponíveis a cada um, vem sendo substituída pela identidade, ou (para sermos mais específicos ressaltando as dimensões que a fazem confundir com a comunidade) identidade comunitária. Nesse caso, embora as pessoas possam escolher em uma miríade de possibilidades identitárias, “sua escolha implica a forte crença de que quem escolhe não tem opção a não ser o grupo específico a que ‘pertença’” (Bauman, 2001 p.197). Herrmann nos faz pensar que “a psique não é de nossa fabricação pessoal, cria-se no real, desenvolve suas propriedades historicamente e é infundida no indivíduo por seu tempo e sua cultura, moldando-o ao estilo presente de pensar.” (Herrmann, 2001c, p.158). Junior mostra partes de sua identidade-comunidade numa disposição exigente: ele tem medo de tudo e todos sem medição e quer o amor de todos incondicionalmente.



⁴³ Foto feita em uma oficina Itinerante na cidade de Uberlândia. 2008.

E: — *Mas você lembra Junior, quando estávamos nas Oficinas de Passeio?*

J: — *Ahahn.*

E: — *Quando veio um pedinte pedir dinheiro, o que você disse?*

J: — *Não tenho.*

E: — *E ele saiu, certo?*

J: — *Ele não fez nada com a gente não, né? Só queria dinheiro, né?*

E: — *Então, sim, ele só queria dinheiro. Nem todo mundo que está na rua rouba gente entende?*

J: — *É ele não queria machucar a gente, não. Senão vai preso na polícia, a minha vizinha já chamou a polícia aqui. Se eu fizer bagunça a polícia vem me pegar.*

E: — *Então, Junior, a polícia só prende quem faz ‘bagunça’, na maioria das vezes ela está do nosso lado.*

J: — *Eles têm cara de bravo assim. (Junior faz uma careta indescritível)*

“na maioria das vezes ela está do nosso lado”, mas as poucas vezes é o que Junior consegue assimilar, como o avesso, referindo a Herrmann, o que não é para ser captado na lógica do absurdo. Ele capta que o carro é feito pra matar.

O medo dos sujos, dos da rua e também de si. Como a história do homem de areia de Ernest Theodor Amadeus Hoffmann. No início do conto, o jovem Natanael escreve uma carta para seu amigo, Lotário, irmão de sua noiva Clara, contando sobre uma experiência que acabou de ter: está em seu quarto de estudante e batem à porta; ao abri-la, assusta-se com o homem que vê, que traz uma lembrança da infância, um vendedor de barômetros. Ao ver esse homem, expulsa-o com tal rapidez que o homem praticamente rola pelas escadas. Ele se assusta com seu próprio susto. Parte de uma lembrança infantil, e começa a descrever sua casa de infância, uma casa de

pai, mãe e filhos, onde tinham como hábito, depois do jantar, ficarem em torno do pai que fumava seu cachimbo, mas, de vez em quando, as crianças eram postas na cama mais cedo pois o Homem da Areia ia chegar. Era um homem perverso que chegava jogava areia nos olhos delas, fazendo com que saltassem fora, colocava os olhos num saco e os levava para alimentar seus filhos na lua (ou rua?). Essa história foi passada de geração a geração com o intuito de proteger as indefesas e imaculadas crianças do traiçoeiro mundo das ruas. (Wikipédia)

Assim, a imagem dos moradores da rua é construída com base na sua incapacidade moral de seguir regras sociais e não se enquadrar no modo de produção capitalista. Trazendo a tona um sentimento de estranhamento, pois representam ao mesmo tempo a falta de posse, tão almejada por qualquer cidadão, bem como, a liberdade tão buscada pelo homem. Herrmann nos mostra que “o pensamento vem do mundo e ao mundo se dirige: o mundo pensa-se através de mim, e o modo de meu pensar é o modo de ser deste mundo em que vivo.” (Herrmann, 2001c, p.156).

Sendo assim, a loucura se identifica com estes personagens despidos das regras do convívio sociais e defronta com a imagem de si mesmo na face do outro homem degredado, que possivelmente sofre do mesmo mal. Mais uma vez, o louco denuncia o absurdo.



44

⁴⁴ Foto feita por Junior em uma Oficina Itinerante na cidade de Uberlândia, 2008.

E: — *Então Junior. E depois da oficina da Guida, pra onde você foi?*

J: — *Fui pra UFU, lá eu tinha vários amigos.*

E: — *Ah, e como era as oficinas lá?*

J: - *Você conhece a Cristina?*

E: — *Sim, você gosta dela, né Junior?!*

J: — *Agora ela é casada, não pode não, senão o marido dela bate.*

A oficina se personaliza na Guida, na Cristina. Esta condensa os desejos que buscam em um retorno evasivo e enigmático, a sustentação para sua fragilidade. Para Junior, Cristina representa a impossibilidade que ele sozinho não pode sustentar. Um amor platônico. Junior é um apaixonado. Diz que um dia vai crescer e arrumar uma namorada. Enquanto isto sonha com Cristina.



Será que Cristina volta, será que fica por lá?

Será que ela não se importa de bater na porta pra me consolar?

Noite dia me pergunto, meu assunto é perguntar

Será que Cristina volta, sei lá se ela quer voltar

⁴⁵ Foto feita em uma oficina Itinerante na cidade de Uberlândia em 2008.

Será que Cristina volta, será que fica por lá?
 Cheio de saudades suas procuro nas ruas quem saiba informar
 Uns sorrindo fazem pouco, outros me tomam por louco
 Outros passam tão depressa que não podem me escutar
 Será que Cristina volta, será que ela vai gostar?
 Será que nas horas mais frias das noites vazias não pensa em voltar?
 Será que vem ansiosa, será que vem devagar?
 (Chico Buarque⁴⁶)

E: — *E o que você fazia lá nas oficinas da UFU?*

J: — *Eu jogava jogo. Cantava. Você lembra do Daniel?*

E: — *Sim, sei, um que gostava de tocar percussão, né?*

J: — *A gente cantava, do Adriano, você lembra? Ele era bravo, muito bravo. Num gostava que a gente conversava com ele não. Aline, você conhece o Ezequiel do CEU?*

As pessoas é que valem para Junior! No mundo maquínico, ele passa a ser louco. Parte disso pode-se atribuir a maneira de vida imposta pelo capitalismo que propõe e impõe o consumo desenfreado de coisas, serviços e até pessoas para nos sentirmos incluídos nesta sociedade. Júnior valoriza o sentimento em um mundo onde as relações afetivas perdem o sentido, ou melhor, ganham outros sentidos que exigem novos códigos. O homem maquínico não se diferencia da máquina que constrói e Júnior não consegue enxergar pessoas misturadas a máquinas. Sentimentos se misturam. E a loucura é vista em Júnior.

E: — *Você já me falou dele, um que era muito bravo?*

J: — *Sim, um dia ele jogou uma cadeira na minha cabeça. Ele batia na gente, era muito bravo, tinha que chamar a polícia pra ele. Eu sou bravo?*

⁴⁶ Música de Chico Buarque no álbum *Chico Buarque de Holanda Vol. 2* (1967)

E: — *Vamos dizer que às vezes você fica um tanto nervoso. Mas nunca te vi agredir as pessoas, você é um rapaz educado.*

J: — *Mas você é brava.*

E: — *Mesmo?*

J: — *Lembra quando eu mexia com as moças nos Floriano Center, ai ai ai você ficava brava.*

E: — *mas isto não pode mesmo, Junior. Até o Juarez falou com você lembra?*

J: — *Sim, o Juarez era meu amigo, ele vigiava o Floriano Center. Ele é segurança, Aline.*

E: — *Então e foi você que nos apresentou a ele lembra?*

J: — *O Juarez era bravo né, Aline?*

Movimentos totalizadores, Juarez ou é amigo e segurança ou é bravo. Dentro de Junior havia o agredido e o agressor. Como o médico e o monstro. Havia a docilidade e a braveza tão fortes que quase andavam de mãos dadas. Tinha medo de ser agredido, ao mesmo tempo o que o encantava eram as fardas, os homens com revólver, o Indiana Jones, sendo herói e bandido ao mesmo tempo. Como calar todo este furor?

Dentro de meia hora, irei novamente e definitivamente incorporar aquela odiosa personalidade, e antevejo com irei sentar tremendo e chorando em minha cadeira, ou continuar, com o mais desgastado e apavorado êxtase auditivo, a andar de cima para baixo neste quarto (meu último refúgio terreno) e atentar a qualquer som de ameaça. (Stevenson, 1971, p.32)

E: — *Um pouco, sim. Mas me conta mais das oficinas da UFU.*

J: — *Tinha duas goiabeiras lá, Aline.*

E: — *Tinha um espaço aberto. Era gostoso?*

J: — *Era , eu te conheci lá no ano 2000, com a música de natal. Você levou o chapéu de natal e a gente cantou assim: “Natal no Brasil não tem neve e nem Noel, o nosso Noel é o Rosa e mora lá no céu, natal no Brasil faz calor o sol brilha no céu, natal no Brasil só tem chuva de papel”. Num é assim, Aline?*

Campo transferencial. A oficina era a entrevistadora e o natal e o Noel brasileiros. Para Junior, oficinas é “gente”, é o ser com todos os pavores que implica ser. Em um natal tão diferente tão singular, ele transferencialmente consegue sentir-se integrado a algo e alguém. Consegue ter e acessar memória que em geral perde ou destroi em seus movimentos de fúria.

E: — Sim, que legal, você lembrou. Sabe uma música que me lembra muito você, Junior?

J: — *Ãh?*

E: — *Voa coração, que a minha força te conduz.*

E: — *Como é o resto?*

E e J: —

Que o sol de um novo amor

Em breve vai brilhar

Vara a escuridão

Vai onde a noite esconde a luz

Clareia seu caminho e acende seu olhar

Vai onde a aurora mora

E acorda um lindo dia

Colhe a mais bela flor

Que alguém já viu nascer

E não se esqueça de trazer força e magia

O sonho, a fantasia

E a alegria de viver

Uma Oficina Itinerante, que pode se deixar conduzir pelas forças desejantes que advém de uma relação regida pelo campo transferencial do compartilhar.

J: — *É a música do Toquinho Aline, você lembra das oficinas de música? De você do We, lembra?*

Quantas memórias juntos. Ele recupera sua condição particular de compartilhamento, recupera seu direito a participar da memória, recupera sua cidadania.

E: — *Lembro Junior. O que você gostava mais de cantar?*

J: — *“Sou eu que vou seguir você do primeiro rabisco até o bê-á-bá”. Você lembra, Aline? A gente dançava assim ó. (levanta as mãos)*

E: — *Sim, Junior. Fizemos esta apresentação no Teatro Rondon Pacheco, foi bonito isso.*

J: — *Cê lembra, Aline, a gente pintou nossas mãos assim ó, e depois colocamos na camisa. (Ou: cê lembra? A gente recupera as marcas das mãos, do fazer na camiseta do corpo!)*

E: — *Foi o nosso figurino. Pintamos as mãos e as colocamos em uma camiseta branca e dançamos em cima no palco iluminado, no Trem Doido⁴⁷.*



⁴⁷ Trem Doido é um movimento artístico surgido na cidade de Uberlândia, no ano de 2005, que promovia uma integração dos pacientes com a vida social da cidade em manifestações ocorridas em espaços privados e públicos.

⁴⁸ Foto feita em uma apresentação artística em 2007, no Teatro Rondon Pacheco.

Música, dança e teatro. Era uma grande saída para Junior. Afinado, e amante do palco, gostava de se apresentar. Uma saída para a expressão da loucura é a arte. Se expressar é uma maneira de respirar, pensar é uma forma de resistir e não se deixar matar pela indiferença dos indivíduos socialmente padronizados. O olhar de Mário Pedrosa (1996), nos ensinou que a atividade artística se estende a todos os seres humanos, e não é mais ocupação exclusiva de uma confraria especializada que exige diploma para nela se ter acesso. “A vontade de arte se manifesta em qualquer homem de nossa terra, independente do seu meridiano, seja ele papua ou cafuzo, brasileiro ou russo, letrado ou iletrado, equilibrado ou desequilibrado.”(p.46) Os olhares para os artistas ainda hoje são duros. E os artistas que usam a rua como palco? Esses são considerados loucos em um primeiro olhar. No segundo olhar são ousados ou bagunceiros.

A loucura é uma espécie de degredo. É difícil conviver com certo olhar de desconfiança, de intolerância, ou até mesmo de pena; e que no fim tende a separar e definir a priori qual é o espaço da loucura e da sanidade. Usando a loucura e a arte pode se manter a arte: de artista e de arteiro, de belo, ousado e transcendente.)



49

J: — *you remember that I kicked a chair on Trem Doido?*

E: — *I remember yes, nobody liked it.*

⁴⁹ Foto feita em uma oficina Itinerante na cidade de Uberlândia, em 2008.

J: — *Os meninos ficaram com medo de mim. A mãe ficou chateada comigo, Aline, eu num faço isso mais não, faço?*

“To be or not to be”? ⁵⁰Romera resenhando sobre o texto de Menezes: Hamlet e o Dinamarquês (1999) pergunta: Por que Hamlet vacila? “To be or not to be?” Será que poderíamos considerar o humano como o ser do vacilo? A vida se agita ou a vida é agito, turbulência e tem um limite: a morte, o não psíquico, o físico, o inerte.

Menezes (1999) traz o modelo do tabuleiro e do jogo de xadrez para veicular a ideia de função de Complexo de Édipo nos processos de interiorização ou de subjetivação: “O tabuleiro e o jogo da vida receberam na psicanálise o nome de Complexo de Édipo” (p.388), ou seja, (tem que se submeter a desejo humano, mas também o organiza). O tabuleiro é o universal das inúmeras possibilidades com que cada parceria irá realizar suas vidas e suas histórias.

Junior coloca a entrevistadora em xeque. Chuta a cadeira. Chateia a mãe, assusta o grupo. Expõe-se. E pede compreensão, pois se mostra e se apropria da sua marca identitária, confronta a vida. E pede permissão. A entrevistadora tenta sair deste impasse.

E: — *Espero que não. Chutar cadeira pra quê? Tem tanta bola pra chutar, não é?*

J: — *(Dá gargalhadas.)*

A entrevistadora sai do Xeque de maneira criativa. Que gostoso aqui pode chutar, mas a bola!

E: — *Sabe do que me lembrei? De quando fomos ao cinema de ônibus*

J: — *Eu fui assaltado de ônibus uma vez. Um ladrão roubou meu dinheiro, Aline, vê se pode?*

E: — *Não pode mesmo Junior, mas você sentiu medo quando andamos de ônibus?*

⁵⁰ Apontamentos de aulas no II Curso de especialização em clínica psicanalítica da UFU.

J: — *Só um pouco. Mas, não precisa não, né? Estava eu e meus amigos, não precisa não.*

E: — *Tudo bem, mas foi bom que fazia mais de 10 anos que vocês não andavam de ônibus. E você foi. Isto que foi legal.*

J: — *É. Tava o Dom, a Dasdores, você a Chris e o Zé, né? Não precisava ter medo mesmo.*

E: — *O que mais te incomoda ao andar de ônibus?*

J: — *Tem muita gente.*

E: — *Você tem medo das pessoas?*

J: — *Um pouquinho. Eu tenho medo de andarilho, pedinte. Mas não precisa ficar bravo não, precisa?*

E: — *Não, não precisa.*

As interrogações de Junior chamam por significações. “Não, não” é o retorno do sim! Precisa ficar bravo em determinados momentos e não todos. Para Junior, isso é natural. Ele tem que se certificar de cada gesto. Ele vê tudo através das pessoas como deve se sentir em contato com pessoas maquínicas?

Um novo regime do sujeito no qual ele se relaciona por impulsos maquínicos, como verdadeiras máquinas de guerra contra uma formação de estado que quer imobilizá-lo. Dessa movimentação toda, que não é necessariamente uma mudança de lugar, talvez mais uma inquietação, o sujeito deve ser dotado de um nomadismo para não ficar passivo, recebendo o impacto das imagens e mensagens da publicidade fixado num ponto parado. Para esse sujeito é sempre hora de uma nova movimentação, qualquer que seja o impasse. E dito isto surge a pergunta:

Como se relacionar com homens-máquinas se o que importa para Junior são as pessoas? Solidão, no degrado não se tem paz, porém, novas pátrias se formam e novas fronteiras e formas de ser, ainda que em guerra permanente com a tal

normalidade, se afirma e revela o difícil ato de ser humano, que da sua fragilidade faz sua força e perde, vence e continua vivendo.



51

Banco vazio: a solidão pode ser pensada como a espera de uma presença! Ou como a certeza da própria presença.

E: — *Junior, depois da UFU, pra onde você foi?*

J: — *Para a oficina particular. Era assim, Schwartinha, você gosta de morango?*

E: — *Eu adoro morango.*

J: — *Tinha pé de morango, de cenoura, de banana, pé-de-jabuticaba, pé-de-goiaba, tinha desenho, argila, pintura. Cozinhas macarrão, tortinha e sanduíche.*

E: — *E depois desta oficina?*

J: — *Fomos para oficina do casarão antigo. Você lembra do Ricardo, da Lisa, da Ludmila, do Fernando, da Maria José?*

Aqui Júnior constata que cada um era uma oficina Itinerante! Uma surpresa, pra quem só pensava em Oficinas como dispositivo de um serviço substitutivo na área

⁵¹ Foto feita em uma oficina itinerante na cidade de Uberlândia em 2008.

de Saúde Mental. Júnior nos revela que Oficina é gente, e quer coisa mais Itinerante do que pessoas?

E: — *Eu me lembro sim, eles eram ótimos, não?*

J: — *Teve um dia que tomamos sorvete que deixava a língua azul e o Ricardo ficou com a língua azul. Vê se pode, Aline!*

E: — *Mesmo Junior (risos)*

J: — *É.*

E: — *Você gostava do quintal da casa Junior?*

J: — *Gostava.*

E: — *E quando a gente começou a sair, lembra, quando fomos ao cinema ver Madagascar?*

J: — *Gostava.*

E: — *E o que mais você gostava nas oficinas do casarão antigo?*

J: — *De cozinhar.*

E: — *Está cansado Junior? Perguntei demais?*

J: — *Não vai demorar muito não, né?*

E: — *Não, já estou terminando. Só queria falar do Floriano Center.*

J: — *Eu gostava de comer no seu Zé. Eu chegava lá e falava assim: – Seu Zé me dá uma Coca-Cola aí. Um salgado. Você lembra quando eu fui (no bar da) china e eles pegaram dinheiro de mim e a Christiane ficou brava comigo, porque fui sem avisar (no bar da) na china, (daí, voltamos lá, com a Chris) voltou e eles me devolveram o dinheiro, Aline. Pode fazer isso não, né? Você já contou pra mãe que ele roubou meu dinheiro?*

E: — *Eu não me lembro se contei.*

J: — *Daí devolveram meu dinheiro de volta, se o cara tinha roubado meu dinheiro tinha chamado a polícia. A polícia pá-pá prende ele.*

E: — *Eu me lembro, foi um dia que você chegou antes e resolveu tomar café em outro lugar, não é?*

J: — *Seu Zé não fazia isso não, né? Eu vi ele, a Maria e o filho dele o Pedrinho. E nós vimos a Maria grávida lembra?*

J: — *Sim. Eu um dia pedi meu pai pra me levar no seu Zé, mas tava fechado.*

E: — *Então Junior, o café continua lá, mas o seu Zé não trabalha mais lá.*

(Ativação de memória.)

J: — *Ah! tá.*

Seu Zé representa uma linha de fuga, do perigo ameaçador de se confundir de ser enganado, de ser judiado e aprisionado. Era a pausa, o porto-seguro. O falar doce, e também o falar firme. Mas, quem nos deu o olhar acolhedor.

Em sua falta, em um outro lugar, houve a roubalheira: - Ele é louco mesmo. Olhar destrutivo, olhar de quem olha a loucura e se assusta.

Sendo assim, o olhar do louco delimita um território. Junior prefere seu Zé, pois seu olhar ignorante (no sentido literal da palavra, de “não conhecer”), o permitiu experimentar a convivência com o grupo de pessoas “diferentes”, ao do bar da China, que percebendo a existência da diferença teve o intuito de aproveitar de seu infortúnio. Junior agora escolhe: – “Eu não tomo mais café aqui”. Pode olhar dentro do olho dissimulado da normótica China e dizer: – “Neste lugar sou eu quem não entro mais”. Vira as costas de cabeça erguida, com o peito aberto e suspira: “Eu sou! Mesmo que seja só por um momento, como sempre ocorre com todos nós”.

E: — *Me fala só mais uma coisa, o que você mais gostou de fazer nestas oficinas de passeio?*

J: — *O acampamento. Você lembra que eu e o Zé te jogamos na piscina, Aline?*

E: — *Ah, que delícia, o acampamento foi muito legal, eu me lembro, fomos parar todo mundo na piscina.*

J: — *Fizemos assim: um, dois, três e joga, joga na piscina. Você se lembra quando estávamos assistindo o filme do Batman? A Chris tava assim ó (imita-a dormindo sentada) aí na hora de dormir vocês começaram a rir. E Eu fiquei um*

pouquinho nervoso. Mas eu não sei o que vocês estavam falando. Depois fizemos um suco de maracujá, não foi?

E: — Sim. (Risos) Foi divertido.

J: — Ficamos dois dias no acampamento, não foi? Hmm, mas tava bão hein? Fala pro Zé e pra Chris que eu mandei abraço pra eles. Fala pra eles não sumir, não. Vem alguns dias aqui.

Loucura reunida. Acampamento. Juntos. Quem vai medicar? Quem vai cuidar da comida? Todos! Foi assim. Com algumas inseguranças de todas as partes, afinal, os pais nem sabiam o que era estar sozinhos há tanto tempo. E nós,icineiros, não sabíamos o que era estar juntos com os pacientes por tanto tempo. E eles não sabiam ficar conosco, nem sem os familiares e muito menos sós com suas questões. Bem-vindos à realidade. Essa nossa tão fluida representação do mundo e da construção de espacialidades e temporalidades.

A realidade é o produto de uma espécie de acordo entre os homens, que necessitam de algo comum para poder falar, entender-se, agir em conjunto. Falando e agindo, acabam por criar a realidade, o conjunto das representações do mundo. Realidade é representação. (Herrmann,1999a, p. 146)



52

⁵² Foto do Acampamento realizado no final do ano de 2008 em uma chácara em Uberlândia.

E: — *E como você está hoje Junior? você ainda passeia?*

J: — *Vou na oficina da m. a gente passeia às vezes. Nós sai pra lancha na padaria. Tem muita gente lá, Aline. Tem uma lanchonete lá e eu falo pro segurança se ele quer nascer de novo.*

E: — *É Junior, você perguntou pra ele?*

J: — *Eu pergunto pra todo mundo se quer nascer de novo.*

E: — *Por quê? você quer?*

J: — *Hu-hum.*

E: — *É muito bom viver, né?*

J: — *Já pensou se todo mundo ficasse pra semente como ia ser bom?*

E: — *Ficasse pra semente? Todo mundo junto?*

J: — *Já pensou? Eu tenho um colega novo na oficina. Esqueci o nome dele. Quando eu lembrar eu te falo. Vamos tirar umas férias dia 17 e vamos lá no shopping, você gosta de sashimi?*

E: — *Gosto.*

J: — *Com shoyo ou sem shoyo?*

E: — *Às vezes com, outras vezes sem, e você?*

J: — *Com shoyo e limão. Meu pai que gosta. Aquele dia minha mãe comprou sashimi pra mim aqui em casa. Comi uns 7.*

Nascer de novo! Seria bom ficar pra semente? Como seria mais tranquilo para Junior se as coisas, os atos, as relações fossem eternas e talvez nirvânicas! Junior gosta de sua vida, mas se assusta com ela. Ele aprendeu a viver com suas limitações. E Vive bem, obrigado. Ele quer é viver!



53

E: — *Você tinha medo de andar na rua?*

J: — *Não. Só um pouquinho.*

E: — *E qual lugar você mais gostou de ir nas oficinas de passeio?*

J: — *Eu? Do shopping. Eu gostava da churrascaria. Lembra uma vez que eu fui e peguei brigadeiro assim ó? E quando eu entrei no banheiro das mulher!*

E: — *Junior eu me lembro!*

J: — *Se um segurança me pega lá dentro, ou uma segurança mulher, ela me segura e colocava pra fora agora.*

Júnior se encanta com a mulher. Tem curiosidades. Repara nas vestes. No jeito de andar, nos cabelo, percebe o quão poderoso e eficaz é o jeito da mulher: a doçura, negociação, brandura, dissimulação. Mas se Júnior entrar no universo feminino alguém terá que colocá-lo fora. É uma questão delicada. O fascínio torna-se alarmante. Então, a policial feminina entra em ação, e o tira do “perigo”.

E: — *E nosso passeio iria acabar. E um lugar que você não gostou de ir?*

⁵³ Foto feita em uma oficina Itinerante na cidade de Uberlândia em 2008.

Acabar palavra difícil para ele e para entrevistadora, a despedida, mais uma vez.

E no meio dessa confusão alguém partiu sem se despedir; foi triste. Se houvesse uma despedida talvez fosse mais triste, talvez tenha sido melhor assim, uma separação como às vezes acontece em um baile de carnaval — uma pessoa se perde da outra, procura-a por um instante e depois adere a qualquer cordão. Creio que será permitido guardar uma leve tristeza, e também uma lembrança boa; que não será proibido confessar que às vezes se tem saudades; nem será odioso dizer que a separação ao mesmo tempo nos traz um inexplicável sentimento de alívio, e de sossego; e um indefinível remorso; e um recôndito despeito. E que houve momentos perfeitos que passaram, mas não se perderam, porque ficaram em nossa vida; que a lembrança deles nos faz sentir maior a nossa solidão; mas que essa solidão ficou menos infeliz: que importa que uma estrela já esteja morta se ela ainda brilha no fundo de nossa noite e de nosso confuso sonho? (Braga, 1967. p.83)

J: — *Do Mc Donald's.*

E: — *Você não gostou do Mc Donald's? Conta outra Junior. (Risos)*

J: — *Você lembra quando fui no Mc Donald's e pedi batatinhas fritas, BigMac e guaraná, e eu pegava o sanduíche e caía tudo, aí você me ensinou como pegar agora eu não deixo cair mais não.*

Junior revela que a entrevistadora o contem de forma carinhosa diferente das opressões sofridas. Junior entende e revela o entendimento: não será esta a forma de aprendizado? Ensinar e aprender a difícil arte da relação. Júnior aponta um caminho para um tratamento respeitoso.

E: — *Que bom, Junior. Mas me diga um lugar que você não gostou de ir. Você adora o Mc Donald's. Pedia sempre para ir.*

A entrevistadora se engana. Com olhar interpretativo há que se reconsiderar que Junior mostra o lugar da surra, lugar do não saber, lugar da lambreca do

sanduíche. Não era o *McDonald's*, mas a condição asséptica, tecnológica que tem como emblema o *McDonald's*.

J: — *Tô brincando, um lugar que eu não gostei de jeito nenhum de ir no centro. Na praça. Posso te falar uma coisa?*

E: — *Lógico!*

J: — *É que uma vez. Vou te falar de uma outra oficina que eu fui. Uma vez eu fui lá na tendinha, você conhece a tendinha? Aí uma vez nós fomos lá lanchar, né? E tinha uma praça, e tinha um menino sentado na praça, e a mãe dele falou assim: – Você não mexe com ninguém se não depois você pode apanhar, mas ele não estava com a mãe dele, ele estava sozinho, mas ele mexeu com o cara, e o cara deu soco nele. Soco e chutou ele.*

E: — *Mesmo Junior, você viu isto? Quando foi?*

J: — *foi em 2009 - chutaram o menino, derem soco e chute, e tapa. Coisa chata né Aline?*

E: — *muito. Eu não gosto de briga.*

Pequenos prazeres e um grande medo. Ou desejo? Milton Santos afirma que a cidade constitui um lugar em que é possível uma mistura de interpretações mais ou menos corretas do mundo, do país e do próprio lugar. Há uma enorme riqueza de perspectivas. Há, também, um questionamento e um desejo de ultrapassar a própria situação. Ele afirma que isto, sem dúvida, pode se manifestar pela violência. Mas “a violência também é uma forma de discurso, um discurso, aliás, peculiar na sociedade em que vivemos”. Para o autor, a sociedade urbana se manifesta, denuncia, reclama, exige ação quanto às desordens, aos problemas, a degradação em todos os âmbitos, quer transformação. Ele pondera que:

Em suas manifestações mais agudas, não é anormal que a sociedade urbana aponte para as desordens [...]. Mas ela também aponta para uma vontade de

entendimento e de superação. Aliás, está pedindo esse entendimento, pedindo que se explique o que é que está se passando, de modo a alicerçar um entendimento que produza um sentido (Santos, 2000, pp. 60-61, citado por Seabra.).



54

J— *Você lembra quando eu fazia brincadeira boba, o quanto chato eu era?*

E: — *Qual brincadeira boba?*

J: — *No Floriano Center. Ficava gritando. Mas eu sou gente boa?*

E: — *Sim, Junior, isto acontecia e realmente era chato. Mas você é uma pessoa muito boa.*

J: — *Faz tempo que não te vejo, Aline. Você sumiu, né?*

E: — *É ruim, né?*

J: — *Também achei. Eu tô com muita dor de cabeça. Fiquei acordado à noite. Me falam que nenhuma mãe gosta de filho acordado na noite. Você gosta dos seus meninos acordados à noite, Aline?*

E: — *Não. Uma noite de sono é necessária. Todos dormindo às 21 horas!*

J: — *Você gosta de Bauru?*

E: — *Gosto.*

⁵⁴ Foto feita em uma oficina Itinerante na cidade de Uberlândia em 2008.

J: — *eu faço com presunto, tomate, alface e a cebola. E, eu, tô de parabéns?*

E: — *Você está ótimo! Eu tô gostando de ver! Tá bom. Muito obrigada pelo seu tempo. Foi muito bom conversar com você.*

J: — *Vem mais uns dias aqui, viu? Posso ir no meu quarto, Aline?*

E: — *Sim, querido. Já pode ir.*

J: — *Tchau viu.*

Ensaio de uma despedida para o fim de uma temporalidade enriquecedora que construiu um espaço de criatividade companheirismo e contenção naquela relação.

Talvez não mereçamos imaginar que haverá outros verões; se eles vierem, nós os receberemos obedientes como as cigarras e as paineiras — com flores e cantos. O inverno — te lembrás — nos maltratou; não havia flores, não havia mar, e fomos sacudidos de um lado para outro como dois bonecos na mão de um titeriteiro inábil. Ah, talvez valesse a pena dizer que houve um telefonema que não pôde haver; entretanto, é possível que não adiantasse nada. Para que explicações? Esqueçamos as pequenas coisas mortificantes; o silêncio torna tudo menos penoso; lembremos apenas as coisas douradas e digamos apenas a pequena palavra: adeus. A pequena palavra que se alonga como um canto de cigarra perdido numa tarde de domingo. (Braga,R. 1967.p 83)

E assim, terminou a conversa, depois a mãe de Junior trouxe uma Coca-Cola e um bolo de fubá, proseamos um pouco, ela me disse o quanto foi importante as Oficinas Itinerantes, e que ela pediu àsicineiras atuais para saírem com eles, para não ficarem apenas em um lugar fechado. E brinco com ela dizendo:

E: — *Nossa, lembra que tudo começou por um acaso?*

⁵⁵Mãe de Junior: — *Lembro que eu achei a maior loucura do mundo. E agora peço para as meninas não pararem. Pois se damos pouco a ele. O Junior se acostuma. E fica ali. Parado, no mesmo lugar. Pra você ver. A televisão do quarto dele estragou. Eu deixei um tempo, para ver se ele ia pra sala, ou fazia outra coisa. Ele*

⁵⁵ A consoante M refere-se a Mãe de Junior.

ficou lá ligando a televisão no chiado mesmo. Então temos que mostrar coisas diferentes. Senão ficam onde estão.

E: — Que bom. E tem que sair com ele, porque ele gosta muito, é uma pessoa que adora fazer novas amizades, ele nos apresentou o seu Zé, o Juarez, a Maria entre outras pessoas do Floriano Center.

M: — Verdade. Junior ama conversar.

E: — Então, muito obrigada por me receber. Por me dar esta entrevista.

M: — Nada. Saudades.

E: — Saudades, também.

M: — Qualquer dia vem tomar café conosco.

E: — Sim, vamos marcar.

A entrevistadora caminha com a lembrança do Menino Maluquinho:

Ele deitava e rolava pintava e bordava

e se empanturrava de bolo e cocada

E ria com a boca cheia.

Meu neto é um subversivo!

gritou o avô.⁵⁶

⁵⁶ Trecho do Livro “o menino maluquinho”.

3.4 Entrelaça-mentes: as possibilidades da rua.

A partir dos olhares descritos nas entrevistas vamos desenhando a itinerância e nossa construção sobre as várias histórias contadas pelos nossos personagens. “Uma ideia na cabeça e um instrumental operativo impresso em uma postura interrogante-interpretante às mãos, mais fundamentalmente, n’alma, poderemos nos achar pesquisando com o método psicanalítico” (Romera, 2004, p. 267).

De acordo com Herrmann (2001a), quando é estabelecido um processo de conversação, há uma espécie de acordo comum, o qual faz com que os dizeres se encaminhem para um determinado tema e sejam compreendidos a partir do mesmo. Seguindo este princípio, a metodologia utilizada para as entrevistas, considerou as informações surgidas entre a entrevistadora e os entrevistados que operavam no campo estabelecido pelo contato entre ambos. Deste modo, o material resultante não se refere a uma análise apenas dos sujeitos, mas da relação destes com a entrevistadora, revelando o reconhecimento da prática de Oficinas itinerantes nas ruas a partir deste entrelaçamento de olhares sobre uma mesma prática. “Esse tipo de entrevista tem como objetivo saber o que é mais premente dentro dessa pessoa, para se comunicar”. (Herrmann, 1993, p. 152). E, assim, surge deste contato, a emergência de sentidos revelados no “entre”.

A primeira história foi construída no início da pesquisa entre a personagem Dasdores e a investigadora, que se coloca como Entrevistadora. Neste momento, estávamos com o intuito de afirmar uma prática. Houve um maior afastamento da entrevistadora, para pesquisar uma ideia pronta. No decorrer da entrevista, aos poucos, a entrevistadora percebe que faz parte da história construída, não conseguindo manter o afastamento tão divulgado por saberes científicos positivos. E assim, deixando agir o método psicanalítico, revela-se em Dasdores a Oficina

Itinerante, como uma saída possível a uma outra lógica de serviço substitutivo. Parte daí uma nova forma de clínica em que Dasdores revela a prática. E ela deixa a frase:

- Fui me acostumando com as saídas. Fui acostumando. Começando a observar os lugares, as pessoas, fui começando a ver a cidade. Eu faço a minha vida hoje.

Dasdores revela a rua enquanto espaço concreto de questionamento, ruptura e projeção social, em que podemos vislumbrar perspectivas emancipatórias. Ela nos mostra a prática das Oficinas, seus medos e sua superação bem como suas conquistas e mudanças.

Na segunda história, a entrevistadora se veste como Sancho Pança. Já não houve a busca de afastamento. Na verdade, esta vira uma personagem. E se propõe caminhar lado a lado aquele a quem chama de Dom, e assim constroem uma narrativa rica de acontecimentos e sensações. Dom nos mostra que a Itinerância não está apenas no lugar físico mas, sim, nas construções e nas percepções que fazíamos juntos. Dom nos leva a pensar que a nossa Itinerância iria além das ruas. O pensar, o dialogar e os pensamentos, bem como o caminhar, também possuem suas Itinerâncias.

- “Eu gostava mais de sair, Mas depende. Às vezes era bom estar na sala. Às vezes tem coisas que a gente não gosta de falar também, né?”

Dom nos revela a inevitável situação de confrontação externa e de vivenciamentos internos que exige uma postura de constante enfrentamento, que vai do cotidiano social ao individual com todas as suas contradições, fraquezas e potencialidades.

Na terceira e última história a Entrevistadora vira a consoante E. Sua proximidade e seus olhares são mais amplos. O olhar investigativo toma outro rumo. A

relação floresce e as histórias contadas nos mostram a importância das pessoas. Um grupo é formado por pessoas e a sua importância vem das relações construídas neste movimento.

- Você conhece a Guida? Você conhece a Cristina? Você se lembra do Ricardo? Da Liza? Da Ludymilla? do Fernando? Do We?

Rompe-se um campo. Júnior nos faz enxergar que Oficinas Itinerantes são Pessoas! É por isso que cabe à clínica promover rupturas de campo, o que coloca em suspenso as representações. Romper um campo significa permitir a dissolução de estruturas paralisantes e, conseqüentemente, a emergência de novos possíveis, através da instalação de novos campos. É isso que um analista faz quando coloca em movimento o método psicanalítico:

Este, ao contrário do que vulgarmente se crê, não discute pontos de vista a partir de seu conhecimento teórico; ele faz com que sentidos diferentes do discurso do paciente, escutados e apreendidos fora do tema proposto por ele, entrem em contato, às vezes em choque. (Herrmann, 2001b, p.53).

Com estas entrevistas enxergamos outros significados de Oficinas Itinerantes. A primeira história define Oficina Itinerante como: **a prática**, a segunda história, contrapõe a primeira nos revelando outro significado: **o pensamento** e enfim a terceira história rompe um campo, nos mostrando que as oficinas Itinerantes são de fato **pessoas**. Mostrando que nossa clínica é **Uma Prática de Pensamentos e Pessoas Itinerantes!**

As Oficinas Itinerantes revelam expressões visíveis e vivas pois estão em constante transformação. Transformações estas que se pautam pelas relações sociais e pessoais tensas em que nossos personagens estão inseridos e/ou que vivenciam

internamente. Os movimentos desta clínica itinerante são, pois, por si só, o encontro entre teoria e prática. É no processo mesmo, enquanto espaço de construção constante, consciente e coletiva, que se vão estabelecendo as condições de ruptura individual e social.

De fato era inacreditável, eram rascunhos de partituras originais. Era música acabada⁵⁷ como qualquer outra. Substituindo uma nota se empobreceria. Substituindo uma frase, a estrutura desabaria. Estava claro para mim. Aquele som que eu ouvia não fora um acidente. Outra vez. Era a própria voz [esganiçada da loucura]⁵⁸. E eu observava através daquelas meticulosas anotações. (Amadeus, 1984).

A Itinerância desta clínica ainda está posta, pronta para encontrar saídas e tornar o processo terapêutico em uma constante criação.

⁵⁷ Frase dita por Salieri no filme, ao ver um esboço de partitura de Mozart.

⁵⁸ Interferência da entrevistadora.

5 – Considerações Finais: por um movimento Pós-Antimanicomial



59

Internação

Ele entrava em surto
 E o pai o levava de carro para
 a clínica
 ali no Humaitá numa
 tarde atravessada
 de brisas e
 falou
 (depois de meses trancado no fundo escuro de sua alma)
 Pai,
 O vento no rosto
 É sonho, sabia?
 (Ferreira Gullar)

⁵⁹ Wagner Schwartz em “Transobjeto”, no programa Rumos Itaú Cultural Dança 2004.

No decorrer desse trabalho com a Clínica Itinerante o que fica é uma inquietação para um próximo passo. Percebendo a não sustentação das atuais formas de pensamento sobre as práticas de oficinas oriundas dos pensamentos científicos do século anterior, instaura-se em nossa escrita, dez anos após a entrada do século XXI, a necessidade de questionar o *script* lançado sobre as formas de substituição do manicômio.

A reforma psiquiátrica pode ser considerada atualmente um processo exitoso, porém, inacabado, ainda restam transformar algumas imposturas quando pensamos na política e no cenário em saúde mental. Podemos afirmar que a produção sociocultural antimanicomial emergente no contexto da reforma psiquiátrica brasileira, vem conseguindo articular arte e comunicação em prol do respeito à diversidade, à diferença e à liberdade. Mas ainda, há uma falta de presença significativa nesse interstício. Falta a produção de novos glossários sobre a loucura para que ela própria possa atuar em conjunto com outros saberes, assim facilitando sua reinserção na rede complexa e dinâmica das trocas sociais, políticas, econômicas e simbólicas.

Há algum tempo, quando convidamos alguns usuários para irmos à praça comemorar o dia 18 de maio, Dia da Luta Antimanicomial, ouvimos de um deles a seguinte frase: “Isto já está virando fanatismo!”.

Isso merece uma reflexão:

Será que o Dia da Luta Antimanicomial virou uma crença, em que todos os fiéis devem estar na praça com suas alegorias, entoando hinos libertários e pregando a sua forma de vida para todos os transeuntes? Se já está sancionada uma lei que nos abriga, não seria a hora de seguir a diante, sair dos exemplos espalhados mundo a fora e já plenos de convicção sobre a revolta? Não seria a hora de escrever uma outra narrativa para esse corpo que já foi colonizado, descolonizado, historicizado, concluído, morto? Ora, se estamos vivos e diante de nossas próprias convicções retiradas de uma experiência nevrálgica de relações feitas através de muito estudo-e-prática, estaríamos nós sabendo ouvir-nos? Ou aderimos à ideia ficcional e oportuna

da luta, ou continuamos nosso trabalho a partir desse acordo vivo com as formas de linguagem que surgem no confronto diário entre o prazer e as inquietações de nossas dinâmicas.

Ao aceitar a complexidade, do movimento permite-se o surgimento de uma experiência de construção de novas subjetividades como outras novas formas de ser e estar no mundo, aceitando o caos e valorizando a diferença, tomando em consideração as particularidades.

Amarante (2007) afirma que o objetivo da luta antimanicomial é construir outro lugar social para a loucura e para a diferença. Um lugar que não seja ausência de obra. Para ele, “manicômio é sinônimo de um certo olhar, de um certo conceito, de um certo gesto que classifica desclassificando, que inclui excluindo, que nomeia desmerecendo, que vê sem olhar” (p. 49).

A reforma psiquiátrica absorve a luta antimanicomial e se torna uma metáfora das política de forças, sufocando novas tentativas de criação ou possibilidade de se pensar em estratégias diante da grande demanda no serviço, legitimando o padecimento de nossas equipes de saúde mental. O senado (maio de 2009) reuniu especialistas para nova discussão. Houve uma manifestação a favor da luta antimanicomial. O Ministério da Saúde ainda defende a extinção dos hospitais psiquiátricos, mas reconhece, contraditoriamente, que o atendimento atual é insuficiente. Assim, pensando neste trânsito, onde assistimos a luta antimanicomial perdendo um pouco do seu fôlego, e os prós-manicomial querendo retroceder um passo que nos foi histórico e humanizador, me vem, enquanto ponto de fuga uma nova construção de todas essas implicações políticas: pensar em uma produção Pós-Antimanicomial:

Na medida em que deixamos de nos ocupar da doença e nos ocupamos dos sujeitos, o tratamento e as instituições de cuidado deixam de significar apenas a prescrição de medicamentos, a aplicação de terapias, para tornar-se um ocupar-se cotidianamente do

tempo, do espaço, do trabalho, do lazer, do ócio, do prazer, do sair, fazer alguma coisa, construir um projeto, uma atividade, organizar uma atividade conjunta. Em outras palavras, trata-se de construir possibilidades materiais para os sujeitos. (Amarante, p. 50)

A ação pós-antimanicomial não é estática. Tem, em seu fundamento, as lembranças do passado, vive o presente e prescreve o futuro. Ela não cria núcleos de tempo, mas os agrupa, assim como é formado o fluxo de pensamento e das paisagens. A partir da noção de movimento constante, descrevo este momento como uma condição de resistência aos personagens contemporâneos que sofrem dos males da vida cotidiana, das rápidas resoluções, da burocratização, do desespero e da falta de motivação. A ação pós-antimanicomial se propõe reconstruir um espaço de sustentação que tem como engenho a criatividade e, em momento algum, a espera que as mudanças sociais ocorram fora de suas próprias práticas. A reconstrução de novos saberes e práticas acerca de oficinas terapêuticas é o recurso mais utilizado nos serviços substitutivos de saúde e geram, dentro deste paradoxo, caminhos flexíveis em contraponto aos caminhos consensuais das instituições.

Segundo Dimenstein (2005),

É imprescindível fazer das oficinas espaços de discussão e desconstrução dos valores que fundamentam nossas ideias e práticas, abrindo possibilidades para cada um possa estabelecer novas conexões, criar territórios existenciais atravessados por outros valores que não sejam somente os que se aprisionam numa vida aparentemente sem riscos. Esta é uma batalha contra forças invisíveis que moldam as formas de vida vigentes, contra uma clausura subjetiva que tende à uniformidade, à homogeneização, à redução das infinitas possibilidades de vida. (p.25)

Dito assim, mesmo que as Oficinas Itinerantes proporcionem espaço para reflexão das ações dos usuários, incentivando-os à desdobrarem outras práticas sociais e à redescoberta de lugares e prazeres peculiares outrora adormecidos, é

necessário pousar os olhos para a construção constante do presente. Pois esta também com toda sua possibilidade de ação, pode tornar-se repetitiva e acabar por tornar-se surda às vozes da loucura.

Depois deste processo, despindo-me de meus conceitos e permitindo-me ser guiada pela mesma potência da loucura, compartilho que se faz necessário a ressignificação das ações também impostas por nós militantes de instaurar a Luta Antimanicomial como se fosse a única saída. Esta foi e é uma grande conquista, mas temos que deixá-la seguir adquirindo movimento e novas configurações diante das especificidades humanas que se apresentam na contemporaneidade.

Neste entroncamento entre política e clínica, geografia e psicanálise, Milton Santos e Fábio Herrmann, instauram-se as Oficinas Itinerantes com toda a sua criação contínua de novas formas, de novos territórios, de novas subjetividades. Habitamos cada vez mais espaços e somos lembrados cotidianamente que trabalhamos com a saúde mental e que precisamos estar sempre atentos para que o cotidiano não nos capture instaurando a lógica do conformismo e da repetição. E, como não poderia deixar de ser, as últimas frases desta dissertação, que é sem dúvida uma de nossas maiores descobertas, é a ressonância do significado da ideia de oficinas, que Junior nos presenteou. De tão precisa, só poderia sair da voz da loucura:

— *Oficinas Itinerantes são a Guida, Dasdores, Junior, Dom, Zé, Chris, Cláudio, Aline, Maria, Seu Zé, Juarez, Cristina* (entre tantos outros nomes em suas diferentes funções e subjetividades.)

Mais do que dispositivos a serem usados por uma prática clínica, as oficinas são pessoas. Estas a constroem e reconstroem individual e coletivamente, numa ação contínua e viva; assim como a proposta de uma clínica que se move em busca de atravessar as imposturas deixadas pelo consultório padrão, a fim de colocar a estabilidade do divã, método interpretativo, a passeio, para que surjam novos sentidos produzidos pelo desvelamento de suas regras, dando seguimento aos vetores infinitesimais da itinerância.

5. Referências

Albuquerque, M.P. (2010) *O que diz de nós o delírio? uma compreensão psicanalítica sobre as relações na saúde mental*. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Aplicada) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia –MG.

Amarante, P. (1995). *Loucos pela Vida: a trajetória de reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: SDE/ENSP.

_____(2007) *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz.

Amarante, P. e Rotelli, F.(1992) *Reformas psiquiátricas na Itália e no Brasil: aspectos Históricos e metodológicos*. In: *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Bezerra,B. e Amarante, P(org) Rio de Janeiro: Relume Dumerá editora.

Andrade, D. C. (1930). *Poema de Sete Faces*. Em: *Alguma Poesia*. Belo Horizonte. Editora Pindorama.

_____(1928) *No meio do Caminho* . Revista de Antropofagia . Belo horizonte. Editora Pindormama

Baptista, L. A. (2003) *A reforma psiquiátrica e o cotidiano nos serviços residenciais: a formação dos profissionais da saúde mental em questão*. In: Jacó-Vilela, A. M.; Cerezzo, A. C.; Rodrigues, H. B. C. (Orgs.). *Clio-Psyché paradigmas: historiografia, psicologia, subjetividades*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, p.225-234.

Barone, L.M.C. (2002). *O Psicanalista: hoje e amanhã*. (ORG). São Paulo: Casa do Psicólogo

_____(2006) *A escrita do analista: investigação, teoria e clínica*. *Jornal da Psicanálise*, v.39 n.71 São Paulo dez. pp 228 e229

Baudrillard, J. (1997) *Tela total*. Porto Alegre: sulina.

Baumann, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____(2003) *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* / tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

_____(2009, 26 de setembro). Zygmunt Bauman: 'Estamos constantemente correndo atrás. O que ninguém sabe é correndo atrás de quê' [Entrevista cedida ao Jornal O Globo]. O Globo, p.5

Buarque, C. (1977). *Cidade ideal*. In Os Saltimbancos [CD]. Rio de Janeiro: Universal Music Brasil.

_____(1978). *Até o fim*. In *Samambaia* [CD]. Rio de Janeiro: Universal Music Brasil

_____(1981), A cidade dos Artistas. Gravada por Elba Ramalho e os Trapalhães Em: "Saltimbancos Trapalhães". (LP/CD). Rio de Janeiro: Philips/Polygram

Belloc, M.M. (2005) *Ato criativo e cumplicidade*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Bianchini,P.C. ,Miller,P.R.M.,Bianchini,F(2002). "*Agroflorestas na terra indígena Kaxinawá do Rio Humaitá: Interculturalidade e tradição no Acre*". Em: Experiências PDA. v.3. agosto.p 61 <http://www.cienciamao.usp.br>.

Birman, J. A (1993) *Prosa da psicanálise*. In: Ensaio de Teoria Psicanalítica, 1. Parte: Metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade. Rio de Janeiro: J. Ziar, pp.25-37.

_____(2003). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Brasil. Ministério da Saúde. (2004) *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília, DF, 2004.

Braga, R. (1967). *A traição das Elegantes*, Rio de Janeiro. Editora Sabiá. p.83.

Brum, Janaína (2011) Recuperado em (2 de fevereiro de 2011), de <http://entrealoucuraarte-janabrum.blogspot.com>

Cândido A; Romera M.L.C., Campos, F.N; Alvarenga, C;(2008) *Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental: Que Clínica é essa?* In Monzani, J; Monzani, L.R. (org.). *Olhar: Fábio Herrmann – Uma viagem Psicanalítica* – São Paulo: Ed. Pedro e João Editores/ CECH – UFSCar. Pp. 209 e 217.

Campos, F. N.(2005) *Contribuições das oficinas terapêuticas de teatro na reabilitação psicossocial de usuários de um CAPS de Uberlândia-MG*. Dissertação (mestrado em Psicologia Aplicada) Universidade Federal de Uberlândia.

Castro, I. E.(2002) *Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política*. In: Yázigi, Eduardo (org.). *Paisagem e Turismo*. São Paulo: Contexto, p.121-140 (Coleção Turismo)

Castells, M. A(1999) *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

Cesarino, A. C. (1991) *A rua e o social de cada um*. In: *A rua como espaço clínico: acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Escuta p.109-118.

Cervantes, M.C (1978) *Dom Quixote De La Mancha*; tradução dos Viscondes Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural.

Campos, F. N.(2005) *Contribuições das oficinas terapêuticas de teatro na reabilitação psicossocial de usuários de um CAPS de Uberlândia-MG*. Dissertação (mestrado em Psicologia Aplicada) Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia/MG.

DaMatta, R. A. (1985). *A Casa e a Rua. Espaço: Cidadania, Mulher e Morte No Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense

Dalmolin, B. M. (2006) *Esperança equilibrista: cartografias de sujeitos em sofrimento psíquico*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Debord, G.(1958). *Théorie de la Dérive*. Em: Internationale Situationniste, nº2. Recuperado em 6 de julho de 2010 de <http://www.bopsecrets.org/SI/2.derive.htm>

Delgado, P.; Leal, E. ; Venâncio, A. (1997) *O campo da atenção psicossocial in: Anais do 1º. Congresso de Saúde Mental do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, TeCora

Dimenstein, M; Cedraz. (2005) A. *Oficinas terapêuticas no cenário da reforma psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não*. Revista Mal-estar e Subjetividade.volume V n. 002. Setembro. Universidade de Fortaleza. Fortaleza. pp.300-327.

Dimenstein, M; Liberato, M.T.C. (2009) *Para uma Psicologia em movimento: Reflexões sobre o Encontro com a arte, a clínica e o corpo no contexto da reforma psiquiátrica* in Fractal: Revista de Psicologia, v. 21 – n. 1, p. 163-176, Jan./Abr. Rio de Janeiro.

Domingues, M.A. (2009) *A psicanálise e a arte: a construção de ofícios terapêuticos em Saúde Mental*. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Aplicada) – Universidade Federal de Uberlândia.Uberlândia -MG

Eco, U. (1997) *o pêndulo de Foucault*. Rio de Janeiro. Editora Record.

Emerson, R. W. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme> Recuperado em 22 de fevereiro de 2011.

Falcão Vasconcellos, L.G.(2008) *Lugar e Educação Urbana*. Uberlândia: PROEX/UFU, PEIC 2007 e Instituto de Geografia.

Ferrari E Perez.(2008) *Implantação do setor de educação do IEB*. Rev. Inst. Estud. Bras. [online]., n.47, pp. 225-228.

Figueiredo,L.C. e Minerbo,M. *Pesquisa em Psicanálise: algumas idéias e um exemplo*.jornal de Psicanálise. São Paulo,v.9,n.70, p.257-278,jun. 2006.

Foucault, M. (1984). *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____ *História da Loucura*. 8ª. Edição, São Paulo: Perspectiva: 2005.

Frayze-pereira, J. A. *Crise e cidade. Por uma poética do acompanhamento terapêutico*. In: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.). *Crise e cidade: acompanhamento terapêutico*. São Paulo: EDUC, 1997, p.19-35.

Freud, S. (1950). *A Negativa*. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 217-21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

Galletti, M. C. (2004) *Oficina em saúde mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico*. Goiânia: Editora da UCG.

Guerra, A. M. C. (2004) *Oficinas em Saúde Mental: Percurso de uma História, Fundamentos de uma Prática*. In *Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental - Sujeito, Produção e Cidadania*. Rio de Janeiro: Contracapa.

Goffman, E. (1999) *Manicômio, Prisões e conventos*. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva.

Herrmann, F (1991). *Andaimes do Real: O método da Psicanálise*. São Paulo. Brasiliense.

_____. (1993) *Uma aventura: a tese psicanalítica* (Entrevista com Fábio Herrmann) in: Silva, M.E (coord.) *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus pp.133 a 157

_____. (1999a). *O que é Psicanálise: para iniciantes ou não...* São Paulo: Psychê.

_____. (1999b) . *A psique e o Eu*. São Paulo, Editora HePsyché,

_____. (2001a) *O divã a passeio: a procura da psicanálise onde não parece estar*. São Paulo: casa do psicólogo.

_____. (2001b). *Introdução a Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2001c). *Andaimes do Real: Psicanálise do cotidiano*. 3^a ed. São Paulo: Casa do Psicólogo

_____. (2003a). *Duas Notas sobre o itinerário da Psicanálise*. Revista de Psicologia da Usp, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 79-88.

_____. (2003b) *Clínica Psicanalítica: A arte da Interpretação*. 3ª. edição. São Paulo: Editora casa do Psicólogo

_____. (2003c) *A travessia da incerteza (sobre a clínica extensa no consultório)*. In: *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, 36(66/67): 167-194.

_____. (2005) *Clínica extensa*. In Leda M. C. Barone et. alt. (org.) *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 17-31.

_____. (2003d) *Psicanálise e Política – no mundo em que vivemos* - Publicado em *Revista Trieb* da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, 2003, vol.II, nº 2, págs. 235 a 263.

_____. (2004) *Apesar dos Pesares*. Texto inédito apresentado como conferência na sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em abril.

_____. (2005) *Clínica extensa*. In Leda M. C. Barone et. alt. (org.) *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 17-31.

_____. (2006) *Andaimes do Real: Psicanálise da Crença*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. & Lowenkron, T. (2004). *Pesquisando com o Método Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. & Minerbo, M.(1998) *Creme e Castigo – sobre a migração dos valores morais da sexualidade à comida*. In: Carone, I. *Psicanálise fim de século*. São Paulo, Hacker.pp.19-36.

Herrmann, L. (2007) *Andaimes do Real: A construção de um pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1ª. Edição.

Hirikoshi, K.; Johnson, G.; Kuroiwa, H.; Newman, P. (Produtor), & Wang, W. (Diretor). (1995). *Cortina de Fumaça* [Filme-vídeo]. EUA: Miramax Films, Eurospace, Internal, Neue Deutsche Film GmbH, Smoke Productions.

Jobim, T.e Deodato, E.(1964) Música: Inútil Paisagem. Em "Inútil Paisagem" Gravada por : Tom Jobim. Fontana / phonogram discos do Brasil

Khoury, M.G.(2009) Sexualidade sem o erotismo: em busca de um corpo anônimo Recuperado em 20 de fevereiro de 2011. Disponível febrapsi.org.br/publicacoes.php

Lacan, J. (1998) *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*. In: Lacan, J. Escritos. (1936;1948). Ziar. Rio de Janeiro.

Lara, Figueiredo, Campos e Silva (2009) *Telescópio? Instrumento de Divulgação e Incentivo para o Estudo de Astronomia nas Escolas*. In Revista Latinoamericana de educação em Astronomia. SNEF: <http://www.cienciamao.usp.br>

Le Breton, D. (2006) *A Sociologia Do Corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lelis, C.; Romera, M. L. C.(1997) *Musicoterapia nas oficinas terapêuticas*. Revista Brasileira de Musicoterapia. Rio de Janeiro: 1997. 2 (3). p. 41-49

Lima, J.T.S (2010) *caminhos possíveis para a reabilitação psicossocial assistida em Saúde Mental*. Dissertação (mestre em serviço social) PUC/RJ.

Lopes, (1996) apud GALLETTI, M. C. *Oficina em saúde mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico*. Goiânia: Editora da UCG, 2004, p.32

Machado, L.D.; Lavrador, M.C.C.(2007) *Subjetividade e loucura: saberes e fazeres em processo*. Vivencia (Natal), n.32, p.79-96.

Machado, Roberto [et al] (1978) *.Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Graal, p.376 e 439.

Marcos, C. M. (2004) *A Reinvenção do Cotidiano e a Clínica Possível nos Serviços Residenciais Terapêuticos*. Revista Psychê de Psicanálise São Paulo. V. 14. P. 179-190, julho/dez.

Menezes, L.C.(1999) *Hamlet, o dinamarquês*. In Jornal de Psicanálise, SP, vol32, nov.

Merleau-Ponty, M. (2007). *O visível e o invisível*. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva,

Oliveira, J. A. M.; Passos, E. H. (2007) *A implicação de serviços de saúde mental no processo de desinstitucionalização da loucura em Sergipe: um problema clínico-político*. Revista Vivência, UFRN/CCHLA, Natal, n. 32, p. 259-274, jan./jun.

Oliveira, C.G., Santos Júnior, D.N. (2010) *Cartografia através de modelos táteis; uma contribuição ao ensino de deficiente visuais*. Em: Revista Educação especializada, santa Maria. V23, no.37. pp 217-240 maio/agosto.
Disponível: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>

Pedrosa, M.(1996). *Arte, necessidade vital*. In: ARANTES, O. (org.). *Forma e percepçãoestética: textos escolhidos II*. São Paulo: Edusp. p. 41-58.

Pinto, Z. A.(2005) *O menino maluquinho* [ilustrações do autor]. Ed. São Paulo, SP: Melhoramentos.

Quintana, M. (2005). *Mario Quintana: Poesia Completa* . Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Rauter, C. (2000). *Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas*. In P. Amarante (Org.), *Ensaio: Subjetividade, saúde mental, sociedade* (pp. 267-277). Rio de Janeiro: Fiocruz

Romera, M.L.C. (2002). *Postura Interrogante e Interpretante : Por quem os sinos doam?* In L. M. C. Barone, *O Psicanalista: Hoje E Amanhã* (p. 50). II Encontro Psicanalítico da Teoria dos campos. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____ (2004). *Método psicanalítico: o verso e o reverso da ocupação de um lugar*. In: Pesquisando com o Método Psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rodrigues, T. (2004). *Uma mecânica da dor: Kafka-Foucault e o horror ao horror*. In E. Passetti (Org.), *Kafka-Foucault: Sem medos* (pp.157-176). Cotia, SP: Ateliê

Rosa,G. (1988). *A Terceira margem do Rio*. In G. Rosa, *Primeiras Estórias*). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Rossi, Ghirlinzoni, Gonçalves, Micheletto, Brandão, Alves, Soares, Macedo, Caetano, Rachide, Malatesta, Silva, Reis, Nunes e Borges (2008), *Oficina de rua: uma experiência extra muro*
Disponível: http://www.fafich.ufmg.br/prisma/images/stories/Docs/qt1/Oficina_de_rua.pdf

Rotelli, F.; Leonardis, O. de; Mauri, D. (2001) *Desinstitucionalização, uma outra via. A reforma psiquiátrica italiana no contexto da Europa Ocidental e dos "países avançados"*. In: Inácio, F. (Org.). *Desinstitucionalização*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, pp. 17-59.

Salles, J.M. (diretor) Ramos, M.A. (produtor) (2006) *Santiago*. Brasil: VIDEOLAR.

SANTOS, Milton (1997) *Sociedade e espaço: A Formação Social como Teoria e como Método*. São Paulo: Boletim Paulista de Geografia, n.54, jun.

_____ (1980) *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC.

_____ (1986) *Pensando o espaço do homem*. São Paulo, Hucitec. p.37-38

_____ (1994a) *o retorno do território in: Santos.M. ET AL (org). Território: globalização e fragmentação*. São Paulo HUCITEC/ANPUR.

_____ (1994b) *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC.

_____ (1996a) *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. São Paulo: HUCITEC.

_____ (1996b). *Por uma geografia nova: da crítica à geografia a uma geografia crítica*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC.

_____ (1996c) *Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência*. Boletim gaúcho e geografia. Porto Alegre, n 21, p.7-14.

_____.(1997) *A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção*. São Paulo: Edusp.

_____.(1999) *modo de produção técnico- científico e diferenciação espacial*. Revista Território, Rio de Janeiro ano IV, n.6. p 5-20. Jan/Jun

Santos, M (2001). Entrevista por, Carlos Tibúrcio e Silvio Caccia Bava. Recuperado em 12 de maio de 2009 <http://www.polis.org.br/publicacoes/artigos/entrevistamilton.htm>

_____.(2002) *Por uma geografia nova: de crítica da geografia a uma geografia crítica*. 6ª. Edição. São Paulo : Edusp.

_____. (2004) *Pensando o espaço do home*) 5ª Ed. São Paulo: Editora da USP.

Santos, M.; Silveira, M. L. (2005). *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 7 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record.

Santos, Silva, Machado, Cruz.(2005) *Onda Digital: A Universidade protagonizando a Inclusão Digital, Anais do Workshop de Informática na Escola*, XXV Congresso da Sociedade Brasileira de Computação, São Leopoldo, RS.

Santos,M.P(2006) *O espaço humanizador, a paisagem humanizada e algumas reflexões sobre paisagem de São Paulo no século XVIII e XIX*. Tese/doutorado Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, departamento de geografia USP- São Paulo.

Schwartz DE Araujo, A.M.; Nascimento,C.M.; Roza Jr, J.A. *A clínica extensa das oficinas terapêuticas: relato de uma proposta itinerante* Disponível : <http://www.fafich.ufmg.br/prisma/images/stories/Docs/qt1/A clinica extensa das oficinas.pdf>

Science, C. (1994). *A Cidade* [gravada pela banda Manguabeat, Chico Science e Nação Zumbi.]. Em: *Da Lama ao Caos* [CD] Rio de Janeiro:Sony Music

Silva(2010). Nos anais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo – RS 17 a 19 de maio . Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares.(pp1-17)

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0812-1.pdf>

Soares, M., Maia, A., Montenegro, I. Gomes, I. e Rocha, M.A.P. (2007) in : Espacio ciência, centro interactivo de ciência y tecnologia. Montevideo. Uruguay
http://www.latu.org.uy/espacio_ciencia/es/images/RedPop/EdNoFormal/034.pdf

SOFIO, F. "Literacura"? Psicanálise como forma literária. Revista Brasileira de Psicanálise (Impresso), v. 44, p. 147-153, 2010.

Shaffer, P.(roteiro) Zaentz, S. (produção) Form,M.(diretor).(1984). *AMADEUS*. {vídeo} EUA: Warner. Editora Abril. São Paulo (2008) Cinemateca VEJA, v.31

Stevenson, R. L. (1971) *O médico e o monstro*; Livros de bolso, Portugal: Europa-América.

Tundis, S. A.; Costa N. R. (org) (2001). *Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil*. Petrópolis: Vozes. .

Valladares, A. C. A.; Lappann-Botti, N. C.; Mello, R.; Kantorski, L. P.; Scatena, M. C. M.(2003) *Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais*. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 5 n. 1 p. 04 – 09, Disponível em <http://www.fen.ufg.br/Revista>.

Veloso, C. (1968) “Alegria, Alegria” Gravada por Caetano Veloso. Em “Caetano Veloso”. Rio de Janeiro (LP/CD) Philips/Polygram

_____ (1984) *“Os quereres”*. Gravada por Caetano Veloso. Em “Velô.” (LP/CD) Rio de Janeiro Philips/Polygram.

Wittgenstein, Ludwig.(2008) *O Livro Azul*. Edições 70, Lisboa, Portugal.

ANEXOS

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Oficinas Itinerantes - a cidade como forma de relações”, sob a responsabilidade do pesquisadora Aline Miranda Schwartz de Araújo, mestranda no curso de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, orientada pela Profª. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera.

A pesquisa consiste em disponibilizar dados acerca da vivência das oficinas itinerantes, e terão o intuito de verificar a sua potencialidade para a prática de serviços Substitutivos para pacientes com sofrimento psíquico.

As etapas serão realizadas em espaços na cidade de Uberlândia, com duração de aproximadamente 60 minutos, em que os pacientes se sintam mais confortáveis para dar a entrevista. Com intuito de relatar a experiência vivida em oficinas itinerantes e formar um registro cartográfico e de mapeamento de lugares e sensações vividos, nesta busca de ampliação territorial, criando-se assim o espaço subjetivo do louco pelo louco.

Será permitida a permanência do responsável pelo Paciente além do entrevistado e do pesquisador durante a entrevista. Caso o paciente necessite de transporte para ir ao local da entrevista o ressarcimento será na entrevista com a disponibilização de passe de ônibus.

Os dados obtidos durante a entrevista poderão ser utilizados em congressos, mesas-redondas, palestras, cursos, livros e dissertação do pesquisador. As entrevistas serão salvas no computador do pesquisador e gravadas, e a destruição das mesmas acontecerá após o término da pesquisa. Não obstante **será omitido qualquer dado que identifique o paciente pesquisado**, de acordo com as normas do comitê de ética em pesquisa.

Qualquer esclarecimento será dado ao paciente e aos responsáveis a qualquer momento da pesquisa pelo pesquisador bem como, pelo comitê de ética em pesquisa e pelo Programa de pós-graduação da UFU. Durante toda a pesquisa o paciente poderá pedir seu afastamento sem penalizações.

Eu, _____, aceito voluntariamente participar da presente pesquisa. Fui esclarecido (a) de que minha participação disponibilizar dados acerca da vivência das oficinas itinerantes, e terão o intuito de verificar a sua potencialidade para a prática de serviços Substitutivos para pacientes com sofrimento psíquico. Recebi cópia deste termo de consentimento, compreendi os esclarecimentos feitos e concordo com os tópicos acima.

-Assinatura do participante: _____

-Assinatura do pesquisador responsável: _____

-Local e data: _____

Contato:

Professora orientadora: Dra. Maria Lúcia Castilho Romera

Mestranda: Aline Miranda Schwartz de Araújo

- Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia – UFU Av. Pará, sem nº, Bloco 2C, sala 46, Campus Umuarama Telefone: 3218 2701 – 3218 2235
- Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFU - Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco J, Campus Santa Mônica Telefone: 3239 4531

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O paciente que se encontra sob sua responsabilidade está sendo convidado para participar da pesquisa “Oficinas Itinerantes – a cidade como forma de relações”, sob a responsabilidade do pesquisadora Aline Miranda Schwartz de Araújo, mestranda no curso de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, orientada pela Prof^a. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera.

A pesquisa consiste em disponibilizar dados acerca da vivência das oficinas itinerantes, e terão o intuito de verificar a sua potencialidade para a prática de serviços Substitutivos para pacientes com sofrimento psíquico.

As etapas serão realizadas em espaços na cidade de Uberlândia, com duração de aproximadamente 60 minutos, em que os pacientes se sintam mais confortáveis para dar a entrevista. Com intuito de relatar a experiência vivida em oficinas itinerantes e formar um registro cartográfico e de mapeamento de lugares e sensações vívidos, nesta busca de ampliação territorial, criando-se assim o espaço subjetivo do louco pelo louco.

Será permitida a permanência do responsável pelo Paciente além do entrevistado e do pesquisador durante a entrevista. Caso o paciente necessite de transporte para ir ao local da entrevista o ressarcimento será na entrevista com a disponibilização de passe de ônibus.

Os dados obtidos durante a entrevista poderão ser utilizados em congressos, mesas-redondas, palestras, cursos, livros e dissertação do pesquisador. As entrevistas serão salvas no computador do pesquisador e gravadas, e a destruição das mesmas acontecerá após o término da pesquisa. Não obstante **será omitido qualquer dado**

que identifique o paciente pesquisado, de acordo com as normas do comitê de ética em pesquisa.

Qualquer esclarecimento será dado ao paciente e aos responsáveis a qualquer momento da pesquisa pelo pesquisador bem como, pelo comitê de ética em pesquisa e pelo Programa de pós-graduação da UFU. Durante toda a pesquisa o paciente poderá pedir seu afastamento sem penalizações.

Eu, _____, aceito voluntariamente participar da presente pesquisa. Fui esclarecido (a) de que minha participação disponibilizar dados acerca da vivência das oficinas itinerantes, e terão o intuito de verificar a sua potencialidade para a prática de serviços Substitutivos para pacientes com sofrimento psíquico. Recebi cópia deste termo de consentimento, compreendi os esclarecimentos feitos e concordo com os tópicos acima.

-Assinatura do responsável: _____

-Assinatura do pesquisador: _____

-Local e data: _____

Contato:

Professora orientadora: Dra. Maria Lúcia Castilho Romera

Mestranda: Aline Miranda Schwartz de Araújo

- Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia – UFU Av. Pará, sem nº, Bloco 2C, sala 46, Campus Umuarama Telefone: 3218 2701 – 3218 2235
- Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFU - Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco J, Campus Santa Mônica